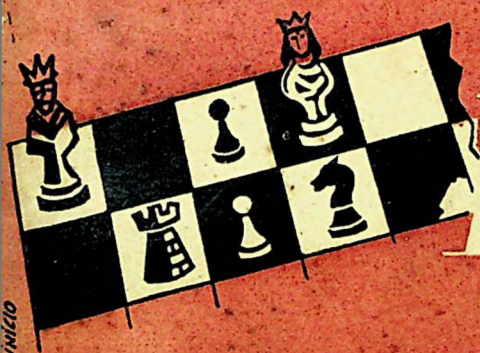


Fulton Sheen

A VIDA



MAZ

PENSAR

Editora Educação Nacional

PORTO



FULTON J. SHEEN

A VIDA FAZ PENSAR

Mais um livro — este o terceiro — contendo palestras proferidas por Mons. Fulton Sheen na Radiotelevisão de Nova Iorque.

Dispensa quaisquer comentários — tão conhecida ela é dos leitores — a figura extraordinária do Bispo Auxiliar do Cardeal Spellman.

Ardoroso apóstolo da Verdade, ilumina-ô a luz do Alto, e a sua mensagem ecoa no mundo como apelo instantâneo dirigido a todos os homens: aos que crêem e aos que não crêem.

Os seus eserítos, largamente difundidos, não carecem também que se lhes releve o valor, tanto eles se impõem pela profundidade do pensamento, pela sin-geleza da forma e do raciocínio, pelo entusiasmo que os dinamiza, pela actualidade e alcance de que se revestem.

Este livro, como o leitor terá ensejo de verificar, não desmente tais predica-dos; pelo contrário, confirma-se amplamente.

CAPTULO I

OS EFEITOS PSICOLÓGICOS DA BOMBA DE HIDROGÉNIO

São suficientemente conhecidos os efeitos físicos da bomba atômica. Uma bomba de hidrogénio explodiu, e era 600 vezes mais potente do que a primeira bomba atômica, que caiu em Hiroshima. Dizem-nos os peritos atômicos que, se houvesse uma guerra atômica, oito bombas atômicas bastariam para fazer desaparecer Nova Iorque; quatro destruiriam Washington e Chicago; duas seriam o suficiente para Detroit, Los Angeles e Filadélfia; uma bomba conseguiria aniquilar cada uma das outras dezasseis grandes cidades, ora existentes. Em vinte e cinco áreas metropolitanas, calculam-se os lesados em trinta milhões. Verificou-se igualmente que, se a bomba de hidrogénio estivesse envolta em cobalto, seria capaz de destruir toda a vida vegetal e animal dentro de uma área de 1300 milhas; quarenta destas bombas aniquilariam toda a vida no planeta. Pio XII emitiu dois grandes avisos: o primeiro em 11 de Fevereiro de 1943; o segundo no Domingo de Páscoa de 1954, em que proclamou: «Este meio de destruição é capaz de provocar uma catástrofe que ponha em perigo todo o planeta!».

Chamamos efeitos psicológicos aos efeitos que tais bombas teriam sobre a nossa conduta, o nosso carácter, e às reacções, sobrevindas em nossos espíritos e corações. Para podermos compreender como nos afectaria temos de considerar em primeiro lugar a espécie de gente, presumivelmente vítimas da explosão atômica, pois, é claro, todas as pessoas não reagem da mesma forma.

Há, na generalidade, três classes de indivíduos: os indiferentes, os bons e os maus.

Consideramos bons aqueles que obedecem à lei natural e andam à procura da vida perfeita, da verdade e do amor que é Deus, ou aqueles que, na ordem sobrenatural, tentam viver em comunhão íntima com Deus através dos méritos redtores de Cristo. No outro extremo existem as pessoas, aparentemente más. Consideramos maus aqueles que infringem os mandamentos e pecam gravemente através do orgulho, avareza, luxúria, inveja, gula ou preguiça.

Hoje não é fácil discernir quem são os bons e quais os maus. Só nos é dado ver facés; Deus e só Deus julga os corações. É muito possível que pessoas de aparência honesta tenham vontade de ser maus, não tendo porém oportunidade para tal nem talvez para uma tentação. Ao contrário, podem existir criaturas que, aparentemente más, desejariam na realidade ser boas, se houvesse alguém que lhes desse uma ajuda ou lhes ministrasse o conhecimento do Evangelho da Redenção. Para prova da falibilidade dos nossos juízos, quantas vezes pomos uma máscara de bom na face do homem perverso, e a máscara da maldade na cara do homem bom. Cada

pessoa têm um ser real. A parte superficial é aquela qua a criatura se atribui ou a forma como espera aparecer diante dos homens; o ser real é o que na realidade ela é. A explosão de uma bomba de hidrogênio, como mais tarde veremos, destruirá o ser superficial, revelando a verdade.

Entre os bons e maus há uma vasta área de espíritos e corações que vegetam na indiferença. Consideramos indiferentes os que negam a existência do Bem e do Mal, ou aqueles que não possuem a filosofia da vida e não aceitam como finalidade um Ideal. Para esses o Bem e o Mal são meros pontos de vista. A «tolerância» é etiqueta de igual valor sobre equidade e iniquidade.

Em geral, o indiferente gaba-se da sua largueza de vistas; de boa vontade escuta todas as opiniões recusando-se contudo a aceitar qualquer. Na verdade estes espíritos são tão «abertos» que as ideias passam e nenhuma permanece. Lembremos que o espírito aberto não tem maior importância do que a boca aberta. Dado o caso de a boca se não fechar sobre alguma coisa, o corpo não receberá alimento. Se o espírito se não fechar sobre a verdade, nunca conhecerá a paz.

Aceites estas três categorias gerais de pessoas, é lícito fazer a pergunta: O que acontecerá a estes grupos diversos numa guerra atômica? O que acontecerá ao indiferente? Em crise da amplitude de um bombardeio atômico, o campo da indiferença tornar-se-á mais estreito, tanto mais que a catástrofe forçará as criaturas a tomar decisões, revelando o ser verdadeiro, real ou na bondade ou na maldade. No conflito do hidrogênio tornar-se-á cada vez mais re-

duzido o número dos pragmatistas, dos cépticos e dos que apregoam uma falsa tolerância. Aqueles, todavia, que ainda permanecerão na área da indiferença, recusando-se a admitir qualquer diferença radical entre a verdade e o erro, presumivelmente volver-se-ão em esquizofrénicos ou personalidades mistas. Durante toda a existência nunca foram capazes de uma resolução acerca de qualquer assunto, fosse qual fosse: Hoje «a» é «b»; amanhã «a» é «c»; depois de amanhã «a» será «d». Numa catástrofe vêm-se compelidos a tomar uma decisão. Esta obrigação de fazer alguma coisa, que nunca fizeram durante toda a vida, fende-lhes a personalidade e termina por provocar pânico e desespero ferino.

Um camponês contratou uma vez um vagabundo para distribuir batatas, sorteando tamanho e qualidade. Deu as seguintes instruções: Põe todas as batatas boas neste monte; todas as más naquele, e as que possam ainda ser parcialmente aproveitadas põe-nas no monte do meio. Passado algum tempo o vagabundo veio ter com o camponês, dizendo: «Não posso aceitar este trabalho; vou-me embora. Endoideço por ter de tomar uma decisão». Em horas de angústia, como por exemplo no conflito atómico, a necessidade de tomar uma decisão tornará desesperados os indiferentes.

O efeito geral da guerra hidrogénica será a polarização, diversificação, separação, forçando a extremos opostos a pobre gente. A polarização obriga as pessoas a tirarem as máscaras. Desaparece, evapora-se o falso eu, e surge em todo o seu vigor o verdadeiro eu. Alguns surgirão brutalizados; outros mais sociáveis, mais amáveis. Alguns perderão o sen-

tido da honra; outros ganharão nova potência ética. Uns declarar-se-ão sinceros inimigos da lei; outros darão largas à mais ampla exaltação moral e espiritual. Uns descerão aos moldes mais grosseiros de depravação moral; outros hão-de manifestar o ideal mais alto da santidade, do heroísmo, do sacrifício. Tal qual como o soldado manifesta no calor da refrega ou covardia ou heroísmo, também na explosão atômica, a civilização será fendida em pólos e as criaturas declarar-se-ão ou pelo bem ou pelo mal.

As grandes calamidades do passado, pragas, fomes, guerras e revoluções revelam esta divisão inevitável em pólos de bondade e maldade. Pode pois esperar-se o mesmo na guerra atômica, porquanto a natureza humana nunca mudou desde o princípio.

Num estudo de polarização, Pitirim Sorokin lembra como a polarização se manifestou na praga que afectou Atenas em 430 a. C., exactamente como numa tragédia moderna, por exemplo na explosão de munições em TNT em Halifax, a 6 de Dezembro de 1917, em que milhares de criaturas morreram e ficaram feridas.

Tucídides, ele próprio vítima da epidemia, com a exactidão do historiador bem treinado, fala em primeiro lugar da polarização para a equidade e depois para o mal durante a praga ateniense.

Conta-nos Tucídides que, a despeito do enorme risco de contraírem a doença, muitos continuaram a tratar dos doentes, realizando heróicas missões de caridade.

Era este o caso especial com os que tinham qualquer pretensão ao gosto de fazer o bem; a honra obrigou-os a imolarem-se, prestando serviços nas

casas dos amigos, porque até os membros da família se cansavam por fim dos gemidos dos moribundos, e sucumbiam à violência da desgraça. Contudo, era nos convalescentes da doença que os contaminados e moribundos encontravam mais funda compaixão.

No mesmo livro: «A história da guerra peloponesiana», o autor fala-nos a seguir da polarização para o mal: «Como o desastre ultrapassava todos os limites, os homens, não sabendo o que viria a ser deles, tornaram-se absolutamente alheios a toda a ideia de coisas sagradas ou profanas.

Não era esta a única forma da extravagância dos «fora da lei» originada pela epidemia. Agora, os homens ousavam fazer cruelmente às claras aquilo que tinham feito às escondidas. Resolviam-se a gastar depressa na ânsia do gozo, considerando vida e riqueza coisas de um dia. A perseverança na obediência àquilo que os homens chamam honra perdera todo o sentido; tornara-re incerto se seriam poupados de maneira a atingirem o seu objectivo; resolvera-se que o gozo do momento e tudo o que para tal contribuisse, era a única coisa e portanto a única coisa aceitável. Reccio dos deuses ou lei humana — nada havia que pudesse contê-los. Quanto aos primeiros, consideravam de importância idêntica adorá-los ou não; afinal morria-se da mesma maneira; quanto à última, ninguém achava natural viver para ser julgado por suas ofensas ou infracções».

Em tempos modernos vemôs como as crises empurram as criaturas para os pólos do bem e do mal. Um estudo da explosão de Halifax, escrito por S. H.

Prince, com o título de «Catástrofe e Modificação Social», descreve primeiramente a tendência para a bondade: «Muitos caíam de joelhos a rezar. Não havia amargura nem queixas, sòmente um grande desejo de ajudar os menos afortunados. Um observador notou: Nunca assisti a sentimentos tão bondosos, a simpatia tão terna.

Um particular, com um dos olhos arrebentado, continuou a trabalhar todo o dia do desastre. Um motorista com uma costela quebrada continuou a transportar feridos para o hospital, interrompendo só o trabalho quando perdeu os sentidos. Viu-se um desconhecido a trabalhar entre as ruínas, embora tivesse metade da cara desfeita».

Eis ùnicamente um aspecto do quadro. Existe um outro, representativo da depravaçãõ, desmoralizaçãõ, cobiça e grosseiro egoísmo.

«Antes da catástrofe poucas pessoas poderiam conceber existirem em Halifax tantos abutres e bandidos. O desastre revelou quantos e quantos se abrigavam na cidade. Homens precipitavam-se aos gritos sobre os cadáveres para irem buscar cerveja às cervejarias em ruínas. Homens... penetravam nas casas e lojas e levavam tudo o que as mãos podiam roubar. À noite, por entre ruínas surgiam os gatunos, limpando os bolsos dos mortos e arrancando os anéis aos dedos hirtos. A uma mulher desmaiada na rua arrancaram-lhe do corpo o casaco de peles. Seguiu-se a fase dos oportunistas. Donos de casa aumentaram os alugueis a pessoas incapacitadas de pagar. Picheleiros recusaram-se a cumprir os estatutos, negando-se a um minuto mais de trabalho além das oito horas do regulamento, a não ser no caso de lhea

pagarem pelo excesso quantias extraordinárias. Tro-lhas assumiram atitudes profundamente hostis, não admitindo aos caiadores que fossem ajudar a reparar chaminés... Muitos arrancavam o último real aos angustiados, gente sem lar, mulheres e crianças ao desamparo. Empregados em transportes exigiam preços exorbitantes para se encarregarem de levar bagagens e mobiliário. Comerciantes exploravam nos preços. Um padeiro pediu a uma criancinha esfomeada trinta cêntimos por um pão».

Podemos agora perguntar: Porque será a polarização um fenómeno de todas as grandes crises históricas, portanto alguma coisa com que devemos contar durante a explosão de uma bomba de hidrogénio? Há duas razões decisivas. A primeira é a palavra «crise» que em grego significa julgamento; cada crise histórica é um espectáculo do último dia do juízo. Crises não criam o carácter; revelam-no. Contam vendedores de lenha que quando uma acha é atirada ao lume, revela todas as cores que sobre ela têm incidido — o negro da noite, a púrpura da manhã, o rubro do sol poente e o argênteo das estrelas. Da mesma forma, em tempo de crise revelam as criaturas o que nelas existe latente: o profundo amor da virtude ou a secreta luxúria. Por vezes, quando escorre aço derretido, nota-se lá dentro um glóbulo de ar. O aço parece forte até ser submetido a alta pressão; nessa altura revela-se a fraqueza oculta. Dá-se o mesmo com o carácter. Muitos são capazes de se aguentarem muito bem durante os momentos aprazíveis da história; porém, logo que ocorre uma crise, o peso da provaçãõ força-os a revelarem a fraqueza inerente.

Uma crise anda sempre ligada ao sofrimento — só o sofrimento revela o carácter. Há contudo grande diferença entre as angústias dos bons e as dos maus, tal como entre os laços com que o executor prende o criminoso condenado e os pensos que um cirurgião aplica ao doente. O objectivo do primeiro é matar; o do segundo é curar. Os crentes levam a sua cruz, mas nunca sentem a maldição. Uma explosão atómica arrancaria unicamente as máscaras, e começaria então o grande espectáculo para nos collocarmos ou ao lado dos cordeiros ou dos lobos no último dia do Juízo.

O segundo motivo para polarização é que o homem moderno vive na profundidade do seu espírito. A multiplicação das guerras, depressão geral e insegurança da existência compeliram-no a confiar menos nas coisas externas. Como resultado, viu-se forçado a recolher-se em si próprio até à profundidade do seu ser; deriva deste facto a grande importância da psiquiatria e psicanálise para o homem moderno, na sua tentativa de descobrir o que existe nos recônditos da existência.

Nas profundezas da alma deseja sondar os limites de todas as experiências; o limite porém de toda a existência resume-se em ser por Deus ou contra Deus; em crise pois, ele ascenderá para Deus ou há-de afrontá-LO.

Com entusiasmo ou com paciência, tentará colaborar mais activamente na vida de Deus, ou revoltar-se-á contra Ele na tentativa final de se divinizar a si próprio; ou o ser procura com virtuosa impetuosidade a paixão desapaixonada e a tranquilidade ardente que é a paz de Deus, ou será arrastado para

um ateísmo, em que os homens, não contentes em negarem a Deus pretendem ainda desafiá-lo. O ateísmo militante do século vinte é uma forma intensa da polarização do mal; como os comunistas sabem que não podem expulsar Deus do Céu nem tirar-lhe o trono, procuram expulsar-lhe os embaixadores da terra. Ódios menores dissolvem-se no instante em que os homens encontram um ódio maior; mas também amores menores cedem perante um amor maior. Uma bomba de hidrogénio não é mais do que fogo, e nisto é como qualquer outra crise, pois uma crise é fogo de Deus. O que acontece com o fogo depende do material sobre que incide; o ouro liberta-se de impurezas; feno arde por inteiro; a cera derrete; o barro endurece. O que acontecerá numa hora de calamidade, como, por exemplo com uma bomba de hidrogénio, dependerá do estofa moral de que somos feitos. O fogo que faz o bem é o mesmo que faz o mal; o fogo que faz o amor é também o fogo que faz o ódio.

Cada um de nós traz dentro de si o céu ou o inferno, de pé no palco da vida, esperando pela chamada no momento da crise. A bomba de hidrogénio não precisaria nunca de explodir, se os homens procurassem o alvo da justiça com zelo idêntico àquele com que procuram urânio. Se, porém, chegar a explodir, uma coisa é certa: a bondade não errará o caminho.

CAPÍTULO II

COMO É POSSIVEL PERDER A POPULARIDADE

Sobre criaturas pouco populares correm muitas definições. Ouçamos: «Uma pessoa pouco popular é aquela que quando lhe perguntam: como está? responde-nos: «É difícil saber se esse «como está?» é um cumprimento ou uma pergunta clínica». A raiz de toda a popularidade é egoísmo, orgulho ou egotismo. Uma pessoa pouco popular pode ser comparada a um ovo. A impopularidade é devida ao facto da supremacia dada ao que se chama a casca do ovo ou o ego; toda a pessoa antipática é especialista do «eu». Ego é a palavra latina para o «eu». O ego ou a casca é o falso eu; a parte interior é o ser real, constituído por todas as nossas potencialidades; o ego é aquilo que o homem pensa ser; a parte abstracta é o que na realidade a criatura é. O ego é a maneira como gostaríamos de aparecer diante dos outros; a parte abstracta é a forma como aparecemos perante a nossa honesta consciência e perante Deus.

A casca é a fachada que esconde o ser real; quanto mais espessos os preconceitos, sentimentos imaginários e ideias erradas, menos é conhecido o verdadeiro ser. A casca dura impede as boas influências humanas de nos desenvolverem o carácter, bem como impossibilita a divina influência — a graça — de poder operar nas nossas almas.

Toda a impopularidade deriva dessa casca de egocentrismo. É o vício que nunca perdoamos aos outros, mas que estamos sempre prontos a desculpar em nós mesmos. A casca é chamada às vezes complexo de inferioridade, porque as pessoas, considerando-se menos do que são realmente, desejam ostentar pretensões a grandeza. Esconde-se a fraqueza debaixo da violência; chama-se à religião «desejo de escapar à realidade» porque não há coragem para professar a fé. Actualmente, um complexo de inferioridade é um complexo de superioridade, ou um desejo extraordinário da grandeza.

Uma das manifestações do ego é o hábito de chegar tarde aos encontros combinados. No subconsciente alastra a resolução de impacientar as pessoas à espera, de acordo com o nosso belo prazer, afirmando assim a nossa superioridade sobre elas.

Há alguns anos, «The Reader's Digest» publicou a história de um jovem par que fora a um clube nocturno. Como a senhora se ausentasse por mais de uma hora, o seu companheiro chamou uma senhora da mesa mais próxima e mandou por esta uma nota à dama com quem viera, com estas palavras: «Ao menos, podia ter escrito!».

Os três caminhos seguros para perder a popularidade chamam-se:

- 1 — Jactância.
- 2 — Ridículo.
- 3 — Cinismo.

Jactância — Quanto mais poder real alguém possui, menos necessário se torna apregoá-lo; quanto

menor é o poder real, tanto mais procura acrescentá-lo, à força de lhe proclamar a existência.

O verdadeiro atleta raramente se exalta ou fala sequer das suas proezas. Os heróis da guerra sentem grande relutância em se referirem a feitos em que venceram o inimigo ou executaram qualquer façanha. Os missionários, que passaram dois ou três anos em prisões comunistas na China, raramente se referem às torturas sofridas, com receio de ouvirem exaltar a sua coragem. Os santos nunca falam da sua santidade; eis por que é muito difícil retratar no palco um homem verdadeiramente religioso. Muitos padres pensam ser necessário apresentarem-se de mãos postas, assumindo atitudes pietísticas. O verdadeiro santo esconde as suas virtudes, mas o homem que deseja impressionar os outros com a sua santidade, cultiva um certo tom de voz e até junta as mãos em postura, sugestiva do hábito de rezar. Um homem culto não precisa nunca de levar consigo os livros, escritos por ele, de maneira a todos poderem vê-los; um ignorante, porém, que deseja parecer letrado, tem de usar palavras tão longas que deveriam até aparecer em série. A criatura com o direito de se vangloriar nunca o faz. Quando o poder não é real, para sugerir a impressão de que o é, servem-se então do elogio próprio.

O vago é o que faz mais barulho. Muitos gabam-se da universidade que frequentaram, procurando o reflexo da universidade sobre os seus conhecimentos, já que estes não honram a universidade. Pensam tais criaturas que, dizendo qual o colégio que frequentaram, tirareis conclusões do colégio e não dos conhecimentos que possuem ou não possuem.

Há muitas universidades de difícil ingresso, mas donde é fácil sair. Outros vangloriam-se da sua árvore genealógica, esquecidos de como muita árvore genealógica teve início num enxerto. Outra forma de ser pouco popular é a que deriva do elogio à própria riqueza, ou ao facto de ser autodidacta aquele que de tal se gaba. Prova-nos essa constante alusão ao dinheiro que essa gente enriqueceu com grande pasmo seu. Logo que um destes autodidactas começa a beber, dá logo princípio à conversação com estas palavras: «Deixem que lhes conte como encetei a minha carreira; era um rapaz pobríssimo, sem um real». Estas pessoas só começam a apreciar a pobreza, quando são ricas.

Muitos destes autodidactas são um belo exemplo do trabalho, mas do trabalho sem virtude. Contudo é necessário dizer para crédito de tais criaturas, que libertam o Senhor de uma soma terrível de responsabilidades. É universalmente verdade que a mulher de um destes autodidactas práticos é obrigada sempre a corrigir muitas afirmações. Na sua vaidade o autodidacta confunde sempre o facto de *ter* alguma coisa com o de *ser* alguma coisa.

Tolstoi conta-nos a interessante história de um homem, a quem prometeram ser sua toda a riqueza que pudesse juntar, do romper do dia ao pôr do sol. Seria dele a terra que pudesse delimitar do princípio ao fim do dia. Ávido de possuir, começou a correr até à extrema fadiga; à tarde notando ser-lhe preciso correr ainda mais para completar o espaço ambicionado, pois em breve o sol desapareceria, tanto se esforçou que foi cair desfalecido junto do alvo que ambicionava alcançar, morrendo de exaustão.

Recebeu tudo aquilo de que carecia — alguns palmos de terra.

Ridículo — Há dois motivos que originam o ridículo. O primeiro explica-o Thomas Jefferson: «Só se oferece o flanco ao ridículo, quando a razão está contra nós». Quando os inimigos do Redentor não podiam vencer os Seus argumentos, chamavam-lhe dementado. As calúnias do comunismo contra a democracia nascem da consciência profunda de como a razão, a natureza humana e a experiência tornam insustentável a posição comunista. Nos Estados Unidos, incapazes de defrontar a superioridade económica do mundo ocidental por meio de argumentos racionais, os Sovietes recorrem à calúnia e ao insulto. Toda a superstição e preconceitos religiosos são divulgados por gente incapaz de raciocínio, receosa dos argumentos da razão. É interessante notar como as pessoas, que não sabem discutir e ocupam certa posição, desejam sempre fazer apostas. A segunda razão, causa do ridículo, é o facto do aborrecimento de cada um, provocado pelos próprios pecados. O ridículo encobre o desgosto da existência, projectando esse enfado sobre os outros. As pessoas más ridicularizam os bons. Já que a bondade é censura para elas, atacam essas qualidades que não possuem. Daí o ridículo num escritório, procurando atingir uma mulher virtuosa por parte dos falhos de virtude, ou então o marido infiel ridicularizando a mulher fiel. Todo o pessimismo nasce do hedonismo(*) desapontado ou da crença que o alvo da vida deve ser o prazer. Tennyson diz-nos que «a troça é a evaporação dos corações

(*) *N. do T.* — Hedonismo é a doutrina que proclama ser o prazer a única finalidade da vida.

mesquinhos». Sente-se como exultam, ridicularizando os outros.

Cinismo — O cinismo é parente próximo do ridículo. A melhor definição de um cínico foi-nos dada por Oscar Wilde: «Um cínico é aquele que conhece o preço de tudo, mas ignora o valor seja do que for». É uma espécie de coruja; acordado dentro da escuridão, cego à luz, anda sempre em busca da podridão e recebe tudo o que é nobre. O cínico é o homem que tenta ludibriar o indefeso e pensa conseqüentemente que toda a outra gente faz o mesmo. O cinismo é um biombo, atrás do qual a juventude esconde a sua ignorância e a velhice o pecado. Um cínico é o que mofa da vida, depois que a vida mofou dele por não lhe descobrir a finalidade.

Dois americanos, de visita à Suíça, discutiam a Europa. Cnicamente, um dos americanos observou não haver nada de belo na Europa: as catedrais são velhas e poeirentas; os velhos castelos não têm quartos de banho; a arte não é bela, pois a maior parte concentra-se na arte religiosa, não utilizando os quadrados e volutas que encontramos na arte americana progressiva; nada há de belo na Europa». Apontando para os Alpes, o compatriota perguntou-lhe. «Não acha a Suíça bela?». A resposta foi esta: «Tire o «cenário» e o que fica?»

Os cínicos são parentes dos acusadores, dos que censuram, e em tudo descobrem falhas, dos que resmungam continuamente, dos agressivos, dos insatisfeitos. O acusador sabe sempre quem é digno de censura e apressa-se a criticar. Se nos constipamos é porque cometemos a imprudência de sair sem sapatos de borracha. Se escorregamos no soalho e que-

bramos uma perna foi devido à nossa falta de cuidado em não olharmos para o caminho. Se um automóvel esbarra contra as traseiras do nosso carro, é porque não soubemos abrir os olhos. O acusador acusa em plena liberdade, sem aceitar a menor censura pessoal. Na raiz desta atitude, há provavelmente um complexo culpado ou lembrança reprimida de qualquer acto na verdade censurável, que nunca foi punido, sempre oculto, protegido pelo segredo. Tais acusadores substituem sempre pela suspeita aquilo que lhes falta em conhecimento. Parentes próximos destes são ainda os que «espetam a faca nas costas!». Muitas vezes cumprimentam-nos afectuosamente, são amáveis durante todo o caminho e, mal viramos as costas, apunhalam-nos.

Voltando ao lado positivo, é lícito perguntar: «Como podemos tornar-nos populares?» A seguinte regra é muito fácil: «Não procures nunca ser popular». A popularidade é como a cor rosada numa face. A cor é o efeito da saúde. Também a popularidade é consequência duma obra bem feita ou do cumprimento fiel do dever. Quando a popularidade é estímulo artificial, lembra o *rouge* na cara. Walter Winchell forneceu uma vez uma boa regra para as pessoas que tentam ser populares. «Sede sempre bons para toda a gente quando subis a escada, porque tende a certeza que os encontrareis no caminho, quando descerdes». A segunda regra para ganhar popularidade é considerar os outros superiores a nós mesmos. Pode um vizinho ser pobre, pode falar a sua língua com abundância de erros gramaticais, pode cheirar a alho, pode não gostar de nós, todavia no seu íntimo é muito possível que a sua alma agrade

bem mais a Deus que a nossa. Só podemos ter conhecimento absoluto do que há de pior em nós; nos outros porém trata-se sempre de suspeitas. Devemos pois ser extremamente amáveis para eles, porque podem ser muito melhores do que nós. O senhor tem-lhes amor; eis o motivo por que devemos amá-los.

Há uma lenda sobre um viajante que chegara uma vez à tenda de Abraão. Abraão deu-lhe o seu leito, serviu-lhe o melhor cordeiro e os vinhos mais preciosos, embora o visitante não fizesse outra coisa senão resmungar, queixar-se e gemer. No fim de três dias, na impossibilidade de o suportar por mais tempo, Abraão expulsou o visitante. Deus falou a Abraão e disse-lhe: Abraão, eu suportei este homem durante cinquenta anos; não podias aguentá-lo uns dias?..

Se o próximo não é digno de ser amado, é necessário dar-lhe mais amor do que existe em nós. É assim que Deus faz connosco. Nenhum de nós merece por seus atributos que o Soberano de infinito poder tome conta de nós. Há milhões de criaturas no mundo que decerto nada encontram em nós, susceptível de despertar interesse. Porque é que Deus nos ama e ama a gente que não achamos digna de ser amada? Porque o amor vem d'Ele. Quando damos a nossa ternura às outras pessoas, achamo-las dignas de ser estimadas. Não fazemos isto para ganhar popularidade. Procuramos servi-las, porque avistamos a Imagem Divina neles — até nos que vivem encarcerados: «Estive preso e visitaste-me». O segredo de toda a popularidade é o que foi revelado por João Baptista, quando viu o Filho de Deus aproximar-se dele.

*

«Eu tenho de desaparecer; Ele tem de crescer».

CAPÍTULO III

A GLÓRIA DO SOLDADO

Debaixo da designação «soldado» incluímos todos os que pertencem às forças armadas, sejam da terra, do mar ou aéreas.

É sempre interessante a história dos soldados através dos séculos. Na Grécia, as primeiras guerras eram guerras defensivas em que somente aos cidadãos era permitido o uso de armas; de facto, tão alto era o privilégio que os cidadãos custeavam todas as despesas. Só mais tarde no século quinto, durante a guerra peloponésica — luta pelo poder — é que foi permitido aos escravos combaterem ao lado dos cidadãos. Começa então a aparecer o soldado mercenário; a paga é a parte que lhe cabe nos despojos ou no saque. O império romano entrou em declínio quando usou tropas mercenárias, vindas das províncias — a ausência de amor pátrio não os estimulava ao combate por Roma.

Na Idade Média, o soldado identificava-se com o cavaleiro na luta pelo Ideal Cristão; nos combates surgiam a piedade e o perdão. Nos fins do século quinze, reis franceses alistavam homens de armas para as guerras. Os soldados consentiam em vender-se ao que mais alta paga oferecesse. Recebiam estes

recrutadas a paga, a que em francês se chamava «solde» — donde deriva a palavra *soldat* ou soldado.

Dentro do comunismo, os soldados são como os escravos que combatiam na guerra peloponésica. Os Sovietes utilizam soldados escravos, vindos da Polónia, Hungria, Coreia, China, constantemente ocupados na guerra ofensiva. A única coisa, porém, que não podemos fazer com as baionetas é sentarmos-nos em cima deles. Os Sovietes estão resolvidos à luta na Ásia até à última gota de sangue chinês.

Ora os soldados do mundo livre não pretendem passar à ofensiva; desejam somente manter-se na defensiva. Os soldados duma democracia podem ser comparados a uma aldeia com mil casas. Como toda a gente é honesta não há ferrolhos nas portas, nem barras nas janelas. Tão forte é o respeito mútuo, que os vizinhos entram e saem das casas uns dos outros em plena liberdade. Uma noite, um ladrão penetra na aldeia e rouba uma casa. No dia seguinte há ferrolhos num milhar de casas. Há um ladrão no mundo; por isso é necessário que as democracias se armem.

O mais alto tributo que pode pagar-se aos soldados é relembrar como na Escritura todas as alusões a estes são favoráveis. São louvados no Velho Testamento os grandes soldados, tais como Josué, David e Gedeão. No Novo Testamento, sempre que um soldado é mencionado individualmente, é objecto de veneração e respeito. São homens de grande integridade quatro soldados romanos, mencionados no Novo Testamento. Se procurarmos uma razão é provável encontrar-se no facto de como, numa civilização decadente, ainda se encontram no exército os últimos restos de decência, honra e respeito pela

autoridade. As grandes organizações, como o Império Romano, começam a morrer pelo centro. Quando a pestilência da corrupção moral infesta governadores, imperadores e conselheiros de Roma, é ainda no exército que se encontram homens de carácter impoluto, fina cortesia e pureza incorruptível.

As duas grandes características dos soldados, reveladas nos Evangelhos e recordadas na História, são:

1 — Simpatia.

2 — Espírito de sacrificio.

Simpatia — Um soldado não faz um exército tal qual como uma andorinha não faz a primavera. Um exército é uma comunidade, que não admite a divisão de interesses, mas encoraja o espírito da simpatia entre criaturas. Também as viagens dilatam o interesse do soldado por meio do contacto com outras pessoas. Individualmente, os seus affectos podem concentrar-se num jardim, estreito e provincial; projectada porém para terras novas, a onda graciosa da simpatia humana leva de vencida as barreiras obstrutivas de castas, classes, cores e raças. Como aconteceu com Alexandre o Grande, começa a ver que Deus é Pai comum de todos os homens, e que todos os homens sobre a terra são alimentados por sangue semelhante.

Um homem capaz de simpatia é também um homem capaz de humildade. Simpatia significa eliminação de toda a estreiteza. Quando um homem está só, pode orgulhar-se de si próprio; quando está na companhia de outros torna-se humilde. Uma

mosca no nariz de um homem focado pela câmara de televisão parece muito grande; no teatro, à distância, mal se vê. Quando um homem está entregue a si próprio pode ser um egoísta; quando, porém, pertence ao exército e está nele incorporado, perde a importância e começa a amar todos os homens.

Não nos surpreende pois ouvir mencionar na Bíblia um soldado romano, tão cheio de simpatia humana que todo se devotava aos escravos, aos estrangeiros, às seitas secretas, e com tal abnegação, que se despojava assim de vaidades tornando-se genuinamente humilde. O centurião de Cafarnaum sentia grande ternura pelo servo, muito presumivelmente um escravo. Veio ter com Nosso Senhor, dizendo que o seu servo estava muito doente, paralítico. Revela-se-nos ainda a grande caridade, quando os anciãos judeus, que humanamente poderiam embirrar com o soldado como representativo de um conquistador do seu país, imploram o Salvador para que faça um milagre. Num sentido apelo a favor do centurião, dizem: «Merece ser atendido; é um bom amigo da nossa raça e construiu uma sinagoga para nós, à sua custa».

A profunda simpatia do soldado pelo servo caracteriza-o como homem humilde, pois disse a Nosso Senhor não ser digno que Ele entrasse na sua morada. Apelando para a autoridade, acrescentou que a própria experiência lhe ensinava o valor onnipotente da ordem dada: embora não passasse de um oficial sobre uma pobre fracção de legionários, todavia em certa medida a sua palavra conseguia obediência certa. Virou-se para o Senhor e continuou: Também eu sei o que é obedecer à autoridade; tenho

soldados às minhas ordens; quando digo a um homem «vai» ele vai, ou a um outro «vem!» ele vem, ou ordeno a um servo para fazer qualquer coisa, assim sucede. O argumento do soldado era que ao Redentor bastava-lhe proferir uma palavra, e o servo ficaria curado. A sua fé foi recompensada; àquela mesma hora o servo recuperava a saúde.

Encontramos esta simpatia nos soldados americanos através de todo o mundo. Milhares deles sacrificam os salários para ajudar leprosos, hospitais, lares para velhos, orfanatos, refúgios e abandonados em todas os países das nossas missões.

Revela-nos o incidente seguinte como o coração afectuoso de um soldado é mais forte do que a férrea filosofia do comunismo.

Uma das nossas Irmãs Missionárias, presa durante mais de dois anos numa prisão comunista na China, contraiu malária. A febre aumentou assustadoramente, sentia a garganta devorada pelo fogo, mas os comunistas recusaram-lhe uma gota de água. E ela disse a um soldado comunista, de pé junto da sua cela: «Sinto-me morrer». Este respondeu: «Bem. Não será preciso sustentar-te; bastará o trabalho de te enterrar». A irmã implorou: «Peço-lhe que me dê um pouco de chá». Perto do soldado fervia uma panela com chá. Ele respondeu: «Por que havia eu de te dar chá? És uma inimiga». A sua boca transformou-se em cratera de ódio e vulcão de blasfémias; amaldiçoando-a, acusava-a de ser espia e agente do poder imperialista; porém chegou junto da cela, deitou-lhe chá numa pequena chávena e salvou-lhe assim a vida. Foi visto este acto de bondade. Acusado ao partido, o homem foi castigado e trans-

ferido. Nem sequer a dureza da filosofia comunista e a doutrina do ódio podem destruir a simpatia e a bondade no coração de um soldado.

Como exemplo de humildade, pode ser de interesse esta carta, escrita por um soldado.

Querido Bispo Sheen:

Ontem à noite, no jantar do Alfredo Smith, disseram-me que ao passar através das ruas de Nova York, Vossa Excelência Reverendíssima estava parado a um canto da rua para me cumprimentar. Lamento não o ter visto; asseguro-lhe porém que me sinto mais do que saudado pela sua amável condescendência. Seria para mim uma valiosa oportunidade fazer parar o automóvel e conversar, embora por uns breves momentos, com o nosso querido Bispo.

Com cumprimentos, particularmente sinceros.

A assinatura era a de Dwight D. Eisenhower.

Em resposta, escrevemos:

Na América, quando o Presidente passa por um amigo na rua e não o avista nem o reconhece, embora sem culpa alguma da sua parte, envia-lhe uma carta amável — eis a democracia. Na Rússia, quando o Ditador passa na rua por um amigo sem o reconhecer, isto significa que está marcado para a liquidação — eis o comunismo.

Espírito de sacrifício — Um soldado é um homem de sacrifício, não somente porque tem de abandonar o lar para sofrer uma espécie de martírio social, mas porque tem de estar preparado para sofrer tudo o que se relaciona com batalhas, as longas marchas, exercícios de preparação, eventualmente sede e fome, fadiga extrema e ainda a necessidade de manter bem alto o espírito quando faltam a excitação, o inimigo à vista e o convite à luta. Além de tudo isto a vida do soldado, quer assim a encare ou não, é vida de tormentos: vivida só pelos outros e para os outros. O artista pode desprezar todos os prazeres por motivos egoístas no desejo de alcançar fama; a oportunidade, porém, para um soldado, de alcançar distinção na batalha é infinitamente pequena, porque pertence a um vasto exército e há pouca possibilidade para sentimentos pessoais. A sua vida é caracterizada pela renúncia, pela entrega da própria vontade à dos outros; não vive para si. Está empenhado na luta de um outro para um outro — o seu país. Pode até ser que corra o risco de não gozar aquilo que ajuda a conquistar. Rudyard Kipling desenvolve assim a tese: «Tommy para aqui, Tommy para acolá! apanha, bruto! Mas é o «Salvador da Pátria» quando as espingardas entram em jogo».

Talvez fosse este belo instinto no soldado que ensinou o centurião, aos pés da Cruz, a ver como a morte do Salvador era um acto anormal e estava ali alguém, muito mais do que um homem: bondade tão estranha era capaz eventualmente de conquistar a morte. Neste dia especial, o centurião executava os que para ele não passavam de um par de criminosos. Fizera o seu ofício cem vezes antes, pois a crucifi-

cação era o velho método romano de matar homens. Porém, quando o Homem sobre a Cruz Central exclamou, ao sentir os pregos penetrarem-lhe nas mãos: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem»; quando o centurião observou como toda a amargura e fealdade desta vez tinham sido banidas, começou a reflectir. Não podia libertar-se da impressão de que o supliciado do centro não estava perdendo a vida, mas sim dando-a por um acto voluntário. Em todas as outras crucificações o centurião era como um homem que lê histórias de detectives e se interessa unicamente pelas circunstâncias da morte; agora impressionava-o o significado, a evolução eterna da morte, ao ouvir Nosso Senhor proferir em voz alta as Suas últimas palavras: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito». Para ele era uma afirmação do propósito da vida numa existência que, desprovida deste sentido, não teria razão de ser. Aqui, compreendia como o amor conquistava o ódio, compreendia que o crucificado destruía todas as razões do ódio reduzindo-as a nada. Pela primeira vez via que a morte podia ser sobrenatural, e, talvez acordasse nele a suspeita da Ressurreição, quando do íntimo do seu ser jorrou o grito: «Na verdade, este era o Filho de Deus». Aquele centurião foi o primeiro a dizer: Não há ateístas nas trincheiras». Foi ainda a mesma luz, vinda desta cruz, a inspiradora de Joyce Kilmer para ver em tudo o que lhe acontecia como soldado alguma coisa de suportável, pois o Grande Soldado atravessara uma vez o campo da batalha do mal, e vencera.

Os meus ombros estão magoados sob o fardo.
(Cruz, não peses tanto às Suas Costas)
Os meus pobres pés em marcha queimam, ardem.
(Pés sagrados, caminha sobre o meu coração)
Como não gosto de falar, os homens insultam-me —
(Açoutaram-te e feriram-te na face)
Não quero erguer a mão, não.
Não quero as lágrimas pungentes enxugar.
(Como há-de o meu fraco espírito esquecer
Que suaste sangue na agonia?)
Está hirta a mão que suporta a espingarda
(Das palmas das tuas mãos escorrem rios de sangue)
Senhor, Tu sofreste muito mais por mim
Do que todas as legiões da terra e mar.
Deixa que eu possa pagar-te, Senhor,
A milionésima parte da Tua dádiva.(1)

Porque admiramos nós o heroísmo, o sacrificio, a submissão ao dever em tempo de guerra e, nos dias de paz, declaramos tais virtudes só próprias da mulher? Porque é que em tempo de guerra forçamos o soldado à obediência, pelo seu juramento de lealdade ao cumprimento da sua missão e, em tempo de paz, tão pouco respeito evidenciamos pela autoridade, desrespeitando-a no lar e nas escolas, produzindo assim uma raça de delinquentes juvenis? Podemos nós pedir aos soldados que dêem a vida, se necessário for, pela salvação do país e, em tempo de paz, declaramos ser atentado contra a liberdade perguntar a um homem, exigindo resposta: É um patriota leal ou um comunista? Não há nenhuma

(1) Dos «Poems, Essays and Letters» por Joyce Kilmer.

Quinta Emenda nos campos da batalha, atrás da qual os soldados possam esconder-se. Não devíamos envergonhar-nos de louvar na paz o que louvamos na guerra, mas sim marcharmos para a frente — presos pelos laços da honra, ostentando o arnês da justiça, o escudo da fé, na mão a espada do espírito, na luta às ordens do Senhor Deus dos exércitos, debaixo da protecção de uma mulher — «tão terrível como um exército armado, em postura de combate». É assim que devemos manter o nosso país, as nossas tradições e a virtude da Pátria.

CAPÍTULO IV

ANJOS

O mundo moderno acredita em Anjos; atribui-lhes a contextura de vultos poéticos, míticos, que se volatilizam na transição da infância para a idade madura. O declínio da crença nos anjos não prova que o mundo se tornasse mais avisado ou mais inteligente; é devido, sim, ao facto de um crescente materialismo. A razão principal por que os anjos perderam adeptos, é que os anjos são a substanciação da inteligência pura, desprovidos de todas as qualidades físicas, características. O espírito moderno vive num universo fechado — pois crê-se não ser a criatura mais do que animal, privado de alma imortal, com nenhuma outra finalidade na vida além da de alcançar o êxito e gozar de todos os prazeres. Tal qual como o mundo soviético é uma sociedade hermética, não admitindo que nenhuma influência lá entre exceptuando a ciência, utilizável como arma contra o mundo ocidental, assim os espíritos modernos, em tão fechado círculo, não consentem nenhuma penetração do universo espiritual.

Materialismo equivale a dizer que as pessoas vivem vidas comprimidas. Assim como vivem em

apertados e utilizam espaços superlotados, também os espíritos materialistas aspiram e respiram ar deficiente. O resultado, é claro, não pode ser senão sufocação e compressão do espírito humano.

Há ainda outras penalidades. O primeiro efeito do materialismo nota-se na arquitectura, desprovida de todos os ornatos. A construção nos Estados Unidos lembra uma caixa explosiva com janelas de celofane — tal qual como muitos dos novos exemplares de edifícios: Quando uma civilização está animada de fé, usa materiais que simbolizam o espírito, daí as decorações como: gárgulas, fénix, trigo e uvas.

Quando uma civilização já não acredita no espírito, nada existe que possa ser representado simbolicamente, e a arquitectura fixa-se em linhas pesadas, monótonas, sem referências a um outro mundo.

Podemos observar outro efeito do materialismo no declínio da cortesia. Impõem-se a delicadeza e o decoro e o desejo de agradar aos outros, quando se reconhece que todas as pessoas trazem em si uma imagem do Ser Divino. O materialismo, negando o valor supremo do indivíduo, considera-o como objecto para ser utilizado mais do que respeitado. Há pouco ainda, no metropolitano, levantei-me e dei o meu lugar a uma senhora, de pé, agarrada a uma tira de couro. Surpreendida, perguntou-me: «Porque fez isto?» Na certeza de que ela era incapaz de compreender motivos espirituais, respondi-lhe: «Minha Senhora, desde rapazinho que aprendi a respeitar infinitamente uma mulher com uma tira de couro na mão».

Embora o materialismo não conceda espaço a algum às coisas espirituais, e muito menos aos anjos,

tem de ter alguma compensação no entanto em troca da renúncia ao infinito. Os anjos descem naturalmente até junto de uma criança, porque vive num mundo de sonho e cobre-o ainda o pó das estrelas, do seu giro entre as esferas. Constantemente perseguido pela interrogação: «Porquê?» procura o infinito e o absoluto. Quando os mais velhos no seu materialismo lhe dizem não haver nada mais, além de factos, tem de encontrar compensações para a perda do espiritual nas fantasias da imaginação, tais como: Cadetes do Espaço, «Capitão Video», «Capitão Meia-Noite» e «Super-homem». Também o adulto tem de encontrar compensações; assim fabrica substitutos como o «Eu», o complexo de inferioridade, pratos voadores e habitantes de Marte. A palavra «Anjo» deriva de uma palavra grega — *Angelos*, que significa mensageiro. Um anjo é uma criatura muito abaixo de Deus em dignidade, contudo muito acima da criatura, possuindo intellecto e vontade, mas incorpóreo. Quando morremos, a nossa alma continuará a possuir intellecto e vontade, mas desprovida de corpo; até certo ponto será como um anjo! A comparação é porém inexacta, porquanto a alma está habituada a viver dentro de um corpo que há-de recuperar na ressurreição; um anjo, esse nunca possuiu um corpo e nunca o possuirá, de acordo com a sua natureza. Os Judeus acreditavam em anjos, pois consideravam S. Miguel, o Arcanjo, protector de Israel, como nos é revelado no Velho Testamento. Os Muçulmanos crêem nos anjos; os cristãos crêem nos anjos; os pagãos acreditam em anjos. Plutarco, o historiador grego, disse: «Ao lado de cada homem há dois anjos, um bom e outro mau». Epicteto disse:

«Deus destina a cada criatura um Anjo da Guarda». Séneca e Virgílio acreditavam em anjos. Encontramos a imagem mais vetusta de um anjo numa laje de pedra calcárea com cerca de cinco pés por dez, encontrada recentemente em Ur-Nammu. No alto da imagem está um rei em atitude de prece; mais acima, anjos deixam cair bênçãos sobre a sua cabeça. Esta imagem data do período neo-sumeriano, cerca de dois mil anos antes de Cristo. Platão e Aristóteles sustentavam que Deus usava anjos no governo do mundo. Os filósofos pagãos acreditavam em anjos, porque partiam do princípio que os efeitos se assemelham às causas; quanto mais perfeito o efeito, mais se semelha à causa; por isso tinha de haver seres espirituais, dotados de intelecto e vontade, mais semelhantes a Deus do que as pedras, dotadas meramente de existência, e as plantas, animadas só de vida vegetativa. Um anjo, não possuindo corpo, é desprovido de partes, portanto não pode nunca perder alguma coisa. O anjo usa um corpo como um criado usa um fato de cerimónia. O tema do cântico de um anjo é sempre: «Eu não possuo corpo».

Um anjo pode revestir-se de corpo em ocasiões especiais, como um homem pode arranjar uma casaca para um casamento, mas esse corpo é usado para nosso benefício e não para benefício do anjo. Quando Rafael acompanhava Tobias, disse-lhe: «Parece realmente que como e bebo contigo, mas consumo carne e vinho invisíveis, que os homens não podem distinguir».

O Arcanjo Gabriel não dava mostras de cansaço ao chegar junto de Maria, na Anunciação. Em todo o mundo não há espaço suficiente para satisfazer o

espírito do homem, mas no coração de um homem há espaço para um anjo, porque um anjo não ocupa lugar.

A inteligência dos anjos — A inteligência angélica é absolutamente diversa da inteligência humana. Ao nascer, o espírito humano lembra uma lousa. Só no decurso do tempo, e graças à experiência sensível, é que as ideias se vão escrevendo no intelecto humano. Ora o anjo não recebe o seu conhecimento das coisas, mas sim é Deus que infunde as ideias ao anjo. O homem conhece de baixo para cima; um anjo sabe de cima para baixo. Um anjo não toca em factos, porque não é feito de matéria. Deus derrama as Suas ideias intelectualmente sobre os anjos e fisicamente sobre as coisas. Nós captamos as ideias que Deus infundiu nas coisas, graças ao nosso intelecto, trabalhando de acordo com a experiência sensível. Daí não precisarmos de tirar o invólucro às ideias, impressas por Deus nas coisas.

Um anjo não precisa de esperar até desempacotar um embrulho; sabe antecipadamente o que está lá dentro. Um anjo é muito mais brilhante do que um homem. Um anjo possui muito mais ciência do que Einstein; sabe jogar melhor base-ball do que Leo Durocher e conhece maior quantidade de ditos espirituosos do que Bob Hope. Quando um anjo tem uma ideia, por exemplo acerca do homem, o anjo fica a conhecer todos os indivíduos no mundo em virtude dessa ideia. Não acontece assim com o ser humano. Nós só conhecemos a pessoa humana, na generalidade.

Há contudo certos limites no conhecimento angélico. Um anjo não conhece acontecimentos futu-

ros contingentes; um anjo não conhece os mistérios da graça, a não ser que Deus lhos revele; finalmente, um anjo não conhece os segredos do coração e as evoluções da vontade; estas são conhecidas unicamente por Deus e pelos psiquiatras — pelo menos alguns psiquiatras presumem conhecer também tais fenómenos.

O *juízo dos anjos* — Nem todos os anjos são bons. Os anjos maus são os que falharam na provação, a que estão sujeitos todos os seres criados. Impera em todo o universo a lei de que ninguém pode ser coroado, a não ser que se tenha debatido na luta e alcançado a vitória. A vida de um homem na terra é um noviciado, um momento em que pode dizer «sim» ou «não» ao seu destino eterno. Também os anjos foram submetidos a provas, antes de serem confirmados na glória. Qual seria a prova? Não o sabemos com certeza. Talvez se aproxime mais da verdade a suposição de Deus ter revelado aos anjos o facto de como o homem haveria de pecar por meio do abuso da sua liberdade, e Deus por amor viria a encarnar na pessoa de Cristo, de maneira a redimi-lo. Alguns anjos não consideravam consentânea com a dignidade de Deus descer até à baixa natureza humana; seria melhor transformar-se em anjo, do que humilhar-se até tomar a forma de um homem. Alguns dos anjos afirmavam que não adorariam Deus, se se transformasse em homem. Se foi esta a grande prova, perderam-se pelo pecado da rebelião. Quando um anjo toma uma resolução, nunca mais pode mudar. Neste ponto, a mente de um anjo é bem diferente da de uma mulher. Diz-se que o espírito de uma mulher é mais limpo do que o do homem,

porque muda de estado muitas vezes, mais frequentemente do que acontece com o homem. Um anjo não pode mudar de opinião, porque um anjo vê as consequências de cada uma das suas decisões, com clareza igual àquela com que nós vemos os princípios da contradição ou o princípio de como a parte nunca pode ser maior do que o todo. Logo que tenhamos compreendido o significado da palavra «parte» e o significado da palavra «todo», o princípio cintila por forma irrevogável — a «parte» não é nunca maior do que o todo. Um anjo vê tudo isto nitidamente, por isso a sua escolha não pode ser revogada. O homem não vê as consequências das suas decisões tão claramente como o anjo vê. A sua escolha é necessariamente perturbada pela paixão e algumas vezes pela ignorância. O homem pode pois ser perdoado setenta e sete vezes sete, mas a Redenção não foi aplicada aos anjos caídos.

Função dos Anjos da Guarda — Embora os anjos tenham muitas missões a cumprir, limitamo-nos aqui aos anjos, chamados da guarda. Entre as suas funções podemos mencionar duas:

- 1 — Iluminação.
- 2 — Protecção.

Os anjos podem iluminar o espírito, guiando-o para o caminho da verdade e fortificar a vontade em direcção à prática do Bem. Está dentro do seu poder estimular-nos o intelecto, por forma a actualizar uma ideia mais eficazmente. Embora possam inspirar o desejo do Bem, não podem contudo destruir a vontade humana. Não é de molde a surpreender-nos que

uma inteligência alheia possa afectar a nossa. Até no reino inferior da criação, as serpentes têm o poder de encantar aves, embora sem contacto material; em sonhos, as imagens como que vêm imprimir-se-nos no espírito, independentemente das directrizes da nossa vontade. Laboratórios psicológicos sugerem presentemente uma coisa, chamada percepção extra-sensorial, em que parece existir a influência invisível de um espírito sobre um outro, sem permuta do visível ou audível. Um professor ilumina os espíritos dos discípulos, a não ser que não passe de um livro com textos, alugado para emitir sons. Quantas vezes existe comunicação entre uma pessoa e outra no mesmo aposento, particularmente entre dois apaixonados, e ninguém mais se apercebe desta comunicação?! Além de nos infundir a esperança, as boas resoluções, intenções e aspirações, talvez possa muito bem ser que a função de um anjo consista em acordar-nos na alma a certeza de que procedemos mal, causando-nos ansiedade, dando-nos a sensação de tristeza e mal-estar, de forma que, se não procurarmos Deus pelo caminho da equidade, o anjo há-de perseguir-nos até que, arrependidos, venhamos ao encontro do abraço do Salvador.

Todas as pessoas possuem um anjo da guarda, porque todas as pessoas têm destino imortal e valem mais do que o universo inteiro. Em naturezas inferiores, tais como no reino animal, só a espécie importa, porque a natureza parece nada se importar com o número de indivíduos que vão morrendo. Na humanidade, porém, o que tem valor é o indivíduo; por isso Deus lhe envia um guarda. Desprezar esta companhia equivale a pôr de lado a ajuda do Céu.

O homem torna-se sempre melhor, quando vive na companhia de criaturas, animadas por um Ideal mais alto; inferioriza-se, quando trata com inferiores e os acompanha. Está condenado à esterilidade da vida medíocre, se procura só a companhia dos iguais a ele. A natureza humana sempre se exalta quando trabalha sob o olhar de alguém mais nobre e melhor do que nós próprios. Até as crianças, ao cumprirem uma tarefa, gostam de sentir sobre elas o olhar da mãe. «Mamã, quero que olhes para mim enquanto faço isto». Cada ser humano seria mais nobre na sua actividade e mais feliz dentro do seu coração, se, em vez de procurar viver com os Jónatas por esse mundo, procurasse exaltar-se, iluminado pelo anjo seu companheiro, enviado por Deus. Referindo-se aos anjos da guarda das crianças, Deus Nosso Senhor disse: «Tende cautela, vede como tratais estes pequeninos; digo-vos que têm anjos no céu, que contemplam permanentemente a face do meu Pai Celestial».

Assim, os anjos da guarda das crianças permanecem no céu, absortos na visão completa do Pai Celestial. Satanás, um dos anjos caídos, também acredita em Anjos da Guarda pois, ao tentar Nosso Senhor, disse-lhe: «Se és o Filho de Deus, atira-te daí abaixo, pois está escrito que encarregou os Seus anjos da Tua guarda e eles Te sustentarão com as mãos para que não esbarres numa pedra».

Todos os que olham por crianças pasmam constantemente como é possível chegarem estas à maturidade. Qual é o misterioso poder que salvaguarda crianças, quando estas caem das janelas de segundos e terceiros andares? Quando reflectimos nas painelas

e caçarolas que elas puxam do lume, nos milhares de quedas que dão durante a infância e nos incêndios, causados por seus descuidos, tem que existir fatalmente uma protecção oculta que as envolve; esta protecção — é o próprio Deus que no-lo assegura — vem do anjo da guarda.

Os Anjos da Guarda devem ser lembrados muito especialmente em relação aos aviadores. Algumas pessoas têm medo de voar, prova que não confiam no Anjo da Guarda e não têm fé em Deus. Implicitamente, deve ser este o pensamento: «Enquanto estou sobre terra firme, Senhor, não podes tocar-me. Logo que tome um aeroplano e voe, podes estar escondido atrás de uma dessas nuvens brancas, pronto para appareceres, fazeres parar o motor e precipitares-me no abismo». Equivale tal ideia a chamar a Deus covarde, presumindo escolher Ele para nos chamar ao Seu Tribunal os momentos menos seguros no ar, de preferência aos momentos mais seguros sobre a terra.

Naturalmente, os que não acreditam na Providência não pensam nos anjos protectores que nos acompanham em terra, no mar e no ar. Dizemos todos os dias uma oração a São Rafael, mencionado no Velho Testamento como companheiro de viagem de Tobias; dizemos esta prece quer voemos ou não, mas, quando voamos, nunca nos abandona a certeza da sua protecção. Ainda há mais. Se realmente amamos a Deus, deveríamos procurar voar não só para ver o lado mais belo das nuvens que o Senhor guardou para ser gozado no céu, mas também para podermos glorificar a Deus no ar, assim como na terra. O motivo de não procurarmos os anjos é que também não pensamos em Deus. Se nunca pensamos num barco,

num avião ou numa carta nossa, de partida para uma pequena ilha nas costas de África, é porque o nosso pensamento nunca se ocupou com essa ilha. Se nunca pensámos em Deus, nunca nos preocupamos com os seus mensageiros nem com as suas mensagens, vindas até nós. Logo que deixemos de pensar em nós próprios como pequenos deuses de lata, teremos consciência da presença dos anjos e invocaremos a sua santa guarda e aprenderemos a solicitar instruções.

Pode ser que na esquina mais próxima exista uma biblioteca pública; como não a utilizamos, não nos tornamos mais sábios; pode ser que no pátio da casa exista urânio; como não lançamos mão do contador Geiger não podemos consequentemente ser ricos; pode haver uma Bíblia na nossa estante, mas não a lemos, e falta-nos, é claro, a inspiração espiritual. Há anjos na nossa proximidade que pretendem guiar-nos e proteger-nos; nós, porém, não os invocamos. O mundo é mais vasto do que nós pensamos. Se pudéssemos unicamente consentir em que a nossa alma acordasse, daríamos fé do aparecimento de asas e descobriríamos serem as asas de um anjo de Deus.

CAPÍTULO V

LIÇÃO N.º 1 DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS

Pensa muita gente que ciências económicas têm alguma coisa que ver com capitalistas, quer dizer, que homens que amontoam uma fortuna maior do que necessitam, deixam-na a pessoas que a não merecem. Infelizmente, as ciências económicas em grande parte têm oferecido somente uma descrição da maneira como se realizam os processos da produção e consumo da riqueza, sem qualquer aplicação clara de princípios.

Toda a ciência é iluminada por princípios duma ciência superior, mas se as ciências económicas não têm princípios a orientá-las, então torna-se impossível decidir se é melhor o sistema económico do comunismo do que o sistema económico do mundo ocidental.

Por causa da falta de princípios, quanta confusão se origina! G. K. Chesterton na sua peça «Magia» conta-nos a história de um duque que assinou dois cheques. Um cheque destinava-se a ajudar a construir um vasto salão; o segundo era para ajudar a liga que se opunha à construção deste salão.

Não levou muito tempo que se estabelecesse a

sua reputação de «homem com rasgados princípios liberais».

A economia começa com a posse. A economia tem que se haver com o facto de possuir. Ter é sinal de imperfeição. O propósito de possuir visa a remediar a nossa «incompletitude». Se tivéssemos uma vida perfeita, não precisávamos de alimento. Porque o nosso conhecimento é imperfeito, carecemos de o completar com a educação. Porque a nossa personalidade não se adapta à ventura, carecemos de amor.

Foi a criação que introduziu o verbo «ter». Quando existia somente Deus antes de ser feito o mundo, só havia um único verbo e só uma forma do verbo — o infinito «ser» — para indicar o ser supremo de Deus. Deus nada possui. Mas, como é purissimo, é infinitamente rico. Se Deus possuísse alguma coisa, seria sinal de como necessitava qualquer coisa de externo, de alheio a Si próprio, com o fim de aperfeiçoar o Seu ser.

Toda a posse, porém, é extrínseca. Nunca se torna realmente parte de nós mesmos. Por isso, é muito fácil confundir *ter* com *ser*. Pensamos *ser* alguma coisa, porque *temos* alguma coisa. No dia do Juízo seremos julgados pelo que *somos* e não pelo que *temos*. A única coisa que seremos capazes de levar connosco é a mesma coisa que poderemos salvar num naufrágio. Quando um honesto polícia de trânsito nos faz parar na estrada, não nos pergunta que espécie de carro guiamos, mas sim se obedecemos ou não à lei. O homem pode ser agressivo no acto de adquirir. O homem pode ser voluptuoso na posse. O homem pode ser avarento no acto de guardar.

Desde que a propriedade se relaciona com o facto de ter, há duas espécies de propriedade: real e virtual. Propriedade real consiste em alguma coisa de físico, concreto, utilizável, por exemplo: leitos, terras, sorvete de creme, hortaliça, trigo, espinafres e carros.

A propriedade virtual é um artifício para exprimir alguma coisa de real. A riqueza virtual consiste em papéis, acções, notas que já foram dobradas e notas novas ainda por dobrar.

A natureza pôs limites à riqueza real ou propriedade. Nenhuma criatura deseja uma refeição sem fim, ou vestuário que não acabe, ou um jardim infinito. Um jardim só é jardim quando tem limites, e portanto oferece paz e prazer. A natureza pôs limites à riqueza real que podemos utilizar. Há um limite quanto ao número de camas que podemos ter num quarto; um limite para os sorvetes de creme que um rapaz pode comer. Dizia uma vez um rapaz que nunca comia em excesso gelados, porque não tinha estômago que chegasse para muitos sorvetes. Na Austrália alguns habitantes entre os indígenas contam até três. Dizem: «um, dois, três, chega!» Como não possuem frigoríficos, não podem conservar a comida mais de três dias. Eis o motivo por que a agricultura tem sido considerada um dos empreendimentos mais pacíficos do homem, porque o homem trabalha com a natureza e a natureza pôs limites à produção e portanto ao consumo.

A *riqueza virtual* contudo é em grande parte limitada, porque é simplesmente um símbolo de alguma coisa de diverso. A avareza a crédito tende para o infinito, pois evoca um desejo infinito. Embora

as riquezas virtuais não enchem o coração, enchem o tempo. Na riqueza real, as pessoas limitam a riqueza às necessidades, mas na riqueza simbólica não podemos confiar em que, na grande totalidade, o homem só acumule bens em quantidade suficiente para satisfazer as suas necessidades. Assim como há confrarias de fumadores, há sociedades de hotéis, sociedades de armazenistas e de caminhos de ferro. Na linguagem do Evangelho, um homem constrói celeiros cada vez mais vastos, até que o anjo executor o vem chamar a prestar contas.

Nem só os ricos desejam riqueza virtual, mas por vezes também os pobres. Enquanto existir inveja no coração de um homem, este possuirá também o espírito da avareza. Um comunista pode ser pobre; muitas vezes é mais ambicioso e ávido de riqueza do que um milionário. Um comunista é um homem rico sem dinheiro nos bolsos. É o pobre contra vontade — o homem pobre que ambiciona ser rico.

Quando Deus Nosso Senhor multiplicou pães e peixes em Cafarnaum, deu a cada um quanto desejava, isto é, dispensou riqueza real até ao ponto de satisfazer a fome. Cada criatura recebeu tudo quanto podia utilizar.

Suponhamos que, em vez de oferecer pão e peixe, Nosso Senhor tinha distribuído títulos do empréstimo de guerra, cada um de mil dólares! Podia imaginar-se alguém dentro da multidão gritando: «É bastante, Senhor, chega!»? Não é mais provável terem irrompido de cada garganta as palavras: «Mais, mais, mais!»? Aqui temos o sinónimo terrestre do significado infinito de Deus, o único que pode satisfazer-nos.

Propriedade — Os princípios básicos da propriedade são:

- 1 — O direito de propriedade é pessoal.
- 2 — O uso da propriedade é socialmente condicionado.

O direito de propriedade é pessoal, porque é derivativo secundário da lei natural. O homem vela melhor por tudo aquilo que lhe pertence. Um artista pinta melhor sobre a tela a que chama sua. Um homem porá mais interesse em fazer uma cadeira para sua casa do que para um industrial. Deleita-se em imprimir a sua própria imagem e semelhança nas coisas, tal como Deus imprimiu a Sua imagem e semelhança no homem.

Quase que não existe verdadeiro interesse por propriedade que não seja pessoal. Nunca se viu um cidadão ir a um parque de manhã cedo, na segunda-feira, para apanhar papéis. Ninguém conserta a estrada em frente da própria casa. Nunca se viram entusiastas do base-ball apanhando dentes-de-leão no quadrado reservado ao jogo, não obstante todo o orgulho que sentem pelo seu *team*. Quando todas as coisas pertencerem a toda a gente, quando todos os fatos forem feitos pelo Estado, todos envergarão casacos tão mal ajustados como o de um ditador russo, com o aspecto de quem usa roupa, feita por Béria.

O uso da propriedade está socialmente condicionado. Quem possui um cavalo para a sua carroça, não pode alimentá-lo à custa do vizinho. Pode ser possuidor de uma boa adegá, mas não pode convidar

lá para dentro os estudantes da Universidade, de maneira a pô-los em estado de «amável incandescência». Uma rapariga pode possuir uma espingarda, mas há limites quanto ao uso que dela fizer: «Não é permitido atingir um homem com uma espingarda». É lícito possuir um aparelho de televisão, mas não podemos instalá-lo à janela e aturdir os vizinhos que escutam outro programa.

O erro principal do capitalismo monopolista consiste em dar relevo aos direitos pessoais, pondo de parte o uso social. Os velhos liberais, tais como Adam Smith, diziam: «Os governos existem para preservação dos direitos de propriedade». A Declaração francesa de direitos proclamava em 1791: «O direito de propriedade é sagrado e inviolável». Os liberais mais velhos diziam que não careciam de igrejas, ordem moral, ou Bíblia, ou Estado que lhes ensinassem o que haviam de fazer com o seu dinheiro ou propriedades. Era deles; podiam pois fazer o que lhes aprouvesse com o que lhes pertencia. Tremendos abusos foram o resultado do enfático exagero dos direitos pessoais como:

- 1 — Concentração da riqueza nas mãos de poucos.
- 2 — Empobrecimento do homem que trabalha.

O segundo erro é o comunismo. Este dá a supremacia ao uso social, negando todo o direito pessoal. Marx sustenta a tese de que o valor de propriedade é obra do trabalho. Isto não é verdade. O valor da ilha descoberta por Robinson Crusoe não era obra do seu esforço. O comunismo parte deste princípio

particular, porque começa com a expropriação de toda a propriedade. O comunismo crê que toda a propriedade deve ser entregue nas mãos do Estado. Isto significa só haver uma pessoa, detentora dos empregos. No capitalismo dos monopólios, pelo menos até nas suas piores formas, um homem pode deixar um emprego e ir para outro; na Rússia, porém, só existe o capataz.

Pretende o comunismo fazer-nos crer que, dividindo a maçã, todos os homens serão irmãos. Trata-se exactamente do contrário. Porque são irmãos, a maçã deve ser dividida entre eles. O socialismo não tem como efeito a fraternidade.

Aplicação de princípios. Aplicando o princípio do direito pessoal a costumes sociais, temos de tirar as seguintes conclusões:

1 — Cada indivíduo tem direito a propriedade que lhe baste para se manter e à sua família, de acordo com a sua categoria social. Os rendimentos supérfluos de um homem, porém, não ficam à sua disposição. Essa porção de rendimentos de que não precisa para viver, de acordo com a sua situação social, essa tem de a ceder aos pobres. Este princípio explica o motivo por que todo o dinheiro recebido com este livro e com a divulgação das nossas palestras, é inteiramente cedido para ajudar os pobres na África, Ásia e Oceânia. Nem um real é tirado para uso pessoal. Tudo o que recebemos como resultado das nossas palestras é dom de Deus. Se utilizássemos esse dinheiro para uso próprio, pode muito bem ser que Deus nos retirasse o dom da palavra.

2 — Este princípio, aplicado a pessoa ou pessoas empenhadas em negócios é o seguinte: O investi-

mento de largas somas, por tal forma que possa delas derivar oportunidade favorável a empregos, deve ser considerado acto de real liberalidade, particularmente apropriado às necessidades do nosso tempo. Se, pois, um homem acumula uma vasta fortuna, actua dentro dos moldes da justiça colocando grande parte desse dinheiro no negócio, de maneira a aumentar o bem comum, dando trabalho aos homens e favorecendo a prosperidade do seu país.

3 — Admitindo não ser a propriedade hoje somente pessoal como acontece com terras, pincéis e jardins, mas largamente industrializada, a aplicação do princípio lembra de certa maneira que há uma comparticipação de propriedades nas grandes organizações industriais, uma espécie de propriedade conjunta com o propósito de comparticipação, controle ou direcção. Esta propriedade seria diferente da sociedade por acções, que não conduz à cooperação vital com a indústria, mas somente a receber dividendos. Os que possuem acções têm direito a recompensa em troca do seu dinheiro, mas o trabalhador, o que ajuda a produzir riqueza social, tem também jus a mais alguma coisa além do seu salário. Primeiro que tudo, qualquer pessoa possuidora de acções numa sociedade tem o direito do lucro nessas acções. É por lei e por direito dinheiro seu. Ajudou à organização dando capital; em justiça, tem direito ao lucro. Mas, o trabalhador? O trabalhador não dá dinheiro, mas dá alguma coisa de maior valia; dá a vida. Não se trata do trabalho de um dia e de outro e outro, pelo qual recebe salário, mas sim da soma de todos os seus dias, a subsistência da família, o começo e o fim da sua existência física. Tem portanto direito

a uma parte da riqueza social que ajuda a criar, precisamente como o accionista tem direito a qualquer lucro pelo dinheiro investido. A vida, porém, é investimento mais precioso do que o capital. Eis porque é um erro excluir qualquer dos lados, quer dizer, o capitalista ou o trabalhador, da sua comparticipação nos lucros, na direcção ou na propriedade. Nas corporações devia haver qualquer forma de co-propriedade, em que o trabalhador recebesse alguma parte dos lucros que ajudou a produzir. Certamente tem direitos adquiridos o homem que deu o dinheiro e corta os seus cupões, mas o trabalhador também tem jus a uma parte dessa riqueza. Não precisava de ser dada essa parte na forma de acção, mas de qualquer maneira seria uma forma de cooperação na direcção ou propriedade, produzindo os seguintes benefícios:

- a) — Estabelecimento de um laço entre trabalho e propriedade.
- b) — Difusão da propriedade particular.
- c) — Aumento de interesse da parte do trabalhador.
- d) — Maior estabilidade da propriedade.

Nem sempre os accionistas estão interessados nesta sugestão, porque acreditam que significaria diminuição nos seus lucros, esquecendo o aumento certo, se os que trabalharem tiverem também parte na direcção. Alguns chefes do partido popular não gostam desta ideia, porque diminuirá a tensão entre capital e trabalho. Os chefes trabalhistas estão só interessados presentemente em extrair poderes à

propriedade, isto é, menor número de horas e salários cada vez mais altos.

Os marxistas não gostam do projecto, porque desejam ver toda a indústria nas mãos dos chefes do partido. Cada um destes partidos receia pelos seus privilégios, mas os trabalhadores, esses ficarão contentes, porque passarão a trabalhar não para alguém mas com alguém.

Liberdade e propriedade. A grande vantagem desta difusão mais vasta da propriedade resultará em maior liberdade. Há uma liberdade dupla no mundo: externa e interna. A liberdade interna é devida ao facto de possuímos uma alma. Cada criatura tem o direito de dizer: «Eu sou eu».

A liberdade externa relaciona-se com a propriedade, no sentido de um homem poder dizer: «Eu tenho o que é meu».

Como o espírito é a garantia interna da liberdade, assim a propriedade é a garantia externa da propriedade.

A história não indica exemplos de nações com a propriedade bem distribuída, sofrendo de despotismo. Existe porém parentesco interno entre despotismo e socialismo. No país onde não é permitida a propriedade particular, nesse país não há liberdade política nem económica.

Onde existe a propriedade, existe o poder. Na Rússia não há propriedade particular; por isso impera o poder absoluto sobre os cidadãos. O poder é distribuído através da história na medida em que a propriedade está distribuída. Tomemos os lares os pequenos negócios, escolas de arte, companhias accionistas e alfândegas, juntemos tudo isso num único

empreendimento, e cada homem trabalhará segundo as ordens do chefe do partido, e não segundo a sua maneira de ver.

A propriedade envolve responsabilidade—renunciar às responsabilidades é renunciar à liberdade. Conservemos as almas livres no nosso íntimo, por meio da obediência às leis de Deus. Conservemos as almas livres externamente pela difusão mais vasta da propriedade, e teremos paz e prosperidade.

CAPITULO VI.

NAÇÕES UNIDAS

Há duas maneiras de ver, absolutamente opostas, com respeito às Nações Unidas: de um lado, fanatismo e do outro lado intolerância absoluta. Em um dos extremos encontram-se os que consideram as Nações Unidas a única esperança de paz; toda a crítica contrária é considerada mais grave do que uma blasfêmia contra o Espírito Santo.

Tal maneira de ver pode causar graves mal-entendidos, porque nunca devemos esquecer que as Nações Unidas são instituição humana, por isso sujeita a todos os erros a que a carne está inclinada. A Sociedade das Nações, lembremo-nos, negociou 4.568 tratados entre 1920 e 1939 e 211 nos onze meses que precederam a segunda guerra mundial, sem poder contudo evitar o que, afinal, quase veio a ser suicídio.

No outro extremo encontram-se os que só descobrem o mal nas Nações Unidas, e crêem que deveriam desaparecer, pois só são utilizadas como caixa de ressonância para propaganda russa e nunca estabelecerão a paz no mundo.

Esta maneira de ver esquece todo o bem já realizado; por exemplo, a retirada das tropas soviéticas do Irão, a ajuda e amparo concedidos à Grécia para se defender das agressões comunistas, e ainda a ajuda financeira, concedida aos povos em penúria, em todo o mundo.

É necessária uma forma determinada de maquinismo internacional, já que todas as criaturas são feitas do mesmo sangue e todos nós procuramos a direcção da lei natural. Pode haver fórmulas diversas para as necessidades da natureza, diferentes expressões dentro da lei positiva, mas, fundamentalmente, Nações Unidas estão empenhadas na elaboração de normas claramente definidas, verídicas, em virtude de tratados formais que possam tornar-se obrigatórios para todas as partes contratantes.

O propósito de uma instituição internacional é pôr de lado contratos bilaterais entre nações, muitas vezes dirigidos contra uma terceira, criando e desenvolvendo competições, substituindo-os pelas relações orgânicas de todos os partidos e nações. Assim como uma família é a intermediária entre o indivíduo e o governo, assim uma instituição internacional é intermediária entre o indivíduo e a humanidade.

Todos estamos de acordo ser necessária uma revisão para assegurar a paz no mundo. A questão da revisão está estabelecida nos artigos 108 e 109 das Nações Unidas. O artigo 108 decreta emendas que se efectuam por meio de dois terços de votos da Assembleia Geral e sete undécimas partes do Conselho de Segurança. Se não se realizar uma tal conferência antes de Setembro 1955, então a revisão ficará na agenda. Infelizmente, pode ser usado o veto contrário às propostas modificações. Até 1945 a Rússia conseguiu opôr-se a todas as alterações na Carta das Nações Unidas.

Proponho aqui quatro modificações para tornar mais eficientes as Nações Unidas na conservação da paz no mundo.

A primeira revisão é virar as Nações Unidas de cima para baixo. Como estão presentemente constituídas, as Nações Unidas dispõem de dois órgãos principais: um, o Conselho de Segurança; o outro, a Assembleia Geral. O Conselho de Segurança é um organismo especial, composto de onze membros. Cinco membros são permanentes: Grã-Bretanha, a Rússia soviética, a China nacionalista, França e Estados Unidos. Seis outros são eleitos pela Assembleia Geral por um período de dois anos. Há pois sempre onze membros no Conselho de Segurança, com as cinco grandes potências ocupando lugares irremovíveis. Em assuntos chamados substanciais, é necessário o voto unânime dos cinco. Se qualquer dos cinco votar contra, não pode ser decidida nenhuma acção por parte do Conselho de Segurança.

A Assembleia Geral, o corpo representativo das nações conjuntas, consiste em cerca de 200 membros. Todas as nações têm direitos iguais e a faculdade de voto. Nenhuma nação tem mais de cinco representantes. A Assembleia Geral dispõe de poderes ilimitados para discutir quaisquer questões e fazer reparos, excepto os que já tenham sido apresentados no Conselho de Segurança; tem também o poder de iniciar estudos e fazer recomendações com o propósito de cooperação internacional; não lhe assiste porém o poder de fazer leis chamando membros para a acção internacional. Se as funções judiciais e legislativas fossem adstritas às nações que têm de depender da lei para existirem, seria mais provável obtermos melhores decisões do que as vindas de nações que se apoiam no poder. Seja o Conselho de Segurança que execute as decisões da Assembleia Geral; por outras

palavras, a Assembleia Geral devia ser o Tribunal, a entidade superior que dá a ordem; o Conselho de Segurança seria o polícia que dá cumprimento à citação. As relações seriam algo de semelhante ao que se vê numa família. A um pequenito um outro rapaz da família rouba o pau de jogar base-ball. Depois de tentar em vão recuperar o que é seu, o pequeno diz: «Vou dizê-lo ao meu irmão, que é grande». O Conselho de Segurança é o irmão poderoso; cabe-lhe a missão de pôr em ordem os abusos.

Sendo assim, com esta modalidade o mundo aproximar-se-ia mais da definição clássica da paz; «Pax opus justitiae?» (A paz é obra da justiça). Presentemente podemos dizer: «Pax opus potentiae». O poder nunca constitui poder moral. O poder em si próprio não tem direitos — nem sequer o fogo tem o direito de arder; não pode deixar de arder. Ponhamos pois as decisões finais nas mãos da Assembleia Geral, para serem obra da justiça e não do poder.

A segunda sugestão: Nas Nações Unidas, só às Nações livres devia ser permitido o voto. Trata-se de um ponto técnico, exigindo um processo de raciocínio. Resolve a diferença entre uma Nação e um Estado.

Uma Nação é um povo consciente de si próprio e do seu destino; é sobretudo poder espiritual, isto é, constituído por ideais comuns, valores, maneira de viver, tradições, usos e costumes. Uma Nação é uma comunidade com raízes no destino comum, é cultura, cuja função é transformar essa cultura em frutos para o seu povo e para o futuro.

O Estado é a organização política na Nação, a sua constituição, os seus princípios legais, reconhe-

cendo o respeito pelos direitos naturais do povo e oferecendo a salvaguarda desses direitos por meio de processos legais. Nas relações normais, o Estado é alguma coisa que se desenvolve, vindo da Nação; livremente o povo encontra um governo. Isto é evidente na América, onde a Constituição começa com as palavras: «Nós, o povo, ordenamos e estabelecemos a Constituição dos Estados Unidos».

No novo barbarismo, porém, do século vinte, o Estado não se desenvolve de dentro da Nação, mas sim é um regime totalitário, propenso à revolução, surgindo como um povo no meio duma Nação, destruindo o Estado ou o governo livremente eleito, vindo de dentro ou vindo de fora. Então, impõe um ditador, que por sua vez se transforma em sargento instrutor do povo, dominando e utilizando o povo para os seus próprios fins colectivos, por meio da propaganda e organização em grupos. As criaturas já não possuem a liberdade de exprimir o desejo da sua própria cultura ou a sua vontade na formação de um Estado ou governo.

Esta usurpação das funções e direitos de uma Nação ou da sociedade é muito semelhante ao que poderia acontecer aos membros duma família, se um bandido surgisse no meio deles, impusesse o seu regime, roubasse os produtos do jardim, confiscasse a máquina de imprimir a um rapaz de nove anos para lhe negar a liberdade da imprensa, exilasse o pai para a Sibéria e, destruindo os símbolos religiosos, dependurados na parede, lhe negasse toda a liberdade religiosa.

Em muitos pontos do mundo actual temos Estados não constituídos pelo povo, mas sim por imposi-

ção de um poder estrangeiro com ditadores sobre o povo. O resultado é que os povos da Polónia, Letónia, Estónia, Hungria, a Indo-China, a Coreia do Norte e outros países por detrás da cortina de ferro não têm oportunidade nem para eleger o seu governo nem para escolher os seus representantes. Os representantes actuais destes países nas Nações Unidas não são representantes de um povo nem representantes de um Estado. São representantes de um poder totalitário, que submergiu a Nação e destruiu o Estado.

Não seria pois uma boa ideia negar um voto a todo o país no mundo, privado de governo, livremente eleito? Sendo assim, a Lituânia e os outros países já mencionados não disporiam de voto, enquanto estivessem sob a tirania imperialista da Rússia. Constitui simples princípio filosófico não poder ninguém dar aquilo que não possui. Se as criaturas não têm liberdade de voto, como é que os seus representantes declarados nas Nações Unidas podem exercer voto livre? Em Março de 1775, reuniu uma Convenção da Virgínia, em Richmond, na velha igreja de S. João. Foi então que se ergueu Patrick Henry e pronunciou as célebres palavras:

«Dai-me a liberdade ou a morte».

Possa chegar o dia em que qualquer grande americano, herdeiro do espírito de Patrick Henry se há-de levantar para defender os povos do mundo, dizendo: «Liberdade para as Nações, ou a morte para os Estados fantoches»!

A terceira sugestão resolve o caso do veto. Lembremo-nos que em assuntos substanciais cada uma das cinco grandes potências tem o direito a dar o veto

contra qualquer acção da parte do Conselho de Segurança. Isto significa que o veto não pode somente invalidar qualquer sugestão da Assembleia Geral, mas pode também invalidar todas as considerações éticas em busca da paz.

É justo ser dado o direito de veto às cinco grandes potências, só porque acontece constituírem cinco grandes poderes? Suponhamos que cinco polícias, representando os cinco grandes poderes receberam a incumbência de protegerem a propriedade e a vida humana, mantendo a ordem numa aldeia. Suponhamos ainda que um dos polícias rouba um banco e mata o guarda nocturno. Como originalmente era um dos cinco polícias, seria justo que tivesse o direito de veto em perseguições, julgamento, prisão e castigo? Então por que motivo hão-de tê-lo as cinco grandes potências?

Pode objectar-se que, como são as cinco grandes potências, deve haver um hierarquia, de preferência a igualdade entre as nações. Também este ponto precisa de ser esclarecido, fazendo a distinção entre superioridade económica e política. É inevitável que as nações condutoras, em virtude da sua grande potencialidade e poderio, desempenhem papéis de preponderante soberania na formação de grupos económicos, tomando sobre elas o encargo de velar pelos pobres do mundo, pela gente sem privilégios; esta, porém, é a superioridade da responsabilidade. No entanto, é indispensável que, no interesse do bem comum, eles, como os outros, respeitem os direitos das nações mais pequenas, o direito da liberdade política. Politicamente, as nações poderosas não valem mais do que qualquer outra Nação livre. Um homem

rico numa aldeia tem mais responsabilidades para com os pobres, por causa dos seus grandes recursos económicos; porém quando se trata de ir à urna, só dispõe de um voto. A Rússia utilizou o direito a voto 58 vezes. Nunca, na história do mundo, a justiça foi assim violada com tanta facilidade.

A quarta sugestão apela para que seja introduzida uma «quarentena», isto é, expulsão temporária das Nações Unidas por qualquer ofensa contra a paz mundial. No boxe, a conduta indigna de um desportista pode evitar a entrada do pugilista em diversos Estados. No base-ball, um jogador que proteste com demasiada violência pode ser despedido a um simples gesto do árbitro. No futebol, pode ser mandado embora do campo qualquer jogador, caso seja grosseiro. No hockey, um jogador pode sentar-se durante dois minutos na «cadeira eléctrica». Os políticos têm de aprender com os desportistas a fazer jogo franco. Assim, se qualquer Nação perturbasse a paz do mundo, deveria ficar isolada das assembleias das nações por determinado período de tempo. Suponhamos que Mônaco, estado soberano, com um território de três quintas partes de uma milha em extensão, com uma população de 20.000 almas ia atacar a Rússia, dispondo somente de 8.708.000 milhas quadradas, com uma população só de 200.000.000 de pessoas! Não deveriam as Nações Unidas dizer a Mônaco: «Porque ousaste atacar a Rússia, ficas condenado à expulsão das Nações Unidas durante seis meses». Se a Rússia ousar invadir a Coreia, a Indochina, a China, a Formosa, ou qualquer outra nação livre do mundo, que as Nações Unidas clamem: «Petroushka, mereces a cadeira eléctrica!»

Em que ponto do mundo é permitido a um criminoso tomar parte no seu próprio julgamento? Será permitido ao assassino ou ao bandido entrar para a sala do tribunal e instalar-se junto do juiz? Porque é que, então, nos tribunais internacionais da justiça, é permitido à Rússia tomar parte no julgamento da Coreia, da Indo-China e da China? Deixem que a Rússia e as outras nações violadoras da paz mundial sintam a severa penalidade da «quarentena» no meio das nações pacíficas do mundo.

As várias nações, que constituem as Nações Unidas, só podem ser ligadas definitivamente por alguma coisa de alheio a elas próprias. Não podemos fazer uma mala e metermo-nos lá dentro; não podemos fazer um molho e tomarmos parte no molho; não podemos construir uma casa de tijolos e ser um dos tijolos da casa. Como será possível ligar as nações do mundo adentro de uma unidade, a não ser por meio de alguma coisa, alheio a essas nações, alguma coisa com prioridade sobre cada uma delas e à qual têm de submeter-se até no caso de lhes ser adversa? Esta força unificadora é a obediência à vontade soberana de Deus, de quem descendem todas as leis. Sem este Poder, quem forçará as nações a obedecerem aos seus tratados e guardarem fidelidade aos pactos, quem as levará à submissão à política alheia? Deus sabe que, se não obedecermos aos nossos políticos, não obedeceremos aos dos outros. O segredo da paz está todo no reconhecimento da soberania divina, portanto em saber como todas as coisas devem obedecer à grande lei: «A paz é a tranquilidade na disciplina bem ordenada». Em primeiro lugar, glória a Deus nas alturas, depois, paz na terra aos homens.

CAPÍTULO VII

O SIGNIFICADO DO AMOR

O verdadeiro amor nasce de uma necessidade e de uma simpatia. A necessidade resulta da nossa natureza humana, que, sendo imperfeita, procura completar-se. Os olhos carecem de luz; o ouvido precisa de harmonia; o estômago pede alimento, e o coração tem necessidade de amor. Não é bom para o homem viver só. Por outro lado, a simpatia nasce da nossa semelhança com Deus; criados por Deus, cuja bondade procura difundir-se, sentimos dentro de nós a ordem de nos esquecermos a nós próprios, ordem de servir os outros, ordem de armar o próximo como a nós mesmos. É característica humana a sede de mais e melhor; é característica divina dar de beber aos outros. Desejar ser mais do que se é, é humano; desejar ser menos do que se é, na entrega aos outros, é celestial.

O ponto seguinte muito importante no amor é a sua constituição psicossomática, isto é, simbiose do corpo e alma. O amor na criatura e aquilo a que no animal se chama amor não são a mesma coisa. O animal vive, orientado unicamente por instintos mecâ-

nicos e necessidades biológicas; a criatura, porém, escolhe livremente as suas afeições. O amor não está somente nas glândulas, mas na alma. O animal não pode descentralizar os seus instintos. Ao homem, porém, de vontade independente, é dado esse poder. Embora, contudo, o amor na criatura seja diferente do do animal, o amor oculto na alma relaciona-se com um corpo. Nada do que existe no espírito poderá jamais ser parte do conhecimento, pelo menos nos humildes começos, se não for através dos sentidos. Até os mais puros e sublimes amores da alma não podem encontrar expressão excepto em símbolos derivados em parte da matéria. O maior de todos os pensadores, Tomás de Aquino, disse que não há momento em que o corpo e a alma se encontrem, estejam mais intimamente unidos e em que se note maior repercussão de um sobre a outra como na união do marido e mulher. O facto do pudor prova finalmente que alguma coisa existe no ser humano, que não se encontra no animal. O animal, privado de alma humana não possui o sentimento da vergonha, como a criatura a conhece. A vergonha deixa cair um véu sobre os instintos mais profundos, reprimindo-os até que possam satisfazer o corpo e a alma. Guarda a criatura contra a revelação demasiado precoce dos instintos e testemunha e prova a certeza da existência de um grande mistério de santidade, inerente ao corpo, que nos lembra a referência de S. Paulo: «O corpo é também para o Senhor».

Erros — Desde que o amor envolve corpo e alma, segue-se haver duas formas possíveis de errar. Uma é o erro vitoriano, preconizando a alma apaixonada sem participação do corpo; a outra é o erro freu-

diano, exaltando o amor da matéria, sem que a alma nele tome parte.

Dentro de um século, o mundo passou de um extremo a outro; antigamente, o sexo era assunto de que ninguém podia ocupar-se; no momento presente, ninguém fala nem se ocupa de outra coisa.

Os vitorianos escreviam acerca do amor como se o sexo não existisse, e até o corpo andava envolto em metros e metros de pano verde garrafa, vermelho cenoura ou ocre acastanhado; os seres humanizaram um ponto, em que usavam envoltórios, tratasse de cebolas. Os homens deixavam barbas, que lhes cobriam a face e o pescoço. Era uma época em que muitos desejavam libertar-se de qualquer referência ao sexo para evitarem o ridículo. Uma vez, uma mulher disse ao Dr. Johnson, que estava preparando o seu dicionário: «Estou confuso porque no seu dicionário não há palavras para o amor». O dr. Johnson respondeu: «Como é que o amor se relaciona com a procura delas?»

Depois o mundo precipitou-se para o outro extremo, parecendo ser o amor consequência só do corpo, e não do corpo e alma. Não era propriamente o corpo o objecto do culto, mas sim uma função do corpo, o sexo, confundido com o amor. O sexo começou a ser quase psíquico, de tal maneira era objecto do pensamento e sonho; ia-se transformando em ídolo, fetiche, abstracção. O género passara a ser mais importante do que a pessoa. O papel desempenhado pelos olhos revestiu-se de extraordinária importância, tornando-se cada vez mais impossível a satisfação da função. O amor era um pobre ídolo,

um corpo sem alma. A sede do absoluto fora transferida para o relativo, para a parte carnal.

Este exagero sexual fazia do amor uma doença, tal qual como a personalidade se transformava em cadáver ou corpo sem alma. Não era verdade o que Freud dissera: o homem não podia ser interpretado como sexo. Pelo contrário, o sexo é que devia ser compreendido dentro das possibilidades do homem. Assim como os planetas giram à volta do Sol, assim a função do corpo deve girar em torno da personalidade. Quando os planetas se desviam da órbita, consomem-se no espaço; quando o sexo se separa da personalidade humana, arde entre dois contactos epidérmicos. Não quer isto dizer que o sexo seja imoral, tal qual como nada há de imoral numa paixão. Todos os instintos e paixões humanas são amorais; só no abuso das paixões é que está o mal. Ter fome não é nada de injusto, mas não está certo ser glutão; ter sede não constitui pecado, mas o alcoolismo é grave pecado; nada há de censurável no homem que procura segurança económica, mas é digno de condenação o homem avarento; no conhecimento nada há que possamos desprezar; no orgulho porém quanta coisa a ser condenada! Na carne nada há de que devamos envergonhar-nos, mas no abuso da carne quanta ignomínia! Assim como o estrume fora do lugar que lhe pertence é um insulto, assim o pecado é a carne no ponto errado. Fica bem o estrume no campo, mas sobre a mesa é um atentado. O sexo tem o seu lugar nessa área da vida, designada para seu uso, mas é grave erro o seu abuso fora dos limites naturais e sobrenaturais.

Voltando agora à ideia básica de que o amor

é psicossomático e envolve igualmente o corpo e a alma, segue-se que pode haver:

- 1.º — Um amor que não satisfaz.
- 2.º — Um amor que satisfaz.

O *amor que não satisfaz* — Este é o amor que identifica amor e sexo, e esquece a existência da alma, o destino espiritual do homem e da mulher, e Deus, fonte do amor. Aqueles que identificam o amor com o sexo é em vão que acreditam poderem dar a totalidade de si próprios aos que amam: É impossível, porque o homem tem alma e corpo. No amor podem dar o corpo mas não a alma; no amor podem receber o corpo, mas não a alma. Eis o motivo por que, nesse género de amor, o desejo da entrega completa falha sempre, pois, passado o acto de amor, cai-se na sensação de um isolamento, pior do que nunca antes. Debalde se procura a alma só na carne. A sensação do vácuo, do isolamento, é devida ao facto de um procurar o infinito no outro. O infinito só se encontra em Deus. As pessoas que reduzem o amor a um função biológica, sentem por fim quase sempre terem amado uma pessoa diferente; aquela que pretendiam amar escapou-lhes.

Negando a finalidade e o propósito da vida, reduzindo a própria personalidade, feita à imagem e semelhança de Deus, a alguma coisa de zoológico a única paz que conhecem é a aquiescência do animal saciado.

É debalde que tentam fazer da intensidade de uma emoção compensação para o vácuo sem sentido da vida.

O amor, que esquece alma, família e Deus, procura necessariamente um infinito. A outra pessoa é esse infinito. Muitas vezes, nestes casos o homem aplica a este género de amor a linguagem da religião. O homem é incensado como «positivamente divino»; a mulher como «anjo»; porém nenhuma criatura suporta o peso do infinito, tal qual como a haste de uma rosa não aguenta com o peso de uma coluna de mármore. Esse amor sofre, não por ter sido abandonado, mas por ser adorado. Toda a mulher casa com um homem e vive com um marido; todo o homem casa com uma mulher e vive com uma esposa.

Não leva muito tempo até que o falso infinito começa a desabar, porque Deus foi posto de lado. Os dois começam a sentir que, juntos, estão só, procurando reter desesperadamente a única coisa em que encontram distracção, o corpo sem alma.

Surgem a melancolia e o descontentamento, porque os mortais percíveis se recusam a realizar a obra imortal, a que o amor os convidou. Havendo negado o verdadeiro infinito, procuram outro falso infinito, isto é, o infinito na sucessão de companheiros ou companheiras — uma solução tão illusória como tentar criar uma melodia, escolhendo uma série de violinos para tocar.

Para o animal, amor e sexo são idênticos, mas não assim para o homem. Daí, sentir o homem melancolia e desalento, sensações desconhecidas do animal. Se o estômago pode ingerir alimento e enjoá-lo porque não alimenta o corpo, também o sexo pode originar melancolia e tristeza, quando não alimenta a alma. Pode até despertar ódio por outra pessoa, porque colocando o infinito noutra ser e nada rece-

bendo em troca, o homem é capaz de odiar esse ser como o traidor odeia a caução; ele ou ela prometeram alguma coisa que não podem dar. Tratava-se porém de alguma coisa que nunca podia ser dada. A infinita satisfação e felicidade do amor não se encontram sobre a terra. Tais casamentos tornam-se então semelhantes a dois navios de encontro um ao outro num canal estreito, ou a dois corpos vazios que esbarram momentâneamente. No domínio do amor vão-se tornando tão fúteis como no domínio da economia aqueles dois marinheiros que se ajudavam mutuamente na ilha onde o naufrágio os lançara, tomando conta do trabalho de lavar a roupa um do outro.

Em amor desta ordem, em que cada um se move na sua própria órbita, ligado ao outro ou por hábito ou pelo peso comum do descontentamento, a todos é compreensível o motivo por que Freud identificou Eros e Tanatos, amor e morte, pois tal amor, negando Deus e a alma, não conhece outro destino a não ser a morte. Como André Malraux disse a Lady Chatterley de Lawrence: «Ela agarra-se desesperadamente ao sexo, em face do tédio e da morte». Por tal razão, Baudelaire descreveu este amor como «alimentando-se de um crânio».

Amor que não falha — Amor que não falha é aquele em que a relação existente não é a de duas forças, uma exaurindo a outra.

Onde existe o verdadeiro amor, marido e mulher estão ligados por alguma coisa para além dos dois. O infinito não pode ser procurado no outro associado mas em Deus.

Nesta espécie de casamento, o marido e a mulher vivem ligados por um alvo comum, que é o amor de

Deus. Para eles, o infinito não reside neles, mas em Deus. Ambos podem dizer: «Desejamos um amor que não possa morrer nunca; por isso não conhecemos momentos de ódio ou saciedade. Esse amor fica para além de nós; aproveitamos o amor material, que sentimos um pelo outro, para alcançarmos o perfeito amor bem-aventurado que é Deus».

Então o amor deixa de ser desilusão e começa a ser canal humano, em direcção ao Divino e ao espiritual. Marido e mulher compreendem que o amor humano é centelha da grande chama de amor, que é Deus. Compreendem que, se a centelha é tão brilhante, a Chama tem de ser êxtase perfeito. A união de dois numa só carne torna-se para eles então um prelúdio de dois num só espírito; os momentos da sua identificação num só transformam-se em cântico; que vai unir-se à melodia dos anjos; transformam-se em rio que corre para o mar da eternidade.

Sabem haver momentos no seu amor, em que a expressão falha. Lembram-se então que as alegrias do amor que sentem um através do outro são reflexo do amor divino. Em Deus existe um laço de unidade entre Pai e Filho, tão profundo, tão espiritual, tão infinito, que não pode exprimir-se em cânticos, palavras ou abraços. Na nossa pobre linguagem humana, só pode exprimir-se por aquilo que significa a exaustão de todas as dádivas, a riqueza infinita de sentir — um suspiro. Eis o motivo por que o laço de amor entre Pai e Filho na Trindade é chamado o Espírito Santo, o Sopro Sagrado, o Sagrado Espírito.

O amor que nunca falha sabe muito bem que duas rosas num só vaso, embora amem a mesma luz

e a mesma água não podem ser uma única flor, não obstante estarem intimamente ligadas.

Só podem sentir-se uma unidade, tendo a mesma raiz. Assim, o amor que não falha, procurando o Infinito para além dele próprio, sabe que um coração pode estar ligado a um outro, unicamente por aquilo que fica para além de ambos, isto é, o amor de Deus. É necessária uma trindade para que possa existir o amor que nunca falha: tu, ela e Deus.

CAPÍTULO VIII

O QUE É O ALCOOLISMO

O seguinte telegrama, típico e característico, veio-me às mãos antes da preparação deste capítulo:

«O alcoolismo tem sido o grave problema da nossa existência, desde que me casei há vinte e sete anos. Tenho seis filhas. O meu marido foi sempre trabalhador. Era bom, mas o álcool faz dele um demónio e a nossa vida tornou-se um inferno. É um alcoólico, mas recusa ser membro da liga antialcólica, como lhe foi aconselhado. Diz que pode emendar-se por si próprio, mas não pode. Devo ficar junto dele e ajudá-lo a salvar a alma, como me dizem ser meu dever? Tenho medo, porém, de enlouquecer. Em nome de Deus diga o que sabe dizer para que se arrependam e desejem parar, enquanto é tempo. Ninguém pode ajudá-los, se o desejo de emenda não vier deles próprio. Peço-lhe que socorra milhares de mulheres que se debatem, como eu, com este problema».

Calculou-se haver cem milhões de pessoas nos Estados Unidos na idade de beber; entre estas, ses-

senta milhões foram classificadas como bebendo com moderação; cinco milhões ficaram com a rubrica de excessivos consumidores de bebidas e por vezes até de ébrios. E há quatro milhões de alcoólicos. O termo alcoólico tem significado muito definido; é deste grupo que vamos falar e não dos ébrios ou moderados.

Porque bebem as criaturas e se tornam alcoólicas?

— Por uma ou duas razões; ou porque gostam de licores ou porque não gostam de mais nada. O primeiro tipo compreende aqueles que deliram com o gosto do álcool. Ao segundo pertencem os que bebem para se distraírem.

São impelidos menos por aquilo de que gostam mas muito mais por aquilo de que não gostam. Bebem talvez para escaparem à dor física, à agonia mental ou à ansiedade, proveniente de uma má consciência. O segundo grupo corre maior perigo de sucumbir ao álcool do que a primeira classe. Até no caso de se curarem do alcoolismo, muitas vezes não se evita a neurose. No segundo grupo encontram-se maior número de mulheres do que no primeiro. A maioria dessas mulheres bebe para escapar a qualquer outra coisa. A falta de significado da vida moderna, devida à ausência de uma finalidade ou um propósito, aumentou assustadoramente o número dos que sucumbem à tentação do álcool.

Quem é a vítima do alcoolismo? — A vítima do alcoolismo é uma criatura humana. A pessoa humana é composta de corpo e alma. Só um corpo vivo pode beber, e um corpo só está vivo quando lá dentro existe uma alma. O corpo não bebe separado da alma, nem a alma anseia por álcool liberta do corpo. É sempre a pessoa quem bebe. Sempre que os olhos

avistam qualquer coisa ou o corpo toca alguma coisa, ou o ouvido retém algum som, é a personalidade inteira o sujeito da acção.

Erros — Há dois erros possíveis com respeito ao alcoolismo. Um erro é chamar-lhe doença, como se se tratasse de tuberculose ou cancro; o outro erro é chamar-lhe condição moral. Erro é pensar que o alcoolismo afecta só o corpo; outro erro é considerá-lo como exclusivo do espírito ou da alma. A medicina é propensa a tornar-se culpada do primeiro erro, dizendo tratar-se duma doença. A verdade sobre o assunto é que não há doenças, mas sim doentes. O outro erro, cometido pelos psiquiatras e por vezes por aqueles que encaram o problema por um ponto de vista religioso, demasiado estreito, consiste em o considerarem somente caso de responsabilidade ou de conduta, susceptível de ser curado pela psicoterapia ou qualquer forma esquisita de fé naturalista.

O alcoolismo não é exclusivamente uma doença, com é a diabetes — Um suíno embriagado não se parece com um homem ébrio. Existe um elemento voluntário, pelo menos no alcoolismo incipiente, que não se encontra nos casos de doença. Ninguém consente em contrair uma doença como o cancro e, caso a contrai, não há momento algum em que não se deseje a cura de tamanho mal. No alcoolismo, porém, existe pelo menos a decisão voluntária de beber. O efeito fisiológico de uma injeção de tiróide, digamos, pode ser a mesma para um porquinho da Índia e para um homem, mas no homem existia o desejo inicial de tomar a injeção.

Além de tudo o mais, na proporção em que se pode prever o resultado final do progressivo vício

de beber, homem que não ataca corajosamente esse vício, torna-se responsável do que vem a acontecer. Não estamos a falar de responsabilidades para as consideradas vítimas do alcoolismo, mas sim para os que estão a dar os primeiros passos no progresso de tão tremendo mal.

Existe outro motivo ainda para que o alcoolismo não seja considerado exclusivamente uma doença, como a tuberculose; há efeitos psíquicos associados ao alcoolismo, distinguindo-o de uma doença. Um destes efeitos é a mentira. Praticamente, todos os alcoólicos são mentirosos. E para mentir basta o desejo de esconder a condição verdadeira, evitando tentativas com o fim de lhes subtrair o álcool. Um efeito peculiar psicológico é que um alcoólico nunca admitirá que o é. Pode admitir ter bebido em excesso, ter-se até embriagado; nunca confessará porém ser um alcoólico. Associada à mentira, encontramos a astúcia em obter bebidas. Para enganar o marido, uma mulher alcoólica costumava esconder as garrafas de licor no escoadouro do quarto de banho. Sempre que desejava beber pescava a garrafa com uma corda. Só anos depois é que o marido descobriu o estratagema da mulher. Conhecemos uma mulher casada que nos disse que nunca vira o marido beber durante ano e meio de casamento; todavia era um alcoólico que nem um só dia deixara de cheirar a álcool. Havia uma sala da casa onde se encontravam num armário, em fila, trinta ou quarenta copos de fantasia. Durante a noite, contratava alguém para encher os copos de licor. Durante o dia, passava rapidamente pela sala, subia a uma cadeira, esvaíava um dos cálices, passava — e saía.

Dois outros efeitos, associados com alcoolismo são o «delirium tremens» e a alucinação alcoólica. No «delirium tremens», o doente vê coisas tais como cobras, elefantes de cor e arames ou outros filamentos alongados. Foi calculado num hospital que 55 por cento dos casos de «delirium tremens» terminavam pela morte.

Na alucinação alcoólica ouvem-se vozes, por exemplo, acusações de imoralidade ou ameaças de castigo físico em que receiam pancadas. Estas vozes constituem tal realidade para os alcoólicos, que algumas vezes acontece revoltarem-se contra pessoas que se encontram na proximidade, havendo até casos de assassinatos. É possível que as estranhas coisas que vêem, as estranhas vozes que ouvem, sejam afinal em primeira instância símbolos do castigo que sentem merecer, e, em segunda, a voz da consciência acusando-os de destruírem a imagem de Deus, dentro deles. Outros alcoólicos ouvem o som de campainhas. Depois de já estar curado, um alcoólico tomou a resolução de dizer uma prece sempre que ouvisse ressoar uma campainha. Era espantoso porém o número de campainhas que ouvia, tais como campainhas de portas, campainhas de telefone, de incêndios ou sinos de igrejas — tudo se lhe tornara motivo de oração.

Nas pessoas genuinamente religiosas encontra-se também a tendência para o alcoolismo, tal não sucedendo com doenças no estrito significado do termo.

Em todos os casos isolados, observou-se uma degenerescência espiritual antes da queda no alcoolismo, bem como declínio na oração, no espírito de caridade e nos exercícios religiosos. Logo que o al-

coolismo se inveterou nessas criaturas, foi rápido o declínio espiritual.

O alcoolismo não é exclusivamente condição moral — Tal qual é erro atribuir o alcoolismo só ao corpo, chamando-lhe doença, é também erro chamar-lhe condição moral, atribuindo-o somente ao espírito ou à alma. Vemos não se tratar puramente de condição moral, atendendo aos efeitos físicos, patológicos e metabólicos que tem sobre os nervos e o aparelho digestivo. O álcool passa muito rapidamente do estômago para o sangue, afectando assim nervos, tecidos, órgãos e até o cérebro. Nas pessoas não habituadas a bebidas, uma bebida forte tem o mesmo efeito que a explosão de um pneu, em virtude da rapidez com que o álcool invade o sangue. No caso de continuar a beber, o que originalmente foi explosão, transforma-se por fim em pequeno furo, pois o álcool já não origina no sangue o choque de nervos, tecidos e cérebro, que causou a princípio. É a isto que as criaturas chamam «aguentar bem o álcool». Significa afinal que há vasodilatação e, conseqüentemente, irrigação cada vez mais imperfeita dos tecidos e nervos.

Contudo, a tolerância do álcool não continua indefinidamente. Se alguém guiar um automóvel, em que os quatro pneus apresentam furos pequenos causados por pregos, torna-se muito provável que algum tempo depois os pequenos furos sejam causa da explosão. Resultado: não há só a deplorar a perda dos pneus, mas talvez do automóvel inteiro com prejuízo conseqüente do carburador, do motor, da direcção e do parafuso do eixo da roda. Acontece o mesmo com o organismo humano. O leve furo no aparelho gastro-

-intestinal termina finalmente na grande explosão, que vai afectar coração, nervos, fígado, cérebro e até o espírito.

Observemos mais esta razão importante, porque o alcoolismo não é exclusivamente uma condição moral: para haver condição moral é necessário ser livre; ora, no alcoólico a liberdade de não beber foi afectada por forma anormal. Está debaixo de uma obsessão psíquica que o leva a beber, espécie de jugo, devido ao qual se sente incapaz de deixar de beber sem qualquer ajuda externa. Existe pois uma perda absoluta do autodomínio. Tão prejudicada está a sua liberdade que não pode viver com álcool, nem pode viver sem ele. A princípio bebeu, porque desejava beber; agora bebe, porque não pode deixar de beber.

Chegamos agora à diferença entre um ébrio e um alcoólico: um ébrio pode deixar de beber, se quiser; um alcoólico, embora sinta o desejo de se não embriagar, tem de obedecer a um impulso irresistível. O ébrio é o que é por causa do arbítrio falso no momento presente; o alcoólico é o que é por causa do arbítrio falso no passado. O ébrio apresenta inclinação para o mal; o alcoólico complexos mórbidos. O ébrio é um pecador; o alcoólico sofre da condição patológica, a que está associada a obsessão psíquica que o força a beber. A obsessão psíquica pode vir de dentro; podia contudo vir de fora como influência dos maus espíritos. Assim como existem os anjos bons, inspiradores dos bons pensamentos, também existem os maus, os que segredam os pensamentos maus. Embora esses maus pensamentos, vindos de fora, não possam subjugar a vontade livre, em todo o caso, se se apresentam a um alcoólico, este sente-se

compellido a beber, particularmente em momentos de crise e depressão moral. Um pouco de álcool para um alcoólico é como chegar fogo ao rastilho de uma bomba. Não faz diferença a qualidade da bebida. Aceso o rastilho, dá-se o impulso para continuar a arder, impulso impossível de vencer. Alguns alcoólicos nem sequer podem usar uma loção para a face, pois qualquer forma alcoólica actua como gatilho, perturbando-lhes o ambiente interno, de forma a fazer-lhes perder todo o autodomínio. Se o alcoolismo não é exclusivamente uma doença nem exclusivamente condição moral; se não é alguma coisa pertencendo só ao espírito, o que é então? O alcoolismo é uma combinação das duas coisas. É uma doença moral—doença em virtude das condições patológicas a que dá origem dentro do organismo e do espírito; doença moral, porque afecta uma personalidade humana, feita à imagem e semelhança de Deus, personalidade, responsável quanto ao início e que, até em estado de ruína, vale mais do que todo o universo material. Aquilo a que chamamos pecado é a mesma coisa a que a Sagrada Escritura chama escravidão: «O que comete pecado é um escravo do pecado».

Os escravos não são sempre responsáveis pela sua condição. Hoje, os habitantes da Polónia são escravos. Assim também o povo da China. Pode ser que, no princípio lhes caiba alguma responsabilidade pela condição em que se encontram presentemente; atingiram porém hoje um estado em que já não são responsáveis. Da mesma maneira, ao alcoólico no último estádio da sua doença moral, pouca ou nenhuma culpa lhe cabe. Censurar as vítimas de uma doença moral dá maus resultados e só serve para lhes aumen-

tar o desespero. Tratá-los como pessoas, dispendo de controle absoluto da vontade, portanto absolutamente responsáveis, é loucura igual à de censurar alguém com icterícia por ter a face amarelada. Não vale a pena dizer ao alcoólico que deve servir-se da força de vontade, pois esse é precisamente o seu problema: não possui força de vontade.

Admitindo ser o alcoolismo uma doença moral, é intuitiva uma dupla terapia: uma médica, a outra moral e espiritual. Deixamos a cura médica da doença aos que são especialistas. Quanto ao lado espiritual do problema, concluímos por uma nota de esperança. Não há casos desesperados entre os alcoólicos, desde o momento que se utilizem na cura todos os meios existentes. Quais são estes meios? Podem ser enumerados sob a forma de uma velha história com mil variantes.

Uma vez num leilão procedia-se à venda de um violino. As ofertas iam de cinquenta cêntimos a dois dólares. Na falta de mais ofertas, o leiloeiro chamou um espectador que se encontrava na audiência e pediu-lhe para tocar no violino. O espectador, depois de limpo o pó e repuxadas as cordas, afinou o instrumento, pô-lo debaixo do queixo e tirou do velho violino algumas das mais encantadoras melodias. As ofertas recomeçaram, desta vez partindo de cem dólares: o violino foi vendido por trezentos dólares. Mais tarde, alguém interrogou o velho leiloeiro sobre a forma como conseguira ofertas altas. E ele respondeu: «Foi tocado por mão de mestre».

Acontece o mesmo com o alcoólico. É preciso que a mão do Mestre o toque para extrair as harmonias, ocultas na sua alma imortal. É como um relógio;

cuja mola principal está quebrada, guarnecido contudo com pedras preciosas. Em tais condições é preciso que o artista que o fez o conserte. Tenhamos esperança. Existe em todo o ser humano no mundo a *potentia obedientialis*, isto é, a capacidade para receber a energia divina ou o poder, ou a graça.

Assim como lenha seca arde melhor do que lenha molhada, assim reside em toda a personalidade a capacidade de receber de Deus força sobrenatural ou sobre-humana, impossível de encontrar no animal. É isto devido ao facto de cada homem possuir um intelecto e uma vontade, ambos perfectíveis. Esta capacidade está sempre presente; algumas vezes por meio da boa vontade do alcoólico, outras vezes por influência de outros, a sua alma prepara-se para este poder que há-de curá-lo da sua doença moral.

Há uma lei na física de que qualquer corpo posto em movimento continuará a mover-se, a não ser que seja desviado por um poder superior: por exemplo, atiro uma bola através da mesa. Continua na mesma direcção até cair do outro lado. Também um alcoólico, atacado desta doença moral, continua na direcção da degenerescência física e espiritual, até se dar o colapso completo — a não ser que se dê a intervenção de um poder superior. Suponhamos que, quando atiro a bola uma segunda vez, coloco-lhe no caminho uma imagem de Nosso Senhor. A bola não continuará na mesma direcção. Detida por essa força superior, desvia-se da direcção original. Assim, todos os alcoólicos podem reaver a paz da alma e reentrar no seio da família e na alegria de viver, através da clemência infinita de um Deus Misericordioso.

CAPÍTULO IX

CURA DO ALCOOLISMO

Admitindo ser o alcoolismo uma doença moral que assalta tanto o corpo como a alma, depreende-se que para a cura completa podem cooperar, unidas, a ciência médica que cura condições patológicas e a teologia que cura os males mentais e atitudes morais. Deixamos aos técnicos a apresentação dos remédios da especialidade. Aqui contentamo-nos com aquilo a que podemos chamar os cinco degraus na cura do alcoolismo. É Nosso Senhor quem nos sugere estes cinco degraus na sua parábola do Filho Pródigo.

Fosse qual fosse o pecado do pródigo, alcançara tal grau de degradação, caíra tão baixo, que alegremente teria enchido o ventre com as holotas que os suínos comiam, mas ninguém lhas dava.

Autoconhecimento da nossa própria impotência — O regresso do pródigo é descrito assim nestas simples palavras: «Caiu em si e compreendeu: Aqui estou eu morrendo à fome». As palavras «caiu em si» sugerem como ele tinha estado fora de si, passuído por um outro. Começava agora a regressar à sua verdadeira personalidade. Vê agora o que a sua condição lhe acarretou, e uma nova luz se ergue aos seus

olhos. Ninguém regressou jamais ao estado de saúde, a não ser por meio da reflexão, porque a reflexão é distintivo do homem; não é próprio do animal meditar e encontrar-se de novo a si próprio. Por vezes este poder de reflexão rectro-activa não volta, até que alguém tenha tocado o fundo da dor. É então que a criatura toma consciência da sua absoluta impotência. Compreende a sua loucura, como se tivesse permitido a uma serpente que se lhe enrolasse no corpo; sabendo que acabaria por o asfiziá-lo, em todo o caso acariciava entretanto o animal cintilante, absorto nas suas escamas mosqueadas, não fazendo esforço algum para lhe escapar. Da mesma maneira, o alcoólico tem de reconhecer a sua impotência, isto é, que por si só nada pode fazer. Todo o alcoólico sofre do mal a que podemos chamar ego-esclerose, ou seja o endurecimento do eu. É indispensável vencer esse orgulho infernal, próprio do alcoólico, de que pode curar-se a si mesmo, à sua maneira e a seu tempo, ou então não admitindo ser um alcoólico. A reflexão íntima tem de alcançar um ponto em que diz: «Sou impotente em relação ao álcool». Um alcoólico tem de chegar à conclusão de como se transformou em pneu vazio, resultado dos muitos furos e explosões, não podendo fixar-se em ponto algum.

O alcoólico tem de compreender a sua impotência, sentido-a como vácuo. O vácuo pode ser de uma ou duas espécies. Pode ser o vácuo do Grande Canyon, sem proveito algum, ou o vácuo de uma cana que um tocador pode aproveitar para entoar uma melodia. Na última forma do vácuo a impotência grita pelo poder. Na linguagem de Francis Thompson, o alcoólico diz: «Nu, fico à espera que o teu amor venha

tocar-me e erguer-me». Onde havia força compulsora deve ser admitida agora a fraqueza, pois a humildade é condição de força. O momento em que o alcoólico compreende a sua impotência e encara o trágico estado a que chegou, é muito perigoso, pois pode degenerar em desespero. A consciência acordada, que não encontra a paz, pode revoltar-se, exasperada ao máximo. A vergonha algumas vezes enlouquece as criaturas, arrastando-as à resistência do desespero, quando os últimos restos do orgulho se revoltam contra o crime descoberto. Quando as paixões e uma má consciência ardem no mesmo caldeirão, lá dentro existe na realidade o inferno. Nosso Senhor preveniu-nos, comparando a alma a uma casa vazia. A alma, donde foi expulso o demônio, é semelhante a uma casa vazia. Como o bem não veio habitar naquela casa, vieram lá instalar-se sete outros espíritos, piores do que o primeiro e «o último estado do homem foi pior do que o primeiro».

Não é bom criar o vácuo e a impotência, a não ser que a bondade venha ocupar o espaço livre.

Segundo degrau — a impotência procura o poder de Deus — O Filho Pródigo, depois de ter reconhecido como agonizava, tomou uma resolução: «Erguer-me-ei e irei ter com meu pai!». Aqui não se manifesta o autopoder realizador, mas uma dependência absoluta de um poder estranho, assim como o paciente reconhece quando manda chamar o médico, por causa de grave ataque de diabetes que não pode curar sozinho, por mérito próprio. Para um alcoólico, a princípio basta antever vagamente Deus. Quando um homem está perdido na floresta solta altos gritos, sem saber se estará alguém ali perto ou que pessoa será. Em-

bora seja vaga a ideia de Deus no espírito do alcoólico, é suficiente que comece por invocar o seu poder.

Contudo, para uma subida longa e áspera não basta o auxílio de um vago poder cósmico. Na parábola do Filho Pródigo, Deus é chamado o Pai, e o Pai tem uma casa. A influência deste poder, vindo do Além, é tão necessária ao alcoolismo com a mão que impede um objecto de cair.

O abismo chama pelo abismo: a miséria chama por misericórdia. As duas andam sempre unidas. Ter consciência da nossa miséria no mundo actual e não conhecêr a piedade do Pai do Céu, equivale a deixar-se vencer pelo desespero. Por outro lado, ter consciência da piedade de Deus, e, ao mesmo tempo, não reconhecer a própria miséria e a nossa necessidade de Deus, é orgulho. Neste momento, o ser impotente não se defronta com uma concepção confusa do poder. Existe, sim, a sensação de crise e o estado tenso, em que se confrontam duas pessoas: a pessoa humana e a Pessoa Divina. Para o alcoólico não se trata agora de discutir religião, mas sim de decidir. Em face do Pai do Céu, o que considerávamos como nosso deixa de o ser. Invade-nos a tristeza, porque nos vemos decaídos de um estado ideal, mas anima-nos a esperança de que Deus pode restituir-nos a beleza perdida.

Contou-me uma vez um homem que vivia em Londres e fora alcoólico durante trinta anos, que um dia, sentado num banco de um parque, compreendera, admitira que era um alcoólico e só o poder de Deus o poderia salvar. Dirigiu-se à Igreja de Corpus Christi em Maiden Lane e ajoelhou junto do altar-mor, no momento da bênção. Disse-me que, quando o

padre ergueu a Sagrada Hóstia, sentira naquele instante um assalto tremendo como que o conjunto de todas as tentações irresistíveis do álcool, que poderia ter conhecido se vivesse até aos cem anos. Tão furiosa era a necessidade de beber que se erguera de junto do altar e correria pela nave, tropeçando nos degraus que conduziam para fora da igreja e, de súbito, ao ouvir a campainha retinir para a bênção, voltara a entrar no recinto sagrado; esse regresso a Deus fora tão doloroso, como se lhe arrancassem o coração. Ajoelhara de novo, rezara, implorara o perdão das suas culpas e nunca mais tornara a beber.

Terceiro degrau — a sensação de culpa. «Direi, pai, pequei contra o céu e diante de ti». O contacto da nossa impotência e da paternidade divina produz uma sensação de culpa. O alcoólico compreende enfim que o alcoolismo não é uma doença; começa de facto a entender que nunca foi uma doença, mas sim alguma coisa de que lhe cabe a responsabilidade. Confessa agora o seu pecado, ao passar da ideia da doença para a aceitação do pecado. O seu desespero começa a ser criador, pois fez-se nele a luz que vê Deus, não como Mestre ou reformador moral, mas sim como Redentor. Neste ponto, impõe-se a acepção perfeita da divindade. S. Paulo ensina-nos: «Ah não! O Sacerdote Altíssimo não se afasta de nós nas nossas humilhações; Ele, embora sem pecado, conheceu todas as provações que nós conhecemos. Apareçamos pois corajosamente em frente do Trono das bênçãos, ao encontro da grande misericórdia, e imploremos a graça que há-de ajudar-nos nas nossas necessidades».

O pecado surge agora, não como infracção de uma lei mas sobretudo como quebra das relações

entre o homem e o seu Criador. O Filho Pródigo reconheceu como cortara os laços do amor entre si e o pai. O alcoólico começa a distinguir como feriu quem realmente lhe tem amor. Neste momento nenhuma desculpa serve. Nos Evangelhos não há uma única indicação que nos autorize a pensar que o Filho Pródigo censurasse o pai, as condições em casa ou os seus companheiros. Via-se a si próprio pecador único, digno de censura. Quando o alcoólico atinge o terceiro estágio, a prova concludente é a sua recusa em apresentar desculpas, imputando o mal a um complexo de Édipo ou à deficiência de amor por parte da mãe, ou aos maus companheiros, ou a recreios insuficientes, quando rapaz, ou à mulher ou às preocupações com os negócios. Pode até ser que comece a contemplar-se, não como espectador mas como actor no alto do Calvário, notando relações muito pessoais entre os sofrimentos de Nosso Senhor na cruz e os seus.

Embora exista já a profunda consciência do pecado, nunca é demais repetir derivar esse estado de espírito do renascimento da alma através do amor. Não há cura perfeita do alcoolismo sem a colaboração do amor. Há alguns anos soube do caso de uma mulher alcoólica, que, vítima dessa escravidão durante dezasseis anos, gastava em álcool, por ano, 6.000 dólares. Dava início à orgia alcoólica, fechando-se dentro de um quarto e escondendo a chave, com todo o cortejo de malefícios que o seu confinamento voluntário acarretava. Era uma mulher sem crenças. Um dia, sentada num banco de um parque, sentiu a inspiração de visitar determinada pessoa. Essa pessoa disse-lhe que, enquanto amasse o álcool mais do que tudo e todos no mundo, nada poderia fazer por ela,

até ao instante em que se pusesse a amar alguém mais do que ao álcool. Não é possível expulsar o alcoolismo; é necessário encontrar um poder mais forte que o vença. Falou-lhe durante uma hora e meia do amor de Deus e terminou contando-lhe a história da Crucificação: «Maior amor do que o d'Ele, que deu a vida pelos Seus amigos, nunca alguém o sentiu». Perguntou-lhe como arranjava as bebidas e onde comprava o álcool. Depois de ouvir a resposta, recomendou-lhe que fosse na tarde seguinte a esse local e, no momento em que pusesse a mão no puxador da porta, devia interrogar-se a si própria. Amaria suficientemente a Deus para renunciar a beber? Em qualquer caso, consciente ou ébria, desejava que o procurasse. Mais tarde esta mulher tornou-se uma fervorosa crente; hoje pode considerar-se uma santa.

Quarto degrau — reparação. — «Não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como a um dos teus servos». Há nestas palavras um desejo de sujeição à autoridade depois de a criatura ter reconhecido como toda a rebelião é recusa perante a autoridade; mais do que isso: evidencia o desejo de oferecer uma reparação condigna, em troca do seu mau passado, renunciando aos privilégios de filho para vir a ser servo. Pecar é perturbar o equilíbrio do mundo. Se alguém roubar dez dólares a um amigo, tem de lhos restituir. O alcoólico compreende como perturbou o equilíbrio de muitas vidas à volta dele. Fez mal à esposa e à família, aos pais e aos parentes, contraiu dívidas, escandalizou os muito novos, foi agressivo contra todos os que lhe ofereceram ajuda. Tudo isto constitui dívida, que tem de ser paga. Se, de cada

vez que bebesse, espetasse um prego na parede e, depois da sua renúncia, começasse a tirar os pregos, veria como a parede estava arruinada, cheia de buracos. Estes buracos representam a desordem criada pelo alcoolismo. Tem de começar agora uma ascensão ascética, em que será obrigado a renunciar até a coisas legítimas, de forma a oferecer reparação pelo passado. O passado afectou-lhe o futuro. O alcoólico que não tente reparar o mal feito durante os dias da sua escravidão, está em perigo de colapso, provando a verdade da terrível sentença da Escritura: «O cão volta outra vez ao lugar onde vomitou». Há muitas formas em que lhe é dado fazer reparação pelo mal cometido, pela oração, dando esmolas e jejuando. N último método, está incluída da parte de um alcóólico a resolução de nunca mais beber.

Vimos muitas vezes na igreja aquele alcoólico, mencionado há pouco. Ao abrimos a porta, às seis horas, já ele estava de joelhos e assim permanecia até às onze, altura em que saía para tomar o seu primeiro alimento. Perguntámos-lhe uma vez quantas horas tinha rezado naquele dia. Respondeu-me que naquele dia especial só rezara dezoito horas. Quisemos saber o que é que ele considerava um bom dia. A sua resposta foi: «Vinte e quatro horas de oração». Disse-nos depois que está a viver horas espantosas como lhe acontecera quando era alcoólico. Entre as maldições, zombarias e insultos dos amigos alcóólicos, que o ridicularizam, ele ajoelha muitas vezes junto do leito, durante a noite, e reza pela conversão dos infelizes que o escarnecem. É esta a maneira por que faz reparação.

Quinto degrau — reconciliação com Deus — «Ele

ergueu-se e pôs-se a caminho em busca do pai. Mas, enquanto estava ainda muito longe o pai viu-o e teve piedade dele; correu para ele, lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o... O pai deu ordem aos servos para que trouxessem as melhores roupas para ele vestir; pôs-lhe um anel no dedo, sapatos nos pés, mandou matar o novilho mais gordo e que todos comessem e bebessem, pois o filho morto voltara à vida, estava perdido e tinha sido encontrado. E assim começaram a banquetear-se».

Quando o pecador corre para Deus, Deus corre ao seu encontro. Entre os símbolos de boas-vindas está incluída a completa e total reconciliação de um alcoólico com Deus.

Esta total reconciliação não se dá com todos; nunca, porém, a culpa é de Deus nem deixa de ser o mesmo alto ideal. O beijo é o sinal do perdão, o anel, o penhor da felicidade, pois o alcoólico jura nunca mais atraiçoar o amor. As vestes novas significam o espírito de equidade reconquistado, pois a alma está agora revestida de bondade e graça, à semelhança de Deus. O vitelo gordo, o banquete e a festa são testemunhos da reintegração completa na sociedade dos cristãos e no amor.

Os únicos convidados para o banquete eram outros pródigos. Este facto levanta a interrogação: «Será sempre necessária a comunidade de antigos alcoólicos para que sejam recebidos os alcoólicos?» A resposta é: em absoluto, não; relativamente, sim. Não é necessária em absoluto, porque o amor de pai oferece tudo aquilo de que o pródigo carece. Desde que o filho pródigo deseje voltar, o amor de pai não falha com encorajamentos e conselhos.

A inocência e o amor podem compreender o pecado, melhor do que um ex-pecador.

Relativamente, porém, os que foram alcoólicos podem ajudar muito o alcoólico a fortificar-se no caminho da virtude; na casa do Pai há filhos mais velhos, como estão descritos na parábola do Filho Pródigo. O filho mais velho não levou a bem o regresso do Pródigo, provando com as suas palavras que servia por obediência e não por amor; era falho de simpatia; imputava pecados extras ao Pródigo, considerando como espécie de maldição o facto de outrem ser perdoado. Exactamente porque na casa do Pai se encontram às vezes os que não mostram verdadeiro espírito de amor para com os pecadores arrependidos, torna-se necessário que esse amor seja oferecido por aqueles que, um dia, conheceram a terrível escravidão do alcoolismo. Quando um homem se apaixona, entrega-se a um ministério; em termos religiosos, quando um homem encontra Deus, procura logo servir o vizinho. Onde existe amor verdadeiro, o vizinho não deve ser forçado a ficar fora da casa onde é servido o banquete do Pai. Existe esperança para todos os pecadores. Se nunca tivéssemos pecado, não chamaríamos nunca por Cristo, nosso Salvador.

Há duas maneiras de saber como Deus é bom. Uma consiste em nunca O perder; outra, é tê-Lo perdido e encontrá-Lo de novo.

CAPÍTULO X

MACBETH

É normal em todas as idades e em todos os povos o interesse pelas circunstâncias e conseqüências eternas do crime, mas um interesse anormal pelos actos de violência e histórias de crimes e assassinatos requer explicação especial. Em épocas passadas, havia muitas vezes consciência do pecado e da culpa; daí as muitas instâncias de expiação, reparação, adoção e a cedência de fortunas para serem utilizadas pelos pobres, em expiação de uma vida passada.

A nossa época, porém, pode ser caracterizada pela quase total obliteração da consciência do pecado. Nega-se o delito pessoal; quando se comete o mal, atiram-se as culpas a factores externos, tais como ambiência, falta de distrações, ou a factores psicológicos como a privação de ternura na juventude, ou ainda a factores ancestrais, como no caso de Édipo ou Electra. Quando a culpa e o pecado deixam de ser admitidos e são atirados para o subconsciente, surgem então estranhas maneiras de expressão; entre estas, destacam-se a violência e o amor dos mistérios tenebrosos.

Todas as pessoas conscientes do pecado, sabem que toda a culpa merece castigo; porém, se a culpa é negada, a necessidade de castigo encontra viciosa válvula de escape no amor da violência, exercida sobre outros. Deliciando-se perversamente com a violência, praticada contra os outros, a criatura como que se liberta do castigo, merecido pelo seu delicto.

Aquele que possui a consciência do pecado olha para dentro de si para se sentir culpado; aquele, porém, que nega a culpa, procura-a sempre no vizinho. Eis explicado o motivo da predilecção pelas histórias de detectives e assassinatos misteriosos em que, por fim, a pessoa culpada acaba por ser capturada. Praticamente, o inconsciente diz: «Não fui eu quem fez isto; foi um outro. Por mim, estou inocente».

É curioso inquirir como pessoas normais conseguem por vezes matar a consciência, de forma a submergir completamente a sensação da culpa na inconsciência. Há duas formas principais:

1.º — Pelos maus pensamentos acompanhados de má conduta.

Se aceitarmos a falsa filosofia da vida, de que não existe barreira absoluta entre a justiça e a iniquidade, e de que o bem e o mal dependem unicamente do ponto de vista de cada um, e o indivíduo, ele próprio, é o determinante da virtude ou do vício, com certeza que o homem a esta filosofia ajunta consequentemente, o acto mau. Depois, não tardará muito tempo que a consciência entorpeça e se extinga em absoluto.

2.º — Por um acto de vontade.

Neste caso, o assassinato da consciência não é só obra de maus pensamentos e actos, mas sim da

escolha deliberada do mal, pervertendo pouco a pouco o temperamento, tal qual como se alguém usasse uma caneta de tinta permanente para abrir uma lata de conservas.

Certamente, poucas pessoas encontramos na sociedade, capazes de escolher com fria deliberação o mal, como finalidade na vida. Nietzsche distinguiu-se pela escolha voluntária do mal; escreveu um dia: «Mal, sê o bem para mim». Milton pôs na boca de Satanás as mesmas palavras.

Este processo de matar a consciência manifesta-se na grande tragédia de Macbeth, escrita entre os anos 1603 e 1611. Macbeth é o exemplo de alguém que assassina a consciência com uma falsa filosofia, unida a má conduta. Lady Macbeth é o exemplo infamante de alguém, que destruiu a consciência por um acto de vontade.

Macbeth. Há tanto mal no mundo que não podemos atribuí-lo somente à maldade, existente no coração do homem. Shakespeare define esta força sobre-humana do mal, imanente nas três bruxas. Ouvimo-las falar no princípio da peça, expondo essa filosofia maldosa:

«O bem é repugnante.
O mal é belo».

Bem como a doença física é muitas vezes devida à fraqueza física, pela mistura de germens, estranhos ao corpo, assim também há maus princípios e potências viciadas que alimentam a maldade humana, produzindo um caos, originado por influências misteriosas.

Logo no início Macbeth não era bom nem inocente, porque a sua filosofia já se nos apresenta nefasta. Shakespeare, logo às primeiras palavras que diz na peça, repete o estribilho das bruxas:

«Nunca vi dia tão lindo e perverso!»

Macbeth não tem consciência da relação que existe entre estas palavras e os agentes sobrenaturais do mal. Usa-as meramente para caracterizar o dia de atmosfera ameaçadora: por detrás das palavras, porém, lá está a sugestão de que o bem pode ser o mal e o mal pode ser o belo. As forças más não podem nunca insinuar-se na alma, se lá não existir antecipadamente o terreno fértil à espera. Podem somente intensificar o mal, em estado latente no coração do homem; a combinação das duas coisas produz Macbeth. As bruxas dizem a Macbeth que será nomeado conde de Cawdor e mais tarde rei. Macbeth escreve então à mulher, participando-lhe a sua promoção, e repetindo o augúrio das bruxas, relativamente a vir a ser rei. O rei Duncan chega ao Castelo de Macbeth e é recebido só por Lady Macbeth. Macbeth faz um esforço enorme e encontra-se com o rei à hora do jantar; nota-se porém nitidamente a sua agitação, ao deixar a sala em luta com os próprios pensamentos. A sua consciência debate-se contra proibições morais, tais como as consequências imediatas do assassinato e a certeza de que há um tribunal na terra. Além disso, Duncan goza de tão alta estima e reputação que, se o matasse, o crime inflamaría o antagonismo do público contra Macbeth, em virtude do seu ultraje ao sentimento de justiça do

povo; subiria tão alta a onda de piedade pelo rei, que o rumor da sua morte alastraria em todo o reino. Macbeth caminha agitado de um extremo ao outro do aposento em luta com a consciência, ainda não de todo morta. Assassinará ou não o rei?

*«Se, consumado o facto, tudo acabasse
Seria bem actuar depressa. Se o assassinato
Pudesse entrar todas as consequências,
E eu com a sua morte conquistasse o êxito; se este*
[golpe

*Fosse ponto final, o fim de tudo, aqui,
Na orla do tempo, neste baixo,
De um salto iríamos ao encontro da nova vida.
Neste caso, porém, há o julgamento aqui em baixo.*

*Nós damos instruções sangrentas que, executadas,
Se voltam, tremendas, contra o legislador. Esta justiça*
[vendada

*Chega o cálice com os ingredientes envenenados
Aos nossos próprios lábios. O rei tem direito aqui a*
[dupla segurança:

*Sou seu parente e seu súbdito, em primeiro lugar.
Dois fortes obstáculos à acção. Depois, é meu hóspede.
Sou eu quem deveria fechar a porta ao assassino
E não usar eu próprio do punhal. E há mais.*

*Este Duncan tem sido tão benévolo, tão perspicaz
No uso da sua profissão, que as suas virtudes
Defendem-no, como anjos, de trombeta na boca,
Impedindo a danação da sua morte.*

*A piedade, como recém-nascido nu, cavalgando o vento
Ou como querubim do céu, utilizando os corcéis invisíveis*
[do ar,

*Há-de atirar a todos os olhos o feito monstruoso
De maneira que o vento se afogue em lágrimas.
Para esporear o meu intento, só me resta
O pulo da ambição, de violência irresistível,*
Que há-de projectar-me onde não quero cair.»*

Lady Macbeth, aborrecida com a ausência do marido da mesa do rei, procura-o, e ele diz-lhe:

«Não andarei para a frente neste assunto».

A mulher usa de dois argumentos contra ele: se recusar matar, prova que é um cobarde de coração débil, e, nesse caso, não pode continuar a amá-lo. O segundo é que, se não realizar o seu plano e cumprir a sua palavra, não pode considerá-lo como um homem.

Lady Macbeth assegura ao marido que não haverá malogro de qualidade alguma; tudo o que há a fazer é afivelar a máscara que:

«Esconderá o que conhece o coração falso».

E ele consente pois no assassinato.

Lady Macbeth. Lady Macbeth não sustenta luta alguma com a consciência. É má desde o princípio por acto de vontade, assim como Satanás. Prepara o crime de assassinato pela invocação directa dos maus espíritos, sempre prontos a alimentar pensamentos mortíferos na sua qualidade de instrumentos da sombra negra. Reza para que os maus espíritos impeçam a eclosão de todos os instintos naturais de piedade e mercê, de forma que nada possa impedir os seus desígnios selvagens ou venha interpor-se

entre o seu desejo de matar e o assassinato. É tão perversa que pede que o leite da ternura humana se transforme em fel; implora o fumo do inferno para que desça sobre ela e a envolva em negro sudário, para o céu não ver a sua maldade.

«..... vinde, espíritos

Que escutais os pensamentos mortíferos, arrancai-me

[a fraqueza do sexo.

Enchei-me da cabeça aos pés, bem cheia

Da mais horrenda crueldade! Tornai-me o sangue re-

[sistente.

Impedi o caminho e a passagem ao remorso.

Para que nenhum arrependimento vindo da natural

[fraqueza

Modifique o meu propósito, nem haja pausa alguma

Entre o efeito e a causa! Que nos meus seios de mulher

O leite se transforme em fel. Vinde, monstruosos sa-

[cerdotes,

Vós, que em vossa substância invisível

Causais todo o mal na natureza. Vem, noite espessa,

Envolve-te no mais sombrio fumo do inferno.

Para que o meu agudo punhal não veja a ferida que

[abro,

Nem o Céu espreite através dos véus negros

Para gritar: detém-te, detém-te! ».

Nestas duas maneiras de preparar uma má acção, a maneira de Macbeth e a maneira de Lady Macbeth, não descobrimos qual a melhor ou a medíocre, mas impõem-se-nos como símbolos das piores características da civilização ocidental e do comunismo. Os expoentes mais vis da filosofia da civili-

zação ocidental acreditam no relativismo e consentem no mal, assentes na base que não há julgamento nem lei moral. Por outro lado, o comunismo é como Lady Macbeth, pondo o mundo de cabeça para os pés, colocando o vício no trono da virtude, mandando a bondade para o inferno e nomeando Satanás ditador entre os santos.

O assassinato do rei. Macbeth entra no quarto onde está Lady Macbeth e diz simplesmente:

«Fiz o que tinha de fazer».

Pergunta se ela ouviu barulho. Ela admite ter ouvido piar um mocho e cantar os grilos. Pergunta depois a Macbeth se não ouviu uma voz. Foi ele quem falou? Nesta altura, Macbeth contempla as mãos e diz:

«É uma noite lúgubre esta.»

Lembra depois o incidente do assassinato. Quando saía do quarto de Duncan, cozido à parede, surpreendeu-o uma voz no quarto contíguo, em que dormia um dos filhos do rei. Alguém gritou: «Assassino». Depois, murmuraram preces e adormeceram. Macbeth disse que, quando os ouvira murmurar: «Deus nos salve!» e «Ámen»! os seus lábios não puderam emitir o mesmo som; e interroga Lady Macbeth:

*«Porque não pude eu pronunciar: Ámen ?
Precisava de bênçãos mais do que ninguém, e o Ámen
Ficou-me entalado na garganta.»*

Lady Macbeth compreende agora o erro, come-

tido no acto pelo marido; trouxe os punhais com ele e deviam ser encontrados, caídos juntos dos moços da estrebaria. Diz a Macbeth que pegue neles e cubra de sangue os moços, enquanto dormem. Macbeth recusa, alegando:

*«Tenho medo só de pensar no que fiz.
Não, não irei lá mais:
Vai tu, eu não ousa lá voltar.»*

Logo que a mulher se afasta, a agitação de Macbeth aumenta, ao ouvir bater lá fora, ao portão. Olha para as mãos e murmura:

*«Que mãos são estas? Ah! Afligem-me os olhos!
Poderá toda a água do Oceano lavar este sangue,
Limpar esta mão? Não; será mais natural
Que o imenso mar se torne encarnado.»*

Lady Macbeth entra nesse momento e diz-lhe:

*«As minhas têm a mesma cor que as tuas.
Mas eu teria vergonha de ter um coração como o teu.
[tão pusilânime].»*

Endurecimento da consciência de Macbeth. Após o assassinato do rei, os jovens príncipes fogem e os eleitores escolhem Macbeth para rei. Passam meses, e um dos príncipes na Inglaterra e o outro na Irlanda escrevem, mandando dizer que suspeitam ser Macbeth o assassino. Banquo, o general, começa a recear haver alguma verdade naquela acusação. Macbeth tem medo de Banquo e decide matá-lo subornando assassinos que cometem aquela vil acção. Nesta al-

tura, a consciência de Macbeth atinge profundidade do mal semelhante à de Lady Macbeth, pois pede que nela seja abolido o sentimento de culpa. Afinal, o que lhe infunde medo é o laço moral que o une a Deus.

«.....*Vem, noite cerrada.
Vela os ternos olhos do dia piedoso;
Com a tua mão sangrenta, invisível
Aniquila, despedaça a consciência da culpa,
Razão do meu medo, da minha palidez!*»

Efeitos da culpa em Macbeth e Lady Macbeth.
A sensação do pecado comprimido, em Macbeth produz uma psicose, e em Lady Macbeth uma neurose.

Desde que Macbeth resolveu cometer o crime, começa a sofrer de alucinações, como por exemplo, quando vê o punhal diante dele, coberto de gotas de sangue. Depois de assassinar Banquo julga ver o seu espectro, sentado no lugar que este ocupava à mesa. Ouçamo-lo:

«.....*Antigamente,
Quando os miolos estavam cá fora, o homem morria.
Era o fim; agora, levantam-se outra vez
E, com mais vinte assassinos junto deles
Expulsam-nos dos nossos lugares.*»

Ouvia tantas vozes estranhas através do castelo! Agora que se calou a voz da consciência, eis que vozes vindas de fora começam a interpelá-lo, enchendo-o de pavor.

O homem tem tal necessidade de viver num mundo exterior a ele, que, se perde o contacto com o mundo divino, se lhe foge, repudiando a lei moral,

começa a construir um mundo seu imaginário. Neste mundo avista coisas como punhais e espectros, e ouve vozes acusando-o, ameaçando-o com sugestões insanas. Torna-se um esquizofrénico. No caso de Macbeth é este o resultado do conflito entre a consciência e o seu crime.

Lady Macbeth. Lady Macbeth sofre de neurose. Ao descrever o estado mental de assassino, Shakespeare abandona a poesia e serve-se da prosa, indicando que na sua vida já não há simetria nem raciocínio. Vêem-no constantemente a escrever num papel, dobrando-o, lendo-o, lacrando-o, como que ansiosa de verter sobre o papel as culpas da consciência. Tenta consolar-se, dizendo:

«...Que necessidade há de ter medo,
Se não há ninguém que nos chame a contas,
A nós, tão poderosos?»

A culpa é alguma coisa que pertence à alma. Quando negada, em todo o caso permanece a necessidade de purificação. Numa neurótica, como Lady Macbeth, dá-se o seguinte. Em vez de confessar o crime, reprime-o e sente-se forçada a cumprir certos ritos para se redimir, depois de ter violado a lei moral. Sente a necessidade de purificação, mas, em vez de lavar a alma gasta quinze minutos de cada vez que lava as mãos, mas debalde tenta expurgar-se. É debalde que pede:

«...todos, todos os perfumes da Arábia não podem tor-
[nar branca

Esta pequenina mão».

Toda a neurose é desejada inconscientemente, porque alivia o paciente de um colapso mental muito grave.

No fim, vêm participar a Macbeth a morte de sua mulher. E ele reflecte nessa morte sem simpatia nem amor; depois, num solilóquio, nega a imortalidade, identifica o homem com a besta e afirma não existir Eternidade, em que a alma da criatura possa ser julgada.

«Devia ter morrido muito mais tarde.

Seria então chegada a ocasião de pronunciar tal pa-
[lavra!

O dia de amanhã, amanhã, amanhã.

Avança a passos de caracol, de hora a hora,

Até à última sílaba do tempo marcado.

E todos os nossos dias passados, os loucos,

Iluminam o caminho para a morte. Apaga-te, pobre
[candeia.

A vida é sombra que marcha, pobre actriz

Representando entre dores sobre o palco

E, depois, nada mais: É uma história, afinal.

Contada por um idiota, ébrio de som e fúria,

História que nada significa».

Com uma profundidade, negada à maioria dos homens, Shakespeare pôs na boca de uma das suas criações a expressão poética mais rara de agnosticismo, que jamais foi ouvida. Este último grito de desespero de Macbeth tem raízes no assassinato da consciência, por meio da escolha deliberada do mal. O cepticismo não é consequência das conclusões do raciocínio; é a conclusão da má conduta. O agnos-

ticismo não é posição intelectual; é uma posição moral no sentido de derivar de uma vontade perversa. Se fôssemos analisar as raízes dos que negam a imortalidade, a lei moral, a consciência e Deus, não as descobriríamos nas ideias das criaturas nem nos seus pensamentos, mas sim na maneira como vivem. Há muitos casos de psicose e nevrose no mundo de hoje com raízes de ordem fisiológica, neurológica e funcional, a que os psiquiatras não eliminam completamente a tremenda possibilidade: algumas das psicoses e neuroses do mundo moderno são devidas a um sentimento de culpa reprimido. Quando se trata de casos destes, então, ouçamos as palavras do médico que tratava de Lady Macbeth :

«.....actos anormais

Dão origem a perturbações anormais: espíritos infectos

A muda travesseira confiam os seus segredos.

Ela carece mais do amparo divino do que do médico.

Deus, Deus nos perdoe a todos! »

CAPÍTULO XI

OS MEUS QUATRO ESCRITORES

De todos os que aparecem na rádio ou televisão, os mais honestos quanto ao material usado, são os comediantes. No fim de cada programa, sem atender à categoria do actor, encontra-se sempre a lista dos nomes dos autores da peça. Os actores admitem que, embora sejam eles quem representa, ficam devedores das palavras alheias que pronunciam.

No «écran» de televisão, no fim de um programa apresentado por um político, nunca se lê o nome de quem escreveu o discurso. Hoje, tornou-se até comum para os que deixam as assinaturas em livros, não dar crédito algum aos escritores-espectros que fizeram o trabalho.

Um dia, Robert Benchey exclamou: «Levou-me quinze anos a descobrir que não tinha talento para escrever, mas não podia resistir, porque nessa altura tornara-me já demasiado célebre». Quanto a nós sentimos como dever pagar tributo aos quatro escritores, a quem devemos a mais bela inspiração:

- 1.º — Um cobrador do fisco
- 2.º — Um repórter
- 3.º — Um médico
- 4.º — Um pescador numa empresa de pesca

Estes quatro escritores são talvez mais conhecidos como S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e São João. Embora nenhum deles tenha escrito o material usado nos nossos livros, forneceram-nos em todo o caso a filosofia e teologia, base e apoio de tudo o que escrevemos. Além destes, não seguimos outros escritores.

As datas em que cada um escreveu, foram as seguintes. S. Mateus compôs um Evangelho em aramaico, cerca do ano 42, traduzido para grego cerca do ano 55.

S. Marcos escreveu o seu Evangelho entre os anos de 53 e 63.

S. Lucas escreveu entre 60 e 63.

S. João cerca do ano 100.

Era diferente o público para que escreviam, o que explica as variantes de cada Evangelho. Estas diferenças seriam já explicadas pelo facto de que cada um recebe o tesouro do espírito em vaso humano. Desde que a iluminação de cada um se faz de acordo com a sua individualidade e a sua capacidade de receber a verdade, bem como pelo poder de expressão que lhe foi concedido, era fatal haver variantes. A luz é a mesma por natureza; é governada por leis fixas, mas os seus reflexos variam infinitamente, segundo a superfície em que se espalham. Desde que os quatro Evangelistas aplicaram o Evangelho a público, absolutamente diverso, usam de ênfases diferentes e apelos diferentes, embora todas as palavras tenham como ideia básica apresentar a história de Cristo, o Filho de Deus vivo.

S. Mateus dirigia o seu Evangelho aos Judeus; S. Marcos aos Romanos; S. Lucas especialmente aos Gregos; S. João a todos os cristãos.

S. Mateus — Mateus era um publicano — um cobrador de impostos ou oficial alfandegário no território de Herodes Antipas. Cobrava os impostos para os Romanos mais ou menos da mesma maneira, como um polaco poderia cobrar impostos para a Rússia soviética na Polónia contemporânea. Além disto, conjuntamente com ser cobrador de impostos, era na linguagem moderna um Quisling, no sentido de ser desleal ao seu próprio povo, pois tinha-se vendido aos conquistadores. O seu escritório de cobrador era em Cafarnaum, na grande estrada ocidental de Damasco ao Mediterrâneo. Um dia, quando estava sentado ao balcão, Deus Nosso Senhor chamou-o para vir ser um apóstolo. Pouco tempo depois, convidou Cristo para uma festa, para que chamara cobradores e outras pessoas consideradas como pecadores. É interessante o facto de no banquete tomarem parte a maior parte daqueles que, possivelmente como Mateus, vinham de um estabelecimento romano de cobrança de rendimentos internos.

O ambiente em que se moveu, explica a alusão frequente ao dinheiro, no seu Evangelho. *S. Marcos* refere-se a três moedas, as mais pequenas. *S. Lucas* refere-se ao pequeno óbulo, do real até à libra, mas *S. Mateus*, habituado a lidar com dinheiro, refere-se a moedas do mais alto valor, por exemplo, aos talentos. Utiliza três palavras que não surgem em outro ponto dos Evangelhos: «tributo», «moeda de dinheiro» e «talento». Serve-se dos termos «ouro», «prata» e «cobre», que não aparecem em *S. Marcos*, *S. Lucas* ou *S. João*.

Como *S. Mateus* escrevia para os Judeus, apresenta Nosso Senhor no seu aspecto régio de Messias,

chamado a realizar as profecias do Velho Testamento. Traça-lhe a genealogia desde Abraão, o pai do povo judaico. Todos os acidentes possíveis na vida de Nosso Senhor são apresentados como realização predestinada das predições do Velho Testamento. Contamos 129 referências, citações e alusões do Velho Testamento. O único argumento que poderia convencer os Judeus da continuidade do Velho e Novo Testamento era o cumprimento das profecias.

O Velho Testamento cita os acontecimentos primaciais na vida de Nosso Senhor, tais como o nascimento de uma Virgem, o nascimento em Belém, o regresso do Egipto, o sermão na Galileia, milagres, parábolas, entrada triunfante em Jerusalém e o preço da traição de Judas. Folheando o Velho Testamento, evocando Isaías, Jeremias, David e Macabeu, ele que tinha sido um traidor e desleal ao seu povo, começa agora a descobrir a glória da sua raça e a nobreza das suas tradições, proclamando Cristo o Filho de Deus vivo, a expectativa das nações, o Messias do povo judaico. Ele, que havia sido desleal, torna-se agora um dos maiores patriotas, apaixonado da tradição do Velho Testamento, porque encontrara Deus.

São Lucas — S. Lucas era médico e é chamado por S. Paulo o queridíssimo médico. Nascido em Antioquia, S. Lucas pertencia pelo nascimento e educação ao mundo grego.

O testemunho contemporâneo assegura-nos que era médico, mas além desse facto é concludente esta suposição pelo uso de termos médicos. Mostra preferência por histórias de curas; a sua linguagem é toda colorida por designações médicas técnicas. Mitiga

o cáustico comentário de S. Marcos: «E uma mulher que durante doze anos sofrera de um fluxo de sangue e tratara com muitos médicos, gastando com eles tudo o que tinha sem ficar melhor, pelo contrário, piorando sempre, vinha atrás de Jesus, na multidão...» S. Lucas suaviza assim esta passagem da Bíblia: «E uma mulher que, durante doze anos tinha um fluxo de sangue e gastara todo o seu dinheiro em médicos, sem encontrar alguém que a curasse...» S. Lucas sugere que o seu caso era crónico e os médicos não podiam ser censurados por não a terem curado, defendendo assim a integridade da sua profissão. Ao descrever um possesso do demónio, S. Lucas nota que o espírito mau saiu dele sem lhe ter feito mal. Descreve a cura da sogra de Pedro, como alguém que contempla atentamente os sintomas do paciente. Fala de duas espécies distintas de lepra e, com a precisão de um médico, observa que era a mão direita de um certo homem que mirrara e a orelha direita de Malco que estava perdida. S. Lucas não usa a palavra vulgar para agulha, que é *rhapsis*, usada por S. Marcos e Mateus, mas diz: «*dia trematos belones*» (*belone* era uma agulha médica — palavra usada por Galeno, médico grego que viveu 130 a 200 anos A. C.).

S. Lucas cita Isaías, referindo-se à missão de curar do Senhor; dos seis milagres peculiares a S. Lucas, cinco são milagres de cura. Na história do Bom Samaritano, usa expressões como «meio morto», «pensou-lhe as feridas», «vertendo sobre elas azeite e vinho» — expressões reveladoras de interesse profissional. S. Lucas lembra que Nosso Senhor mandou os seus missionários a pregar e a curar; cita também

o provérbio de Nosso Senhor: «Médico, cura-te a ti próprio!»

O seu Evangelho dirige-se aos gentios em geral e aos Gregos em particular. Explicam-se assim os pormenores sobre costumes e localidades judias. Por exemplo, diz que Cafarnaum é uma cidade da Galileia e que a festa do pão ázimo é chamada Páscoa dos Hebreus, e indica a distância de Emaús a Jerusalém, só familiar naturalmente aos que viviam na Palestina.

Como S. Lucas escrevia para os gentios em geral e para os Gregos em particular, no Evangelho encontramos uma nota, marcada com o fim de apelar para os Gregos, isto é, a nota do universalismo.

Quando Alexandre derrotou os Persas, disse: «Deus é o Pai de todos os homens». Em S. Lucas não há nacionalismo estreito, mas uma larga visão do mundo. As criaturas são vistas como criaturas, indiferentemente a nações e climas, e Nosso Senhor é apresentado como Redentor de todos. Natural seria que, sendo gentílico, o dominasse a certeza do interesse de Deus por toda a humanidade. A sua pena, embora lembrasse cana, toda vibrante à inspiração divina, tendia para a simpatia humana; deixou que a humanidade absorvesse a nacionalidade. Por isso, embora Mateus trace a genealogia de Nosso Senhor até Abraão, S. Lucas vai mais longe, vai até ao manancial donde partem todos os rios divergentes, isto é, vai até Adão, para melhor descrever Cristo, o novo Adão. Fala da «boa nova para toda a gente». Recorda o primeiro discurso em Nazaré, mostrando como nos velhos tempos a mercê de Deus se derramara sobre a viúva gentílica e um leproso gentílico. Menciona unicamente a missão dos setenta, cujo

número era uma profecia do Evangelho mundial; setenta é o símbolo reconhecido do mundo gentílico. S. Lucas é o único a contar a história do Bom Samaritano, mostrando que a virtude da compaixão floresce entre os homens. Conta a história de Zaqueu, o publicano gentio, e como Nosso Senhor o incluiu na herança de Abraão. Conta as parábolas da Dracma perdida, do Filho Pródigo e da Ovelha perdida, para evidenciar como Nosso Senhor veio salvar o que se perdera, isto é, a humanidade. Para marcar mais profundamente a nota de universalismo, ele, entre todos os Evangelistas, escreve acerca de mulheres.

A palavra «mulher» aparece-nos trinta vezes em S. Mateus; em S. Marcos dezanove vezes; em S. Lucas a mulher é nomeada quarenta e três vezes. O seu Evangelho marca a designação «pecador» mais do que acontece em todos os outros Evangelhos juntos. S. Mateus menciona cinco vezes a palavra «pecador»; S. Marcos cinco vezes; S. João quatro vezes, S. Lucas, porém, dezasseis vezes. O que é particularmente interessante é que S. Lucas, sendo médico, portanto hábil em obstétrica, e aquele que, de um ponto de vista natural, poderia ser presumivelmente o último a convencer-se de uma Virgem ser Mãe, contudo é o único a evocar o facto.

São Marcos — S. Marcos era filho de uma mulher abastada que vivia próximo de Jerusalém, e em cuja casa se encontravam muitos dos primeiros cristãos. Que S. Marcos era um repórter, torna-se-nos evidente, em virtude de um acidente que aconteceu nas últimas horas da vida terrena de Nosso Senhor. Na noite em que o Redentor foi atraído e todos os que esta-

vam com Ele fugiram, um único o seguiu, embora não estivesse com Ele no jardim de Getsemani. Quando os soldados saíam para a estrada, um mancebo obscuro fez o que os outros receavam fazer, dando alguns passos na companhia de Nosso Senhor. Quando os soldados se apoderaram dele e lhe arrancaram as vestes, fugiu nu, pela noite fora.

Se o interesse de S. Marcos por notícias recentes começou nessa noite particular não o sabemos, mas é muito claro que era um adepto de S. Pedro e deste derivou a maior parte das informações fornecidas no seu Evangelho. S. Marcos estava com S. Pedro no ano 64, quando S. Pedro escreveu a sua primeira carta da capital imperial. S. Pedro chama seu «filho» a Marcos. Além disso o Evangelho não aponta nem directa nem indirectamente que o seu autor tenha sido testemunha ocular do que narra. São tantos e de tal ordem os pormenores mencionados no Evangelho que não podem ser atribuídos só ao testemunho particular de S. Pedro.

Sendo pescador, estava habituado a vigiar os mais leves movimentos do peixe, tornando-se assim um agudo observador. Da profissão conservava especial tendência para reter na memória e contemplar o contorno de um quadro. Todos os pormenores S. Pedro forneceu a S. Marcos como, por exemplo, o do paralítico transportado sobre uma padiola por quatro homens.

S. Marcos observa que os homens se sentaram em filas, cada uma de 150. S. Marcos menciona também seis expressões diversas de Nosso Senhor e indica os gestos bem como as emoções do Salvador.

Por causa das íntimas relações, existentes entre

S. Marcos e S. Pedro, nota-se tudo o que não é favorável a S. Pedro, e nada de favorável. Por exemplo, relembra-se a severa reprimenda a S. Pedro, mas não se alude à nobre confissão da divindade de Cristo, feita por S. Pedro. S. Marcos é o único a distinguir S. Pedro, contando como Nosso Senhor se dirigiu a este, quando os três apóstolos dormiam no jardim. «Simão, estavas a dormir?» É também S. Marcos que fornece pormenores acerca de S. Pedro ter negado conhecer Cristo, quando interrogado por uma serva. S. Marcos é também o único a lembrar a cura da sogra de S. Pedro; certamente que este não podia ser ingrato para com o Senhor pela cura das mulheres.

Como o Evangelho foi escrito em Roma, S. Marcos dirigia-se especialmente a leitores romanos. Por isso poucas alusões há ao Velho Testamento; encontramos nele também certas palavras latinas, que não se encontram em nenhum dos outros Evangelhos, indicação certa de que foi escrito com o fim de apelar para o espírito romano. S. Marcos usa a divisão romana dos relógios de tempo, em vez do processo dos Judeus, usado por exemplo por S. Mateus. Para o mundo romano, o Evangelho tinha de apresentar a carreira de Nosso Senhor, correspondentemente à ideia do poder divino, da sua obra, leis e conquistas, já que os Romanos eram mais homens de acção do que de pensamento. Por isso S. Marcos apresenta Cristo como Trabalhador Poderoso, mais do que como Pensador profundo; é o Homem que conquista pela acção. Dá mais relevo àquilo que Nosso Senhor fez como Filho de Deus do que ao que disse. Note-se igualmente que S. Marcos dedica três oitavos de toda a narrativa aos acontecimentos de uma única semana,

em que Cristo se defrontou com o poder das leis romanas e com o julgamento, e se ergueu triunfante do túmulo.

Em rápidas e ligeiras pinceladas, Cristo é revelado como Senhor do mundo e conquistador dos homens, desenvolvendo poder sempre crescente sobre o mal, sobre a natureza e todos os poderes que se lhe opõem, até que por fim ressuscita. É pois muito acertado que S. Marcos, tão preocupado com os pormenores na sua reportagem, esteja agora a repousar numa das mais belas e mais completas Igrejas da Cristandade, a Igreja de S. Marcos, em Veneza.

S. João — S. João, o maior de todos, era por temperamento muito mais propenso a tomar as rédeas do governo do que S. Pedro. No seu carácter nota-se certa intolerância e estreiteza, talvez devidas ao facto de economicamente estar melhor instalado na vida do que os outros apóstolos, tanto mais que seu pai, Zebedeu, um pescador, tinha criados às suas ordens; socialmente, também se distinguia, pois sua mãe, Salomé, era parente da Mãe de Deus e possuía bastantes bens para poder ajudar substancialmente a igreja nascente. A impetuosidade de S. João revela-se no seu Evangelho em quase todas as passagens em que aparece em destaque, só, ou com seu irmão Tiago. Está sempre associado a qualquer erro de percepção. S. João tinha muito que aprender, em virtude do exagero das tendências que, mais tarde, haviam de o tornar grande. Lembremo-nos daquela vez em que se travou discussão entre ele e os outros apóstolos, sobre qual deles seria o maior. Nosso Senhor colocou uma criança no meio deles para lhes ensinar a lição da humildade; noutra altura, mani-

feita-se o seu ciúme, proibindo a um exorcista que lançasse fora os demónios em nome de Nosso Senhor. Finalmente, há nele propensão à violência, como é fácil de observar na sua atitude para com uma aldeia samaritana, que recusara receber a Cristo. João pede ao Mestre que faça chover fogo do céu, como fizera Elias, para que a aldeia fique envolta em chamas. Não admira que o Mestre alcunhasse João e o irmão de Boanerges ou filhos do trovão. Nesta passagem particular, o Filho do Trovão invoca as labaredas dos relâmpagos. A sua conduta não era má; era inspirada unicamente por uma natureza zelosa e ardente, que tinha de ser domesticada. João recebeu o grande ensinamento, quando Nosso Senhor ia a caminho de Jerusalém para ser crucificado. Nessa ocasião, a mãe procurou o Filho de Deus e pediu-Lhe para que os dois filhos, Tiago e João se sentassem à Sua direita e à Sua esquerda, quando entrasse no Seu Reino. Então, o Salvador perguntou-lhes se estavam prontos a aceitar o cálice da Paixão que Ele estava prestes a beber. Não há dúvida alguma que João sentia grande desejo amoroso de estar perto de Nosso Senhor, mas os seus pensamentos convergiam sobre a glória e não sobre a cruz. João preparava-se para a glória sem sofrimento, de maneira a obter o máximo da graça com o mínimo de serviço. Quando Jesus explicou a João ser o sofrimento na cruz a condição da glória, não negava a João um lugar no Seu Reino. Mostrava-lhe somente que a mercê solicitada só podia ser ganha através da crucificação.

Até esse momento, na vida de João a glória para ele era promoção, prestígio, o primeiro lugar, o direito da ambição. Quando Jesus lhe abriu os olhos,

desfez-se em pedaços o espelho, em que a sua própria grandeza se reflectia.

Morreu o filho de Zebedeu. Trocou o amor de si próprio pelo amor da humanidade. Compreendera claramente que a condição de compartilhar a glória divina exigia a participação no sofrimento de Cristo. Aqui, o Salvador coloca a morte como cúpula da Sua obra, e não a Sua doutrina. Apresenta as condições em que se torna possível o cumprimento do desejo de João, e depois aprova esse desejo. No décimo quarto ano do reinado de Domiciano, João foi exilado para a Ilha de Patmos. Já velho, começou a escrever o seu Evangelho, eco duma harpa, cujas cordas tinham sido tangidas pelas mãos manchadas de sangue dos perseguidores romanos, para serem depois sacudidas pelo frémito de inspiração poderosíssima. Quando decidiu escrever o Evangelho, disse ser seu propósito declarar que Cristo era Filho de Deus e, acreditando n'Ele, teríamos vida eterna em Seu nome. Vivera a geração que tinha visto Deus em carne e osso. As palavras inflamadas do Mestre tinham circulado de casa para casa, de cidade para cidade e de comunidade para comunidade; os homens recebiam o Pão da Vida, vindo do Céu. Circulavam, largamente distribuídas, as Epístolas de S. Paulo, tudo devorando como fogo na vasta planície da Galileia a Antioquia, da Galácia a Efeso e de Alexandria a Atenas e a Roma. Os fiéis, leais à Igreja, tinham-se já familiarizado com os Evangelhos sinópticos de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas. No mundo greco-romano começavam a ser utilizadas as catacumbas, onde corria o mel «da fé, conhecida dos Santos».

S. João dedica o seu Evangelho a todo o povo cristão, reafirmando o que estava nos outros Evangelhos — que Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, Verbo, feito Carne, o Eterno, dentro do tempo, a Omnipotência dentro da prisão humana. O seu Evangelho reflecte a crise da sua própria vida, em que aprendera a definição da glória. Na primeira parte do Evangelho, S. João descreve os sete milagres por meio dos quais Cristo mostra ao mundo a Sua Glória, a glória de Filho de Deus. Na última metade do Evangelho, S. João apresenta o Redentor, falando aos Apóstolos da glória em que muitos homens se recusaram a acreditar, glória identificada com a crucificação. Nosso Senhor ergueu a Cruz nas mãos, no momento supremo da Sua Glorificação, quando S. João o retrata, orando: «Pai, chegou a hora, glorifica o Teu Filho». Tão bem aprendeu o discípulo a lição ao implorar a glória terrena sem a cruz, que, agora, S. João apresenta o Evangelho da Glória: a cruz, suprema manifestação de amor. Maior amor do que este ninguém teve, pois Ele deu a vida «pelos Seus Amigos».

Para crédito de S. João, devemos dizer que estava aos pés da Cruz, quando Nosso Senhor morreu. Oito dias antes, solicitara um lugar ao seu lado direito ou esquerdo; agora, via esses lugares ocupados por dois ladrões — seu irmão também lá não estava. S. João nunca esqueceria a lição recebida, quando Ele falara do cálice da paixão. Era natural recordar ele estas palavras mais vivamente do que os outros evangelistas, pois estavam relacionados com a sua vida.

Tão cheio estava S. João desta glória, mani-

festa na cruz, que termina o Evangelho por estas palavras: «Muitas coisas há ainda que Jesus fez; se todas elas tivessem de ser escritas, penso que no mundo não poderiam caber os livros que teriam de ser escritos».

Estes são os nossos quatro escritores ao alcance, livremente, de cada um de nós.

CAPÍTULO XII

LEIS DO CASAMENTO

É preciso conhecer a lei básica da vida para compreender o que acontece ao amor na vida conjugal: nenhum prazer se mantém em estado permanente, até que tenha passado por um momento de dor. Esta lei pode exprimir-se noutros termos. Nenhum amor sobe a um nível mais alto, a não ser que o nível inferior se vá diluindo mais e mais. Há três grandes momentos na vida:

- 1.º — O primeiro instante do prazer transitório.
- 2.º — A crise.
- 3.º — O prazer permanente ou a alegria.

Esta lei pode ser ilustrada com um exemplo de natação. No instante em que nos preparamos para nadar, sentimos alegre exaltação com o pensamento do gozo à nossa espera; vem depois a crise ou o choque do primeiro mergulho frio. Se a pessoa consegue vencer com êxito a primeira impressão, começa então o prazer permanente de nadar.

Um rapaz, interessado pela música, anseia por possuir um violino. O seu primeiro momento conhece-o com o prazer da posse, perante a beleza do instrumento e a expectativa da música que poderá exe-

cutar. Segue-se então a crise, quando se apresenta o problema de aprender a ler música, a coordenação da mão, dos dedos e instrumento, e, acima de tudo, o sofrimento de ter de suportar o tédio e a maçada dos exercícios de técnica. Se consegue atravessar a crise sem desistir, entra no terceiro estágio — o prazer permanente do gozo musical. A vida espiritual dos que se consagram a Deus não é diferente no seu processo da vida daqueles que prometem amar-se uns aos outros, até que a morte os separe. Nos dois casos existe o amor; no primeiro, o amor directo de Deus; no segundo, o amor directo de outro ser humano. O primeiro instante de vida espiritual num convento, seminário ou claustro, é de grande exaltação espiritual; sobrevém o grande arrepio emotivo de pertencer a Deus, uma profunda sensação de intimidade, quase que êxtase na consciência da presença divina. A maioria dos noviços em religião acreditam ser este estado permanente e ter de continuar durante toda a vida. De súbito, vem a desilusão da crise em que desaparece o ardor emocional, e a prece se torna difícil e a meditação quase impossível. Ter de se levantar cedo é maçada; a paciência esgota-se; surge a tendência para uma espécie de compromisso com o espírito do mundo, e com ele a tentação de servir dois amos, se for possível.

Se se atravessar com êxito esta passagem, se se resistir à tentação, ao compromisso, se houver um recrudescimento de sacrifício, mortificação e prece, se aceitarmos as provações, os sofrimentos, a monotonia da rotina diária de exercícios espirituais, e deles fizermos o verdadeiro alimento da vida espiritual, então entra-se na alegria permanente da união com

Deus, alegria donde resulta a paz, descrita por Nosso Senhor, como ultrapassando a compreensão humana.

Aplicação ao casamento. Os primeiros momentos do casamento são aquilo a que poderíamos chamar estado infra-humano da primazia do corpo sobre a alma. É a época do êxtase, da alegria, da felicidade, do lirismo, em que o marido é o homem mais maravilhoso do mundo, e a noiva um «anjo». Admitese então que este estado durará sempre e serão sempre felizes, exactamente da mesma forma como são agora ditosos. O alimento, de que se nutre o primeiro êxtase, consiste em prendas, flores, passeios e o gozo de interesses comuns. É muito importante lembrar nesta altura que o amor não cria uma personalidade nova, exalta, sim, e traz à superfície o que existia oculto: no homem o desejo de possuir e amar; na mulher o desejo de ser possuída e escolhida. Durante este primeiro momento de amor duas coisas são afectadas: o instinto sexual e o ego; o instinto sexual porque satisfeito; o ego pela agitação emotiva. Os princípios do amor só dilatam e exageram o que já lá está, mas não criam um carácter diferente do que se possuía, ao entrar no casamento. A personalidade é tão pouco afectada pela satisfação do instinto, como o carácter de um homem com fome depois de uma boa refeição. Porque a um mendigo foi oferecido um cavalo, ele não muda de temperamento, mas como diz o velho provérbio «monta o cavalo até o matar».

Embora nenhum dos dois o possa compreender, o amor nesse instante é uma espécie de amor-próprio ou auto-idolatria, à maneira de Narciso, que se apaixonou pela sua própria imagem. Parece que é o outro o amado, mas, o que no instante se ama é a projecção

do próprio ser no de outra pessoa. Não se deve desprezar contudo o prazer, resultante deste amor. Embora se trate da ilusão de quem pensa encontrar o paraíso na terra, Deus concede intenso prazer a tais momentos de amor, como preparação para as responsabilidades que vão seguir-se. O ardor, a poesia, a harmonia nos primeiros tempos do casamento, lembram o processo de cobrir com açúcar o bolo; são o convite a comer o bolo do casamento. Podem ser comparados também ao arranque de um motor. Logo que o motor arranque, tem de seguir por seu próprio impulso. Este é o estado de sonho do amor; toda a grande obra, porém, começa por um sonho, porque é promessa do absoluto. Se o jovem casal for acusado de viver nas nuvens, que respondam, lembrando como, para ir para o céu, têm de passar através das nuvens.

O *segundo momento: a crise*. A crise começa quando a intimidade do dia a dia revela os defeitos do companheiro; torna-se aguda, na descoberta de como o companheiro de jornada não segue a mesma linha de desenvolvimento, sendo pois um ser antagónico. E sobrevém a profunda sensação da impenetrabilidade do carácter do outro, com a consequente sensação de isolamento íntimo. Passado o encanto da novidade, não se apagou a fome, porque ninguém consente em ter sede à beira do poço. A repetição dos mesmos prazeres porém começa a criar certa irritação.

Como um sòmente procurou o próprio ego no outro, daí resulta a tendência para sentir que a outra pessoa se tornou culpada de ludíbrio. Começam então as pequenas raivas, as palavras cruéis, quando os arrulhos param e as contas aparecem. Os dois têm a sensação de que o seu amor é como lâmpada que

gradualmente fosse retirada do aposento, deixando-os às escuras. De súbito, acorda neles a intuição de que o casamento é como a bagagem; só se encontra dentro o que lá se meteu. Cada um deles começa a aprender alguma coisa do outro, que não pode exprimir-se na «linguagem das flores».

Durante esta hora de crise muitos casamentos sofrem colapso, porque os dois companheiros não conhecem a lei da vida e ainda não viveram juntos o tempo suficiente para se conhecerem bem. Recorrem muitas vezes a soluções falsas que nunca podem dar a paz, como o divórcio e outro casamento, isto é, a adição de zeros à vida. Por vezes, os dois começam a viver separados ou, antes, estão sòzinhos na companhia um do outro. «Levo comigo a minha solidão; tu levavas a tua solidão contigo». Noutras uniões, o marido começa a concentrar o seu interesse nos negócios e a mulher no bridge; em outros casos, recorrem ao álcool ou aos barbituratos para poderem esquecer as provações por que têm de passar.

Este momento de crise é o momento em que um verdadeiro e duradouro amor está ao alcance da criatura, mas só no momento em que se morre para o egoísmo e ego-idolatria. A aridez que se sente não é a derrota do amor, mas um aviso. A indigência, de que temos sensação, não vem do companheiro, mas da natureza do amor, que não pode contentar-se com ser ilusão. Pode ter-se tocado o fundo do ego, mas não se tocou o fundo do amor: o instinto está exausto, mas não o espírito e o coração. A morte das ilusões não é a morte do amor. A grande vantagem do voto é prender duas criaturas durante a aflicção temporária, de forma a obter um amor mais persistente.

Há duas espécies de estiagem: a estiagem que tem o defeito de apodrecer e a estiagem que amadurece. A estiagem que tem o defeito de apodrecer é a que não pode ser assimilada; a que amadurece é a que é recebida pelo fruto ou pelo trigo, de forma a aperfeiçoar-se.

Soa enfim a hora em que o casal tem de compreender que a posse do amor depende da renúncia ao egoísmo; muitas vezes também é nesse instante que os covardes desistem e caem na mediocridade.

O terceiro momento do amor: a alma manda mais do que o corpo. Tal qual como o alimento dos primeiros instantes consistia em presentes e flores, assim o alimento do terceiro instante é a utilização de provações, de aborrecimentos, disputas e as pequenas contrariedades da vida, dando origem ao estado de amor que sempre existiu, mas que só adquiriu consciência de si próprio, quando certas circunstâncias se deram. De súbito, começa-se a compreender que se ama uma personalidade — espírito, coração e alma.

Descobrem-se novos mistérios do outro ser, mistérios da maternidade e paternidade, arte de ser pai e arte de ser mãe. A outra pessoa começa a ser amada com todas as suas falhas, defeitos, máculas e até enfermidades físicas e morais. O companheiro deixa de ser considerado como colônia explorada por um império, e passa a ser terra pátria, a cultivar e amar. Vê-se agora que o amor não é círculo, a que se regressasse constantemente para o mesmo prazer ao mesmo nível; é de balde que os casados dizem: «Voltemos ao caminho por que seguíamos». Não pode dar-se o regresso do coração ao ponto de partida, como se fôramos planetas. O amor, em vez de ser um

círculo fechado sobre o próprio egotismo, transforma-se em espiral, pela qual ascendemos a uma nova compreensão do outro ser, que começa a tornar-se insubstituível. O sexo pode ser substituído; o amor não — ninguém pode ocupar o lugar da mãe nem do companheiro de toda uma vida. A alegria, agora sentida, não se parece com a alegria perdida; é mais profunda, mais real. No primeiro instante diz-se: «Amo-te por amor de mim mesmo», no segundo instante diz-se: «Amo-te por amor de Deus».

Contempla-se a outra pessoa como máscara de Deus, sempre como um dom, não esquecendo nunca que, por vezes, os dons de Deus podem ser tão amargos como doces.

O amor começa a ser uma conversão, através um do outro na mútua descoberta de Deus. Bem como as folhas verdes vão haurir à luz do sol o elemento raro em que vivem, assim o marido e esposa aspiram ao céu do seu amor. Neste terceiro instante tudo se reveste de uma nova espécie de beleza. Um dos elementos de beleza é a surpresa; com o desenrolar dos anos surgem novas surpresas, à medida que o coração e espírito se subtilizam, pois o amor empresta beleza a tudo. A beleza para estes lares não é fantasia idealista; é o bem, tornado actual ou possível pelo conhecimento do amor.

Uma vez, perguntaram ao Presidente Harding: «Em que idade lhe parece serem as mulheres mais belas?» A sua resposta foi: «Na idade que tem hoje a minha mulher». G. K. Chesterton disse um dia a sua mulher: Creio que és a mulher mais ignorante do mundo — «não sabes como és encantadora». Dos-toiewski declarou um dia que se consideraria o homem

mais feliz do mundo, se tivesse em casa uma esposa que se sentisse preocupada, quando ele chegasse atrasado para jantar. A um marido que vivera feliz durante mais de trinta anos com a mulher, perguntaram-lhe uma vez o que queria ser, se regressasse à terra dez anos após a sua morte. E respondeu: «Desejaria ser o segundo marido de minha mulher».

Neste terceiro estado, a corrente da vida corre mais profunda e mais calma do que nos dias da juventude.

À oscilante ansiedade da emoção física segue-se a ventura da vida em comum, na descoberta de uma união mais íntima, bem mais preciosa do que a mera assimilação por que lutam os recém-casados. Assim, eis-nos de regresso ao começo, à lei de que só encontram o verdadeiro amor os que morrem para a ilusão do amor. Nunca esta lei foi melhor proclamada do que na Montanha da Transfiguração. Quando a face de Nosso Senhor cintilava como o sol e as Suas vestes eram brancas como a neve, Pedro, vendo-O em Sua glória, desejou capitalizar esse esplendor transitório construindo no alto da montanha um tabernáculo, onde ele e os outros pudessem viver em paz. Nosso Senhor respondeu a Pedro com o desdém do silêncio. Queria assim fazer compreender a Pedro que a verdadeira glória nunca se deixa capturar sem esforço. A glória, por ele avistada, era promessa e não realização. Se desejava conquistar glória, semelhante à que lhe era dado contemplar, deveria descer a Montanha da Transfiguração, subir a outra montanha, a do Calvário, e passar aí pela terrível crise da crucificação e da agonia; só então é que ascenderia à verdadeira glória, que nunca mais tem fim.

CAPÍTULO XIII

FALHOU O CRISTIANISMO ?

Em face da crise mundial, manifestamente mais profunda do que as causas, atribuídas à política e à economia, muitos sentem-se inclinados a perguntar: Falhou o cristianismo? Responderemos imediatamente que há muitos tipos de cristianismo que falharam — entre eles três são bem típicos desta falência:

Cristianismo em pílulas cor-de-rosa.

Cristianismo de ambulância.

Cristianismo-rumba.

Cristianismo em pílulas cor-de-rosa — é o que evita a disciplina, o sacrifício, a lei moral, a verdade, assumindo contudo o esplendor emocional e o ímpeto da inspiração, sacrificando o altar à comodidade e a cruz à clínica.

Cristianismo de ambulância — é o que tenta velar pelos doentes, pelos feridos e por uma sociedade anémica, até que a ciência faça maiores progressos, tornando desnecessário o verdadeiro cristianismo. O cristianismo de ambulância «segue atrás» do movimento mundial, da arte, da coexistência e persegue coisas, carecidas de respiração artificial. Por vezes,

o Reino de Deus anda identificado com a união trabalhista; outras vezes, então, o Reino de Deus identifica-se com o capitalismo.

Na rumba, só a parte inferior da anatomia é que se move; a cabeça e o coração permanecem tão imóveis quanto possível. No cristianismo-rumba não há sentimento, nem grande amor, mas um desenvolvimento tremendo de actividade. Quem jogar bem o golfe ou escrever um artigo sensacional, ou praticar qualquer acto espectacular, é logo considerado um bom cristão. Porque falhou este tipo de cristianismo, não falta quem diga ter sido o cristianismo posto à prova e não se ter saído airoso da experiência. G. K. Chesterton respondeu a esta asserção, dizendo que «o cristianismo se revelara duro de experimentar». Seria mais verdadeiro dizer que era fácil de experimentar, mas não se fizera tal experiência — fácil no sentido de não apresentar diferença sensível nem da psicologia, da sociologia, nem de qualquer outra religião natural.

Porque muitos esqueceram que a essência do cristianismo se traduz em sacrifício, morte do pecado e a aplicação dos méritos da Cruz por meio da infusão do espírito, sente-se hoje no mundo o grande vácuo. Este grande vácuo está a ser cumulado por duas formas diversas, em duas partes diferentes do mundo.

O *mundo ocidental* enche o vazio, criado pelo abandono do verdadeiro cristianismo, obrigando o indivíduo a contar só consigo próprio.

O *comunismo* enche o vazio, fazendo com que a humanidade se confine no egoísmo.

O *mundo ocidental*. O homem ocidental costu-

mava viver num universo de três dimensões: sobre ele ficava o céu, debaixo o inferno, enquanto que a terra era o momento da decisão, oferecendo a escolha entre dizer sim ou não ao destino eterno. Dentro dos últimos duzentos anos, este universo com suas repercussões eternas foi diminuindo em tamanho até que o homem, por fim, se encontra encarcerado dentro da sua própria casa. Esta inversão do homem para dentro de si próprio começou com Hume, que se declarou pela razão autónoma; com Montaigne e a sua inocência céptica; com Descartes e a sua introspecção, e Kant, que disse ser a razão semelhante a um cego, a trabalhar num tear. Finalmente, na moderna psicologia, o homem virou-se em absoluto para si próprio, esperando encontrar o infinito, depois de renunciar a encontrá-lo fora de si. Em lugar do céu escolheu o superego; em vez do inferno a libido; a terra era o eu. Hoje, considera-se a si próprio expoente absoluto, determinando o que é justo e o que é injusto, não reconhecendo Deus como seu superior, todo curvo sobre o vácuo dentro dele.

Dominado pela paixão pela psicanálise, usa o escalpelo do próprio espírito para provocar feridas; analisa as balas, disparadas contra o próprio corpo com o fim de ver se teriam sido disparadas por um Édipo ou uma Electra; faz a análise científica da água em que o seu espírito naufraga, tentando de balde salvar-se do naufrágio pela descoberta dos constituintes da água. Torna-se vítima da insónia, sem poder procurar descanso nem no mundo externo nem no mundo interior do pensamento. Habitado a projectar «cá para baixo sombras titânicas de terrores hiantes» em vez de ser taça aberta cá baixo, para que

a graça de Deus a encha a trasbordar, volta a taça da vida às avessas, de forma que nem ele nem Deus a podem encher. Na impossibilidade de se mostrar superior em relação aos seus próprios problemas ou explicar os pecados que lhe perturbam o espírito, por vezes recorre ao álcool para escapar à responsabilidade. Um poeta descreveu este homem actual como serpente, devorando a própria cauda.

No deserto

Vi uma criatura nua, bestial,

Que, acocorada no chão,

Segurava na mão o coração e o devorava.

Disse-lhe: Sabe-te bem, amigo?

«Amarga, amarga», respondeu.

«Mas gosto dele

Porque é bom, é o meu coração». (1)

Comunismo. Enquanto o homem ocidental se concentra em si próprio para achar substituição para a divindade, o comunismo ataca a humanidade, deificando-a, em troca de todos os ideais perdidos. O comunismo diz ao homem ocidental: «Estás cansado da tua liberdade, porque a liberdade implica escolha e escolha é responsabilidade. Oferecemos-te a fuga a toda a responsabilidade, convidando-te a entregar-te por inteiro à massa ou ao partido ou até ao estado totalitário. Desde este momento, a única consciência será a consciência do estado; nenhuma outra moralidade além da moralidade do estado, nenhuma outra verdade senão a verdade do partido. Não podeis dei-

(1) «The Collected Poems» de Stephen Crane.

nar de sentir o caos dentro do vosso coração; propomos organizar à força esse caos e chamar-lhe Socialismo».

Esta nova maneira de encher o vácuo tem, é claro, de ser ateísta, tem de perseguir a religião. Se o homem acreditar que tem uma alma imortal, naturalmente o estado não pode reclamá-lo na totalidade do ser; haveria sempre uma parte dele que escapa e pertence a Deus. Para submergir em absoluto o homem no formigueiro do estado, o comunismo tem forçosamente de reduzir a zero a religião; precisa de ser ateísta e perseguir a fé.

Esta maneira de encher o vácuo, causado pelo abandono do cristianismo e pela ego-idolatria, não significa que o mundo ocidental ou o mundo comunista estejam condenados a não conhecer a paz e a felicidade. Assim como o Filho Pródigo tinha o direito de ter fome, mas fazia mal em viver de bolota, também estes dois mundos têm razão ao procurarem um infinito que os satisfaça; fazem mal unicamente por causa dos substitutos que escolheram.

Há esperança sobretudo para o homem ocidental, pois que procura ele nas profundidades da sua alma senão a limitação da sua experiência? Tem pois de decidir no extremo ou do arrependimento ou da irrisão; tem de aceitar ou rejeitar.

No fundo da sua alma, ou se encontra com Deus ou O afronta.

Não se encontra Deus unicamente no alto da montanha, donde o homem avista a glória do erguer do sol, mas também nas profundidades da sua alma dolorosa, quando com o salmista exclama: «Das profundidades clamo por ti, ó Deus». Até o desespero

pode ser criador, se o homem admitir que nada pode e só Deus pode dar-lhe tudo que lhe falta.

O homem moderno pode não conhecer a graça branca, ou seja, a presença de Deus nas almas, mas conhece a graça negra ou a sensação da Sua ausência. O que é a graça negra, senão o dedo de Deus agitando a alma, criando aquele desassossego que vai lançar a criatura nos braços de Deus, se não puder ser pela bondade, pelo menos como último recurso? Franz Werfel observou um dia:

«Por uma ou outra forma, a razão humana apresenta um traço, ou marcado em cima, pela fé, ou em baixo, pela demência». Eis a forma moderna de exprimir a verdade de St.º Agostinho: «Não posso viver em mim mesmo, se não viver em Deus». Francis Thompson exprime assim a mesma ideia:

*«Estranha, lastimável, fútil coisa o homem!
 Como poderia alguém pôr o teu amor de lado?
 Tu disseste, ó Deus, que só tu fazes do nada muito,
 E o amor humano carece de merecimento humano:
 Sujc coágulo de homem, feito de barro.
 Que mereces tu?
 Ai de nós! Não sabes
 Quão pouco digno de amor tu és!
 Ser ignóbil, quem encontrarás para amar?
 Deus, salva-me, ah, salva-me!*

Não desesperemos do mundo comunista; devemos lembrar-nos que uma revolta contra Deus só pode ser em nome de Deus.

O ateísmo comunista não é igual ao ateísmo burguês do mundo ocidental. O ateísmo burguês é, com-

parativamente, a combinação de um pouco de religião, com uma generalização científica e a leitura ilusória da «Origem das espécies», tudo isto misturado com um pouco do seu mau comportamento. O ateísmo ocidental não é de forma alguma ateísmo; é idolatria, em que o indivíduo se substitui a Deus. Em face dessa espécie de falsa deidade, Bernard Shaw declarou-se ateuista. O ateísmo comunista, pelo contrário, não é a negação de Deus, mas sim um desafio a Deus. O ateísmo militante é uma experiência de Deus, justamente como o bater na mulher é uma experiência do casamento.

Todo o ódio é amor, virado às avessas. Donde a perseguição, a violência, o ódio, a intensidade do ateísmo militante senão da realidade desse Deus, que atacam? Deus está mais vivo no espírito dos ateístas comunistas do que como fantasma no espírito do mundo ocidental. Procedem e elaboram planos, pensam e agitam-se contra Ele, enquanto nós procedemos e elaboramos planos, como se O tivéssemos esquecido. Do seu ódio extraem violento estímulo. Pode muito bem ser que cheguem a conhecer Deus depois de O terem perseguido, quando contemplarem «Aquele a quem trespassaram».

Tudo que se disse pode ser condensado em termos de fogo. O fogo possui duas qualidades; luz e calor. A luz é a verdade para o espírito; amor é calor para a vontade. Os dois foram criados para servirem juntos, de maneira que o entusiasmo acompanhe a fé e o conhecimento.

A nossa crise moderna nasce do facto de ter havido um grande divórcio — um divórcio entre os que possuem a verdade e os que sentem o zelo do

fogo. O mundo ocidental possui a verdade nas suas manifestações mais altas; o comunista ignora a verdade, mas possui fogo, calor, energia, zelo, amor do sacrifício, dinamismo. O nosso mundo ocidental tem a luz mas não o calor; os comunistas têm o calor, mas sem a luz. Se nós, os que temos a verdade, sentíssemos a ansiedade de a comunicar, existiria o amor — amor com o poder de aceitar a morte pela verdade. Se a verdade e o amor andassem sempre ligados, o mundo estaria em paz. O problema actual é este: Com todo o seu fogo, zelo e violência, alcançarão os comunistas a verdade, antes que se inflamem em amor os que conhecem a verdade? Parece-nos que o mundo comunista há-de encontrar a verdade. Então Deus poderá exercer sobre ele a Sua acção, como sempre aconteceu com o fogo, quer se trate da paixão de uma Madalena ou do ódio de um Paulo. Quando a Rússia descobrir a Fé, o sopro prodigioso atravessará todo o mundo ocidental. Sabemos então que o cristianismo não falhou!

CAPÍTULO XIV

DELINQUENTES JUVENIS

O crime atingiu proporções alarmantes nos Estados Unidos.

Há:

Um assassinato por cada 41 minutos.

Uma violação por cada 30 minutos.

Um roubo por cada 7 minutos.

Um assalto por cada 6 minutos.

Um roubo por arrombamento por cada 1 minuto.

Um furto por cada 24 segundos.

Um roubo de automóvel por cada 2,4 segundos.

Em adição ao crime autêntico há ainda aquilo a que podemos chamar crime mítico, como a televisão apresenta. No ano passado assassinaram mais pessoas por televisão em crimes, cometidos em fitas cinematográficas, do que morrem anualmente por assassinato em seis cidades dos Estados Unidos. Uma revista fez a estatística, da maneira como se morria no decurso de uma semana. A um homem fizeram-lhe saltar os miolos com uma chave inglesa, quando estava a dormir; uma mulher atada a uma cadeira foi torturada com canivetas até morrer; dois malfeitores, depois de despídos, foram retalhados com navalhas de barba

até expirarem; quatro bandidos foram mortos a tiro na sala de estar de um humorista; um vendedor de bebidas foi morto na sua própria casa.

As crianças são familiarizadas com o crime desde a mais tenra idade. Só em Chicago descobriu-se que, no decurso de uma semana, em sessões de televisão para crianças desde a idade pré-escolar até ao terceiro grau, apareciam os seguintes crimes no «écran»:

93 assassinatos.

78 cenas de tiros.

9 raptos.

9 furtos.

44 lutas com armas de fogo.

33 lutas a murro.

2 cenas de facadas.

2 cenas de chicotadas.

2 envenenamentos.

2 bombardeamentos.

Como toda a ideia tende a transformar-se em acto, em resultado de as crianças serem postas em contacto com tais ideias de violência resulta aumentar a possibilidade de mais tarde exprimirem estas ideias por meio de actos criminosos. Entre dezoito rapazes de idade de 15 a 17 anos, há um, classificado como delinquente.

Cinquenta e um por cento dos rapazes, presos por roubos de automóvel, têm a idade de vinte anos ou são ainda mais novos. Trinta por cento dos presos por roubo têm vinte anos ou menos de vinte anos. Onze por cento dos presos por homicídio têm vinte ou menos de vinte anos.

Causa principal da delinquência. Vamos tratar não da causa universal, mas da que prevalece na maioria dos casos. A principal causa da delinquência juvenil encontra-se no lar. Para compreendermos a influência da casa consideremos dois factores que não estão relacionados com o comportamento: linguagem e higiene. Se uma criança fala inglês ou alemão, italiano ou chinês, isso depende inteiramente dos pais. Até a espécie de inglês — pronúncia, gramática, acentuação — depende da linguagem, ouvida pela criança em casa. Conjuntamente, aprende em casa hábitos de limpeza, o escovar cabelos e dentes, o tomar banho e coisas semelhantes. Admitindo que linguagem e limpeza não podem ser determinadas pelas condições de escolas superlotadas com falta de recreios e leite de qualidade inferior, podemos também admitir que o mau comportamento é devido menos a factores morais do que à têmpera e qualidade da casa, em que a criança vive.

A delinquência tem a sua origem em três tipos de pais:

Pais que dão excessivo mimo aos filhos.

Pais com o vício da bebida.

Pais discordantes ou pais divorciados.

Pais que dão excessivo mimo aos filhos. Estes pais pensam que a criança deve obter tudo o que deseja e da maneira como o deseja. Cada desejo é realizado; não usam nunca de disciplina, correcção e castigo, baseados no falso princípio de que a liberdade de expressão é o que há de mais acertado.

Estes pais cegos professam indiferença total

em face do que a criança faz, do que a criança diz e do que a criança pensa, permitindo-lhe que faça tudo que lhe apraz.

Tais pais argumentam que as flores agrestes da floresta crescem sem frustração, por isso nunca contrariam os filhos, mas compram-lhes as boas graças, gratificando todas as suas vontades. Pais cegos, pretendem que todos os interesses, desejos, instintos e impulsos de uma criança são puros e bons e não carecem de correção.

Crianças, assim educadas, crescem e vêm a ser egoístas; fingem estar doentes para escaparem à escola; recusam comer os alimentos favoráveis à sua saúde, lamentam-se em altos brados quando se magoam, de maneira a tornar os outros mais sensíveis aos seus desejos e captarem todas as atenções. Em breve, esta criança descobre que os seus gritos afastam aqueles que não desejam contribuir para a sua perdição e não a lisonjeiam. Interrompe toda a conversa com adultos, logo que não se fale nela. Faz com que o pai discuta com a mãe, para se não unirem contra ela: gosta de arrancar as asas às moscas e é cruel com os animais familiares.

Estes pais cegos que, consciente ou inconscientemente, desenvolvem o egoísmo de seus filhos, pre-dispõem-nos para três tipos de delinquentes juvenis:

1.º *Cépticos*. — Estes andam sempre à busca de um excitante, venha ele do álcool, de cigarros narcotizados ou de um assassinato. Não esqueçamos que um dos mais célebres crimes da última geração foi cometido por um rapaz novo, filho de uma família rica que matou outro rapaz pela excitação de matar e porque desejava cometer um «crime perfeito».

Cépticos desde a primeira infância por obterem tudo quando desejam, cansam-se, sentem a saciedade de todas as emoções, e procuram novos excitantes para satisfazerem os egos envenenados.

2.º *Furto e roubo.* — O ego, a que nunca foi ensinada a disciplina, torna-se mais imperativo, não no que deseja, mas na forma como deseja. Só em poucos casos é que vemos delinquentes juvenis roubarem comida ou roupa; roubam, só porque desejam satisfazer os seus egos, saturados de tudo. Não tendo nunca aprendido a relação entre esforço e recompensa, o jovem de hoje confunde o exagero do mimo com a recompensa. O direito básico de conquistar a ventura torna-se para ele agora o direito de se apropriar da ventura à custa dos outros. Explica-se assim o facto de não roubarem só os pobres, mas sim rapazes da classe média e até de pais ricos. Era o caso de Santo Agostinho, que foi nos primeiros anos um delinquente juvenil, e nos conta: «Resolvi-me a roubar e roubei, não impulsionado pela miséria ou necessidade, mas por desprezo da justiça e insolência do pecado, porque roubava aquilo que tinha em abundância e de melhor qualidade em casa; o que desejava gozar não era o objecto de que me apossava, mas o pecado do roubo».

3.º *Irresponsabilidade.* — Por causa do mimo exagerado, estas crianças entram na vida sem o sentido da missão a cumprir; nunca se preparam de maneira a submeterem-se ao empreendimento comum. O princípio básico, aprendido pela experiência com os pais, aprenderam-no bem. «O mundo tinha deveres a cumprir para com eles». Nunca tinham ouvido o contrário, isto é, que tinham deve-

res a cumprir para com o mundo. Quando se vêem em embaraço, esperam que logo surja a rede que os ampare na queda. Habitados à irresponsabilidade desde os primeiros dias, são presa fácil de todas as rudes noções socialistas e comunistas de um estado totalitário, a que acabam finalmente por entregar o ego, pois, tendo feito sempre a sua vontade, começam a odiar a licença, em que têm vivido.

Pais propensos à bebida. Nas famílias, em que o pai ou a mãe ou ambos bebem excessivamente, as crianças estão sempre expostas ao que há de pior na natureza humana. Qualquer coisa de normal e justo surge aos olhos das crianças como que acima da sua própria experiência. Abandonados devido aos excessos dos pais, vêem-se entregues a si próprios. Invertido o andamento normal das suas existências, abandonam todas as regras, como que vivem suspensos no espaço, enquanto os pais se entregam às bebidas. A criança nota que tem de sair muitas vezes sem ter comido e sempre sem o tributo do amor, enquanto os pais se entregam às extravagâncias do álcool.

Como os pais estão sempre a brigar ou porque elas próprias estão expostas à violência e às agressões dos pais, (a má consciência, provocada pelo álcool causa instabilidade constante) nesses lares há predisposição para dois tipos de delinquentes juvenis.

1.º *O delinquente que destrói a propriedade.*

2.º *O delinquente que assalta nas ruas.*

Porque a criança tem de andar em bicos de pés, quando um dos progenitores se entrega ao sono, ou

por causa da excessiva severidade com que é tratada, torna-se uma criança humilhada, quase inapta para a vida, sempre na defensiva. Vê em todos inimigos perigosos, e resolve que há-de vir um dia em que satisfará os seus desejos pela astúcia ou, se preciso for, pela violência. O rapaz transforma-se em vulcão — no alto parece pacífico, mas na base existe a fornalha do fogo devorador.

Habituação à atitude de defesa, combina assim a doçura e gentileza externas com violência e agressividade terrível. Manifesta-se este estado de espírito, primeiramente na fúria contra a propriedade, quebrando os bancos da escola, os pratos e móveis nos restaurantes e estragando o mobiliário nas casas em que entra. Viu no próprio lar os direitos de propriedade desrespeitados pelos pais que o abandonavam, para se reservarem o direito de beber, e ele vingava-se agora na propriedade, como se fora seu inimigo pessoal.

Nestas habitações surge a predisposição para o delinquente juvenil, que irá tornar-se culpado de assalto e violação. Não recebeu nunca o carinho do amor; cresce, convencido de que o amor é alguma coisa de que podemos apoderar-nos à força, porque fora assim que vira tratar o amor em sua casa. Tendo sido vítima de um amor adulterado, resolve fazer vítimas. Encontra-se aqui a explicação daquela «gente miúda e meiga», de aparência tão gentil e simpática e que de súbito se revela tão cruel, de intenções tão mortíferas, tão trágicas nos seus ignóbeis crimes sexuais.

Pais discordantes — Pais discordantes são os que brigam constantemente, e se guerreiam sem conhe-

cerem a vida de família. O pai pode deixar a mãe ou a mãe deixar o pai. Por vezes a traição vem do pai, por vezes da parte da mãe. Pode ser que o lar fique destruído e a criança vá viver com um dos progenitores. Talvez passe seis meses com a mãe e os outros seis meses com o pai. Tal qual como as crianças aprendem rapidamente a admirar os pais que se debatem no meio de aflições e sofrimentos para poderem defender os seus, assim a criança num lar destruído depressa compreende que nada vale para alguém. Uma criança é muito mais sensível do que os pais suspeitam; embora lhe não tenha sido ministrado o conhecimento racional de Deus, toda a criança sente instintivamente que os pais são representantes de Deus. Sabe que, em virtude de uma lei que lhe escapa, devia ter o primeiro lugar no amor dos pais; com o egotismo inocente de criança aceita o seu reinado, como um direito. Embora nunca lhe tenham dito que são delegados divinos no Lar, não obstante são Deus para ele.

Se agora a atraioam, destroem nela a fé e confiança inatas. Se eles exaltam as regras que vão violar o seu direito a ser educada pelos pais, daí resulta a predisposição para três tipos de delinquência juvenil:

1.º — Uma criança destas, ao crescer, não só será cínica quanto a mulheres, se foi a mãe quem falhou, ou cínica acerca dos homens, se foi o pai o culpado, mas sobretudo o seu cinismo terá como objecto Deus e a religião. Cresce animada de rancor contra a divindade. Deus deveria ter habitado no seu lar, mas Deus, na pessoa dos pais, iludira a sua

confiança; daí, a sua sede de vingança contra Deus. É destas fileiras que saem os futuros perseguidores da religião.

2.º — Deste tipo de lar estão predestinados a vir todos os que odeiam a lei e a autoridade, particularmente quando personalizada na polícia. Nos lares viram violada a lei básica da vida familiar; é natural crescerem no ódio da lei. Recentemente, a polícia narrou o caso de um rapaz, educado em lar destruído, que foi encontrado, vagando numa estação de autocarros às 4 e 45 da manhã. O rapaz confessara ter fugido de casa. Quando a polícia lhe deu voz de prisão, o rapaz puxara por uma navalha e golpeara-lhe o pescoço, infligindo-lhe uma ferida, quase fatal.

3.º — Finalmente, este lar cria uma predisposição para vagabundos e comunistas. Quando os rapazes de um país crescem em lares em que viram trair e abandonar a lealdade máxima da vida, o amor, estão muitas vezes aptos para usarem de deslealdade através da vida. Como a virtude da piedade congloba o amor de Deus e o amor da pátria, assim também a violação dessa piedade afectará a pátria, tal qual como o lar. Quando um rapaz assistiu ao abandono do pai por parte da mãe, quando a viu mudar de nome, acha muito difícil compreender porque não há-de a América passar a ser governada por um poder estrangeiro. Que as nossas conclusões não são obra da fantasia, provam-no os seguintes estudos sobre delinquência, executados na Universidade de Harvard, comprovativos de que a delinquência parte de três tipos de lares.

Pais cegos.

3 entre quatro delinquentes juvenis tinham licença dos pais para entrarem e saírem de casa, quando quisessem.

4 entre cinco rapazes delinquentes tinham mães que nenhum interesse evidenciavam pelos filhos.

3 entre cinco delinquentes tinham pais, indiferentes em absoluto ao que eles faziam.

Pais propensos a bebidas.

6 entre dez delinquentes juvenis têm pais que bebem em excesso. Muitos têm mães com o vício de beber.

Pais discordantes.

3 entre cinco vêm de lares, onde reina a discórdia.

7 entre dez vêm de casas, onde não existe vida de família. Muitos vêm de famílias destruídas; poucos receberam educação religiosa de qualquer espécie.

A causa principal de haver crianças delinquentes, temos de ir procurá-la nos pais delinquentes. Deus todo-poderoso concedeu filhos aos pais; barro para eles moldarem, de acordo com a Imagem Divina. Quando uma criança nasce, no Céu há uma coroa feita para ela. Ai dos pais, se essa coroa nunca chegar a ser usada. O comportamento criminoso é comportamento que se foi assimilando. A criança nasce boa; é no lar principalmente que se faz má. Se o mundo de hoje perdeu o respeito pela autoridade, é porque esse respeito se perdeu na casa paterna. Logo

que nos lares se perde a autoridade, o Estado aguenta com as consequências. Para que os lares se mantenham em sua integridade é forçoso restaurar o quarto mandamento, é forçoso que a vida seja vivida de acordo com os preceitos do Salvador, que dedicou três horas à obra da redenção, três anos a ensinar, e trinta anos a obedecer.

CAPITULO XV

LIBERDADE

Liberdade é o que todos os homens desejam, embora nem todos estejam dispostos a pagar o preço da liberdade na sua forma mais alta. A liberdade apresenta dois lados: liberdade *de* alguma coisa e liberdade *para* alguma coisa. Liberdade de alguma coisa é o lado negativo da liberdade, e implica ausência de autodomínio. Liberdade para alguma coisa implica um alvo, um propósito. A primeira é liberdade de escolha; a segunda é liberdade em busca da perfeição; existe entre as duas as relações que há entre os meios e a finalidade, a ponte e a cidade. Combinando os dois elementos, a liberdade pode definir-se como direito da escolha entre coisas todas boas, sem impedimento da Lei mais alta do nosso ser. O erro de separar uma da outra pode definir-se simbolicamente na história de um homem rico, que se aproximou de um motorista de praça, perguntando-lhe: «Está livre?» «Sim, estou livre» respondeu o motorista. O homem rico subiu para o táxi e gritou: «Viva a liberdade!». O motorista compreendia acertadamente a liberdade como ausência de freguês, tendo pois o direito de aceitar passageiro que lhe

pagasse a viagem. O homem rico entendia ser a liberdade somente a ausência de obstáculos.

Em viagem, compreende-se que os dois elementos de liberdade têm de andar ligados. Uma pessoa tem liberdade não só de fazer uma excursão, mas também de decidir qual o meio de transporte; por exemplo, será de automóvel, em caminho de ferro ou a pé; todavia ninguém decide qual o meio de transporte sem decidir o destino ou o alvo do passeio. A liberdade da escolha sem a liberdade do objectivo a perseguir equivaleria a viajar por mar num navio privado de leme, sem estar consignado a nenhum porto.

Um rapaz tem liberdade de seguir uma vocação como a de médico, advogado, engenheiro ou empregado civil. Logo, porém, que escolha profissão, a liberdade consiste em aprender todo o lado técnico, aperfeiçoando-se o mais possível para exercer bem a sua tarefa. Se escolhe ser músico, a sua liberdade começa quando chega a conhecer as leis musicais, as regras da harmonia e os pormenores da composição. De igual forma, temos a liberdade de escolher a espécie de alimento que nos agrada comer, mas o propósito ou a escolha perfeita deveria ser a conservação da nossa saúde. Pode servir-nos de exemplo concludente o acto de fazer a corte a uma mulher. Quando um homem novo procura ganhar o afecto de uma rapariga, exerce liberdade de escolha. Não está na obrigação de declarar o seu amor a nenhuma mulher no mundo; neste sentido é livre. Quando lhe faz a sua declaração, sempre com as palavras rituais, a rapariga pode dizer-lhe: «Como é que tem a certeza de me ter mais amor do que a qualquer outra mulher? Não compreende que só nesta cidade há

348.212 raparigas novas, elegíveis? Conhece-as a todas?» Se o mancebo fosse filósofo, poderia responder mais ou menos assim: «De certa maneira, incluo-as a todas nestas palavras; pois um acto de amor não é sòmente uma afirmação; é também uma negação. Ao escolhê-la, repudio todas as outras. Desde este instante, a minha maior liberdade consistirá em ser seu escravo». A liberdade, assim, alcança maior perfeição, fazendo a vontade do ser amado.

O amor humano sugere alguma coisa do que há-de acontecer no Céu. Logo que a alma alcance a união eterna com Deus, perderá toda a liberdade de escolha; no Céu não se conhece liberdade negativa. Desde que contemplemos face a face a Perfeição, nada mais nos resta para escolher. Pequenas partículas de aço permanecem indiferentes em frente de um íman fraco; em face porém de um íman poderoso, as partículas de aço precipitam-se para aquilo que as atrai.

Enquanto vivemos sobre a terra, nada encontramos de tão irresistivelmente belo, bom, verdadeiro e encantador que possa solicitar-nos o desejo, comparável ao íman fortíssimo que atrai o aço. No Céu, porém, o Perfeito Amor e a Suprema Beleza nada mais deixam a desejar; seremos contudo perfeitamente livres, porque unidos Àquele que é onnipotente e que é o Único capaz de satisfazer as mais profundas aspirações do coração humano.

Dois erros, relativos à liberdade. Admitindo ter a liberdade dois lados, isto é, liberdade de escolha e liberdade perfeita, ou ordem, ou lei, segue-se existir a possibilidade de cometer dois erros, resultantes do divórcio de uma da outra. «O que Deus uniu, que

nenhuma criatura separe» eis a ordem divina, não só aplicável ao homem e à mulher, mas também aos grandes dualismos, necessários para pensar e viver correctamente com felicidade, tais como a união do corpo e da alma. O primeiro erro consiste em isolar a liberdade de escolha da liberdade perfeita — é este o erro do mundo ocidental. O outro erro consiste em isolar liberdade de lei ou liberdade perfeita da liberdade de escolha — é este o erro do comunismo.

Erro do mundo ocidental. O erro do mundo ocidental consiste em identificar liberdade com a ausência da coacção física ou indiferença perante propósito ou perfeição. O homem ocidental deseja libertar-se de alguma coisa. Em vez de trabalhar em direcção a um ideal fixo ou a uma finalidade, muda de ideal e chama-lhe «progresso». A verdade determina-se pela contagem dos espias da polícia ou do que a maioria resolve, esquecendo que o direito é direito, mesmo quando ninguém quer proceder com justiça, e o erro é erro, mesmo que ninguém proceda erradamente. Não procura para encontrar, mas pela excitação de procurar. Não bate à porta para que lha abram, mas só para gozar o efeito do som dos dedos contra a madeira. Não pede para receber, mas para ouvir o som da própria voz. Liberdade, só pela liberdade, aumenta a falta de significado da existência. Transforma o espírito humano em alguma coisa de semelhante àquele lavrador que, três semanas depois de ter plantado batatas, para afirmar a sua liberdade, tornou a arrancá-las e plantou alhos. Algumas semanas depois, receoso de que os que comessem alhos não pudessem ser aceites na companhia dos vizinhos por causa do hálito, plantou couve-flor. Arrancando este legume,

plantou ameixoeiras, para desenraizar mais tarde, com receio de se adulterarem e produzirem ameixas inferiores. Sem finalidade, sem destino, sem concepção da verdade, consideram a liberdade da palavra como único alvo. Se tivessem a consciência do que significa ter um propósito, veriam que o propósito de liberdade da palavra é o desejo de transmitir verdade e conhecimento. Dado esse propósito, há ainda as limitações no seu exercício. Por exemplo, não é lícito usar a liberdade da palavra com o fim de destruir a liberdade de falar ou para recomendar o assassinato de um vizinho, ou para incitar à idolatria e ao ódio contra o próximo.

No jornalismo, o homem moderno deseja controvérsia e não a verdade; porque nega todos os limites, o seu espírito não lembra um rio, espraiando-se livremente entre duas margens, mas sim um pântano difuso, sem profundidade e sem oceano aonde possa ir desaguar. Guiados pela experiência e não por princípios, eventualmente alguns aborrecem-se da liberdade e, como a criança numa escola progressiva, perguntam: «Terei de fazer sempre o que desejo fazer?» Por fim, alcança um ponto em que, exausto, farto de uma liberdade sem significado, procura alguma coisa a que possa render-se para se libertar da futilidade de uma opção desmiolada. Esta liberdade sem obstáculos, sem finalidade ou propósito ou ânsia de perfeição, fez o mundo ocidental forte, somente na guerra, mas fraco na paz. Na guerra está unificado através da necessidade primária, básica, de sobrevivência; na paz é fraco, porque não conhece nem cruzada, nem propósito,

nem chama, nem zelo por uma causa, a que se dedicou por livre escolha.

O erro do mundo comunista. O mundo ocidental — esquecendo o propósito da vida — glorificou a auto-expressão, considerando toda a disciplina como infracção à liberdade e toda a lei como restrição do livre-arbítrio. Com os comunistas dá-se o contrário: existe o frenesi da liberdade por alguma coisa, unido à negação da liberdade de alguma coisa. A liberdade para o mundo ocidental identifica-se com a força.

Impõe-se um alvo ou finalidade ao indivíduo que já não possua a liberdade de escolher por seu livre arbítrio. O que os comunistas fazem actualmente é tomar conta da perfeição, atributo de Deus, que afasta toda a liberdade de escolha transferindo-a para a terra, para uma sociedade materialista, em que o partido substitui Deus. Deus, eleito livremente pela alma, satisfaz o coração, inundando-o de perfeito amor; o comunismo, imposto pela força, substitui o amor pelo ódio.

Frederico Engel, fundador do comunismo conjuntamente com Carlos Marx, fornece-nos este exemplo de liberdade do comunismo: «Uma pedra tem a liberdade de cair da mão em obediência à lei da gravidade; assim o homem é livre, enquanto obedecer à vontade do ditador».

Compreende-se pois que na sociedade comunista não haja liberdade para escolher candidatos; não há sufrágio; não se admite outra verdade que não seja a da propaganda do partido; nenhum alvo além dos planos de cinco anos. A Constituição soviética, artigo 125, declara que os cidadãos da República Soviética

podem ter liberdade de palavra, liberdade de imprensa, liberdade de assembleia, mas só com uma condição, isto é, que usem dessa liberdade para auxílio do Partido Comunista. Elimina-se assim completamente a liberdade de escolha; nega-se a liberdade de abstenção. O comunismo atingiu este ponto de tirania como reacção contra o caos, criado por um falso individualismo, onde cada um fazia o que lhe agradava. O comunismo, à maneira de pastor, açula os cães atrás dos carneiros errantes e força os indivíduos a entrarem para dentro de um redil tirânico; o comunismo é pois a organização forçada de um caos, criado por uma falsa liberdade. Satisfaz aqueles que, pertencendo ao mundo ocidental, estão já aborrecidos com a sua liberdade. Convida-os à entrega da sua personalidade, como se homens vivos fossem uvas para serem triturados pelo maquinismo do partido, perdendo a identidade no vinho do estado. Enquanto o mundo ocidental é fraco na paz, porque não conhece a fé, a sociedade comunista é forte tanto na paz como na guerra, porque possui objectivos, alvos, e profunda crença na sua própria filosofia. Por este motivo, o comunismo nunca será vencido, a não ser por fé, igualmente profunda, fé em que exista a liberdade do autodomínio, de maneira a poder-se proceder segundo o mais alto dever dentro da paz, da justiça e do direito.

Estes dois erros em relação à verdade podem ser ilustrados pelas definições populares de liberdade, fornecidas pelo mundo ocidental e pelos comunistas.

Se a liberdade consistisse no direito de fazer cada um o que quisesse, então a liberdade deixaria de ser poder moral para se transformar em poder físico.

Certamente que podemos fazer o que queremos; podemos apontar com uma metralhadora para os frangos do vizinho; podemos encher o colchão do vizinho com lâminas de barbear já usadas — isto porém é esquecer que a liberdade tem de ser usada racionalmente. O mundo ocidental, identificando a liberdade com o direito de fazer cada um o que quiser, transforma-se em pêndulo, separado do relógio. Por outro lado, os comunistas identificam a liberdade com o direito de cada um fazer aquilo a que é forçado. Para eles, liberdade é necessidade; liberdade é força.

O comunismo é o relógio, ou a organização ou a obra sem o pêndulo.

Nenhum dos dois lados está na razão. Simplesmente, porque tanta gente no mundo ocidental se sente cansada com liberdade sem propósito assente, é que é possível ao comunismo falar-lhes da palavra «libertação». Por «libertação» entendem que hão-de libertá-los da liberdade sem objectivo ou propósito. Desejam dar-nos uma liberdade positiva em troca da nossa liberdade negativa, mas na realidade só exercem tirania. Como um escritor russo disse: «Liberdade sem limites conduz à tirania sem limites». A licença no mundo ocidental provocou, por reacção, a tirania e o governo ditatorial do comunismo.

A verdadeira definição de liberdade é o direito de cada um fazer o que deve; ora o dever implica lei, propósitos, finalidade e perfeição. A liberdade é um poder moral e não físico. Reside muito mais no que o homem é, do que no que o homem faz. Somos mais livres, seguindo a lei do que sem lei. Antes de irmos à escola, tínhamos a liberdade de acreditar que Shakespeare nascera em 1776. Depois de nos submeter-

mos aos factos históricos, aprendemos a verdade acerca de Shakespeare e ganhámos a liberdade de estudar literatura. Antes de irmos para a escola, tínhamos a liberdade de acreditar que SO_4H_2 era o símbolo do cloreto de sódio. Sòmente depois de descobrirmos a verdade da fórmula, teremos a liberdade de progredir no conhecimento da química. O homem toma a liberdade de desenhar uma girafa, com a condição de lhe dar um pescoço comprido; se lhe puser um pescoço curto, perde o direito a desenhar girafas. Ê-nos concedida a liberdade de traçar um triângulo, só com a condição de lhe darmos três lados e não cinquenta e sete, num impulso de generosidade. Ao motorista é-lhe permitido guiar, se obedecer às leis do trânsito. Um jogador de golfe é livre ao jogose conhecer a verdadeira forma de jogar, como há-de manejar os tacos, como há-de dar impulso à bola e como detê-la da maneira própria e não errada. Eis o sentido das palavras de Nosso Senhor, ao dizer-nos: «A verdade tornar-vos-á livres». Só depois de conhecermos a verdade acerca das leis da aviação, é que temos a liberdade de voar. O propósito final dos mandamentos de Deus não consiste em restringir-nos a liberdade, tal qual como as instruções, fornecidas com um frigorífico no momento da venda, não pretendem limitar ou destruir a liberdade do seu uso. A verdadeira liberdade tem de ser conquistada, pois o homem, nascido para ser livre, sente essa necessidade, mas, na realidade, não é livre.

Só quando renuncia livremente às coisas que se erguem no caminho da sua perfeição, é que atinge aquela paz que fica para além de toda a compreensão,

e aquela liberdade que foi descrita como sendo «a gloriosa liberdade dos filhos de Deus».

Todo o que concede liberdade incorre em grande risco. Os pais arriscam-se muito, quando dão aos filhos a liberdade de decidirem das suas vidas; os professores correm risco, quando dão às crianças recreio; Deus correu risco fazendo a criatura livre. Poderia ter feito um mundo, inteiramente diverso deste, em que sentiríamos a necessidade de sermos virtuosos, assim como o sol se ergue no oriente e se põe no ocidente.

Mas Deus escolheu fazer um mundo que seria vasta planície, um universo moral, onde o homem provaria a força do seu carácter. Se Deus quis fazer um universo moral, então tinha de nos criar livres. Se nos fazia livres, dava-nos a possibilidade de nos revoltarmos. Contudo, sabia bem que não havia possibilidade maior de perigo do que a de destruir a liberdade. Era melhor conceder facilidades de revolta e de explosão, e ver os homens transformarem-se em déspotas, do que arrancar a liberdade à alma.

Escolheu portanto fazer um universo em que existiria a virtude, sempre condicionada à liberdade. Um homem só pode ser herói num campo de batalha, em que seja possível ser covarde; só pode ser um santo num mundo, em que seja possível ser um traidor; pode ser um Pedro só em situação onde seja possível ser Judas. Não há coroas de mérito, suspensas sobre a cabeça dos que não combatem. Todos poderiam partir para os empreendimentos, descuidados e sem protecção alguma, se não houvesse em jogo grandes alternativas morais. Se este fosse um universo,

em que cada acto virtuoso fosse sucedido por um aumento de salário e cada boa acção seguida por elogios nos jornais, com que rapidez o cálculo da vantagem abafaria o amor desinteressado! Sem liberdade, onde estaria esse louco amor que paga o ódio com ternura, a indiferença com a devoção e responde às maldições com bênçãos? Por vezes, até os abusos de liberdade, cometidos pelos outros, são condição para actos de suprema bondade.

Há pessoas que perguntam: «Porque é que Deus não destrói os ditadores do mundo?» Deus poderia acabar com todos os ditadores do mundo, mas assim destruiria a liberdade no mundo. Mas, se destruísse a liberdade, teríamos um ditador no céu, em vez dos nossos ditadores na terra.

Concedida por Deus, a liberdade nunca deixará de existir; eis por que o inferno é eterno. O inferno é a garantia da liberdade humana, um lugar em que um homem de punhos cerrados continua a erguer, perante Deus, o seu brado: *Non serviam*.

Não obstante o facto de que a liberdade produz o crime e o sofrimento, ainda assim não é um universo em que o mal seja o vencedor, pois Deus quis humanar-se, tomou sobre Si os nossos pecados, como se Seus fossem, aceitou todas as consequências das más escolhas, arrancando assim do universo a irresponsabilidade, fazendo com que tudo se revestisse de significado. Por um acto livre, consentiu que o homem cometesse o pior crime que podia cometer: a pior coisa que o homem pode fazer não é bombardear uma cidade ou matar uma criança; a pior coisa que o homem pode fazer é crucificar a própria bondade. Fazendo isto, o mal mostrava-se revestido da sua

mais forte couraça, surgia em todo o seu poder; todavia, na hora em que mais poderosamente desenvolvia o seu ataque, foi derrotado pela Ressurreição de entre os mortos. Revestindo-se da natureza humana, não só reparava o mal, causado pela falsa escolha, mas dava à humanidade muito mais do que perdera.

O mau uso da liberdade, feito pelo homem, tornou-se para Deus ocasião de se oferecer como holocausto de amor, não para forçar os homens a que viessem ter com Ele — as Suas mãos e pés estavam pregados ao madeiro — mas para os atrair através da revelação de um amor maior, que o fazia sacrificar a vida pelos Seus amigos.

Os que são capazes de compreender esta vitória do amor sobre o mal, vêem que toda a livre opção no mundo deveria ter por alvo a perfeição da alma no amor. Observando tudo isto, o homem acaba por entender o que vem a ser a liberdade máxima no mundo: a liberdade de ser santo.

CAPITULO XVI

SERA A ASSERÇÃO DO EU SEMPRE UM ERRO?

Nunca existiu uma época em que não surgissem criaturas mentalmente diminuídas; mas, antigamente, esses infortunados integravam-se numa sociedade normal, eram protegidos, objecto especial de caridade e carinhos, e até defendidos, quando os menos escrupulosos abusavam das suas deficiências. Hoje, os doentes, aflitos com os seus problemas mentais, sentem-se mais abandonados, porque tudo em volta está também contaminado; a própria atmosfera que respiram está inquinada de pensamentos e aspirações anormais. O resultado é sucumbirem mais depressa do que os psicopatas e nevróticos da geração passada.

Nesta civilização, muitos hoje crêem que a asserção do próprio eu tem sempre razão de ser; que toda a disciplina, renúncia, mortificação e ascetismo correspondem a uma frustração do ego e à destruição da personalidade. O espírito moderno não está preparado para entender impedimentos; nos anúncios exalta como necessidades máximas os confortos, considerados por nossos avós como luxo de esplendor

nunca sonhado. O resultado é que o homem moderno, quando se defronta com oposição, censura os outros. Não tem condições de luta na sua idolatria pelo conforto, particularmente quando esse conforto está almofadado pelos recursos técnicos. A disciplina da vontade, a educação do ego, a expurgação do egoísmo, o sacrifício dos nossos desejos, não são hoje compreendidos por aqueles que consideram a renúncia frustração, e a asserção do eu o verdadeiro ideal.

Será a asserção do eu sempre justa? É necessário distinguir entre a asserção do eu em alguma coisa de simples e a asserção do eu em alguma coisa de complexo. A asserção do eu é justa quando se trata de coisas simples de um só efeito. Por exemplo, a um percevejo assiste-lhe razão para ser autoritário. Uma bolota tem razão em assegurar o seu eu, querendo ser roble; a hera envenenada evita a frustração, envenenando a mão humana.

Mas, quando chegamos a alguma coisa de complexo ou capaz de produzir diversos efeitos, então a asserção do eu deixa de ser admissível. Por exemplo, quando é mais eficiente a navalha de barba, quando barbeia ou quando retalha a face? Uma locomotiva quando é mais consciente: quando pára no carril ou quando salta para fora do carril? O soldado será mais consciente do seu eu quando fica no seu posto, ou quando deserta e esquece o dever? Deve um cão numa casa afirmar o seu eu ou guardar a casa? Suponhamos que uma pessoa está constipada e o vizinho pergunta-lhe: «Como está a sua constipação?» Pode responder: «A minha constipação é horrível», mas esquece-se que a constipação está sempre ligada a outra coisa, isto é, ao organismo humano.

No que diz respeito aos germes da constipação, pode tratar-se de uma constipação perfeita, em relação ao corpo, contudo, pode ser muito nociva. Suponhamos que um médico, chamado para tratar a constipação, diz ao doente: «Acho que o Sr. tem uma cultura de germes particularmente interessante. Como cientista, interesse-me muito pelo desenvolvimento destes germes, para poder observar todas as suas influências. Não erguerei pois nenhum obstáculo, capaz de impedir que estes germes se afirmem com toda a violência. Sei que deseja que trate da sua saúde, mas lembre-se do que disse Einstein. «Tudo é relativo»; tudo depende do nosso ponto de vista. Desde que me interesse por germes, dou-lhes a primazia no direito da afirmação do seu eu».

É evidente que ninguém pode considerar sempre justa a asserção do eu, quando tratamos com alguma coisa de complexo. Ora o homem é complexo, sendo composto de corpo e alma, matéria e espírito. O homem assenta os pés na terra, mas também possui asas, feitas para o céu. Tal qual como o homem não pode servir a Deus e ao dinheiro, também não consegue dar a primazia da asserção a um dos componentes, sem prejudicar o outro. Nunca se dá a expressão total de uma coisa numa estrutura complexa, sem reprimir a outra. Nunca existe representação de uma coisa dentro de um complexo, sem a asserção de uma outra. Ninguém encontrou até hoje um pugilista que tivesse desenvolvido a sua arte até à perfeição, e fosse ao mesmo tempo especialista em cálculo matemático. Ninguém também descobriu um especialista da cultura dos Hititas, que tivesse ganho ao mesmo tempo o campeonato americano de golfe.

Diz-se aqui dos padres que, se jogam o golfe muito bem, alguma coisa falha no seu sacerdócio; se são bons padres são maus jogadores. Alguns atletas são bons estudantes, mas geralmente, os que se dedicam aos treinos físicos não brilham pela inteligência conspícua. Ouvi falar de uma universidade que resolvera organizar três equipas: uma para o ataque, a segunda para a defesa e a terceira para frequentar as classes. Nunca se viu uma rapariga atlética, bastante forte para fazer o trabalho doméstico. Benjamin Franklin conta-nos que conheceu um homem, capaz de traduzir a palavra cavalo em nove línguas; esse homem, porém, comprou uma vaca e montava-a.

A conclusão é esta: o homem, por ser complexo, oscila de um lado para o outro.

Quando há força de ânimo para reprimir prazeres ilícitos, dá-se sempre a exaltação do espírito. Se, pelo contrário, rejeitamos as razões superiores da alma, dá-se o recrudescimento das manifestações da matéria. Quando se reprime o egoísmo, manifesta-se o altruísmo mais vigorosamente. Tenho ouvido dizer a muitas mulheres: «Meu marido é um homem às direitas, quando não bebe». Logo que restringem o vício de beber, restabelece-se a paz doméstica. A paz cívica desenvolve-se, sempre que existe repressão viva aos criminosos. Como nos piqueniques há todo o cuidado em impedir o aparecimento das formigas, toda a gente disfruta o agradável passatempo. Todas as pessoas no mundo dispõem de energia. Ora a energia não corre em duas direcções; desenvolve-se para o bem. Se uma criatura dispõe de dez unidades de energia e as aplica para o bem, é bom na realidade. Mas, se se tornasse mau, seria capaz de produzir dez uni-

dades de maldade. Outra pessoa, dotada de cem unidades de energia, se as applicasse todas ao serviço do mal, viria a ser uma criminosa; applicada essa força ao serviço do bem, provávelmente surgiria um santo. Cada prisão está cheia potencialmente de grandes cidadãos e chefes, tal qual como cada convento está cheio potencialmente de demónios.

Se Lenine permitisse que a sua energia convergisse toda para o bem em vez de se votar ao mal, é muito provável que tivesse sido um grande santo. Também é provável que, se S. Francisco de Assis tivesse utilizado a sua energia da mesma maneira como Lenine fez, teria sido um Lenine. Santa Teresa, flor da graça, disse uma vez que, se não tivesse correspondido às mercês de Deus, teria sido uma das piores mulheres que jamais existiram. Impõe-se-nos esta conclusão: A expressão do próprio eu é justa quando tem por fim o mais alto propósito do ser; é um erro, quando perverte este propósito ou destrói a ordem recta das coisas. A expressão do eu tem razão de ser quanto ao corpo, desenvolvendo-o no sentido da saúde; quanto ao espírito, quando este anseia pela verdade; quanto à vontade, quando procura a bondade; quanto à personalidade, quando anda em busca de Deus. A expressão do eu é contudo errada quando o corpo se entrega a excessos; o espírito ao erro; a vontade ao ódio.

Nosso Senhor disse: «Se a tua mão te escandaliza, corta-a; se o teu olho te escandaliza, arranca-o». Isto não quer dizer que Nosso Senhor se opusesse completamente à matéria e à harmonia; o estado incompleto é uma alternativa inferior. Se, em qualquer altura, o que é inferior interfere com o que é

superior, tem de dar-se uma espécie de amputação; um homem tem de renunciar ao álcool para preservar a saúde e a sua personalidade. Disciplina e auto-domínio são necessários, por causa da tendência inata no homem para o mal e para a obstinação. O pecado original está em nós; essa mácula tem de ser remida por qualquer forma de penitência. Quando um navio se debate contra a tempestade, tem de preparar-se, se necessário for, para sacrificar a preciosa carga.

A natureza segue o caminho da resistência mínima; é por isso que todos os rios apresentam curvas. A natureza humana, porém, ergue obstáculos para poder aperfeiçoar-se. Em todos os jogos há limitações, regras e obstáculos, tendentes a intensificarem o desporto. Seria mais fácil para um saltador de vara caminhar debaixo da barra do que saltar por cima dela.

Seria mais fácil para um corredor empurrar as estacadas em vez de saltar sobre elas. Elogia-se e exalta-se todo o feito custoso. O golfe precisa de apresentar armadilhas e dificuldades, de outra forma perderia todo o interesse.

Seria falso pensar que desejar a penitência e o sacrifício significa voltar as costas aos prazeres da vida, para só admitir a austeridade. A acusação de que o ascetismo e mortificação são inimigos da alegria foi Satanás quem primeiramente a formulou, quando perguntou a Deus porque não deixara o primeiro homem comer da árvore da ciência do bem e do mal no paraíso. A árvore estava envenenada; eis o motivo por que Deus não permitira ao homem que comesse desse fruto. Satanás, porém, procurava fazer acre-

editar que Deus não podia ser bom, proibindo a natural satisfação dos sentidos. O ascetismo bem entendido nunca foi proclamado pelos indígenas das províncias ultramarinas do Canadá, capazes de soltarem torrentes de indignação, sempre erradamente. Pelo contrário, Nosso Senhor recomendava a alegria na renúncia: «Quando jejuas não o mostres pelo teu aspecto triste, como fazem os hipócritas. Tornam a face triste, para que os homens vejam que jejuam. Acreditaime. Esses já têm a sua recompensa. Quando fizeres penitência, unge a tua cabeça e lava a face, de forma que o teu jejum não seja conhecido dos homens mas do teu Pai que trabalha em segredo». O fariseu gabava-se de jejuar duas vezes por semana.

Ao contrário, a única vez que Nosso Senhor cantou, segundo reza a tradição, foi na noite em que caminhava para a morte. A austeridade não quer dizer estar sentado sobre puas de ferro, nem para ser asceta é necessário alardear ascetismo.

Não se trata de criar o vácuo, pois o vácuo pode encher-se de pó e detritos. A renúncia não impõe um pálido recuo diante da luz, nem o rastejar abjecto, nem o sofrimento voluntário. No Oriente, a dor tem por objecto a dor; é finalidade em si própria. No cristianismo a mortificação é um meio para um fim — : o fim chama-se caridade. Eis o motivo por que S. Paulo nos diz que, se entregasse o corpo para ser queimado e não possuísse o amor divino, de nada lhe serviria.

O amor dos homens determina a sua felicidade; como a alegria se encontra no que a criatura ama, não há alegria em opposição àquilo que ama. O homem que gosta de beber odeia a temperança; o homem

que ama verdadeiramente uma mulher, não sente amor por outras mulheres. Neste sentido, o cristianismo é na sua essência uma religião de sacrifício. Quando um amor pecaminoso impera no coração, a religião e a virtude surgem como lei, erigida de proibições; tornam-se repulsivos todos os seus objectivos. Não pode encontrar-se gozo algum na religião, quando o amor se delicia em tudo que é vil.

Quando surge um novo amor, surge a necessidade de novas devoções. Nasce um bebé numa casa. Automaticamente, aparecem os sacrifícios. Os pais levantam-se no meio da noite para tratar do recém-nascido. Quando doente, não se poupam a todos os trabalhos. Sacrificam todos os prazeres e convites fora de casa para acompanharem a nova vida, tão adorada. Assim acontece, quando o amor celestial aparece em qualquer forma nova, tal como a religião. Não se trata de uma lei, oposta à vontade, mas sim de um affecto íntimo que nos convida a oferecer sacrificios.

O mal nunca pode ser desenraizado; mas desfalece, se não o cultivarmos. Um adulto já não acha prazer nos bonecos que o deliciavam, quando criança; não consiste sacrificio para ele pôr de lado os comboios de lata.

A energia espontânea do amor pela novidade obriga a criatura a abandonar os objectos antigos, sem a sensação de a tal ser constrangido. Um manco ama uma jovem rapariga e dá-lhe um anel de ouro em vez de latão. No dia em que os homens esqueçam que amor é sinónimo de sacrificio, perguntarão que espécie de criatura implacável era essa mulher, exigindo um anel de ouro em vez de latão. No dia em

que o homem esqueça que o amor é sinónimo de sacrifício, perguntará que espécie de Deus é esse, que pede mortificação e renúncia. O amor determina o sacrifício. O amor pelo corpo impõe a dieta; o amor pela alma impõe o jejum. Materialmente, não existe diferença entre as duas coisas; pode-se perder quinze libras por diversas formas. O motivo e o amor é que são diferentes nos dois casos, separando um do outro. O amado está pronto a sacrificar os seus gostos pelo ente a quem ama. E ela perguntará àquele que ama: «Gostas de mim com um vestido desta cor? Preferias este penteado?». Se as criaturas assim procedem para agradar a outras criaturas, não poderão aceitar sacrifícios para agradar a Deus? Quando isto acontece, não existe o dever em si, excepto no sentido de *o dever coincidir com a inclinação*.

A crise do mundo actual pode contar-se, usando os termos de autocoacção e sacrifício. O mundo ocidental acredita no amor sem sacrifício; o comunismo acredita no sacrifício sem amor. Na sua idolatria pelo conforto, a nossa civilização ocidental acredita no amor sem auto-restrições. Um amor assim transforma-se em sentimentalismo, romantismo, moleza. É bom lembrar que das dezanove civilizações, caídas em decadência desde o princípio do mundo até agora, dezasseis deixaram-se corromper interiormente por falta de autodisciplina e sacrifício. O comunismo, ao contrário, acredita no sacrifício sem amor; mas sacrifício sem amor é materialismo de dialéctica, luta e violência. De um ponto natural de vista, é mais possível que os princípios russos ganhem e não os do ocidente, por causa da devoção dos primeiros pela disciplina. Por outro lado, como a civilização ocidental

tem dentro dela, no centro, o cristianismo, é ainda possível que venha a recuperar o espírito de sacrifício e o amor pela cruz. Mas só, dada a condição de restaurar a disciplina, a mortificação e o desejo de sacrifício nos lares, na nação, e nos processos educativos, poderá a América sobreviver, cumprindo o alto destino de preservar a liberdade dos outros povos do mundo.

CAPÍTULO XVII

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

Um pai em dia de feriado, livre das suas obrigações de policia, aceitou por livre vontade ficar em casa, para que a mãe pudesse sair de visita a pessoas amigas.

No decurso da ausência da mulher, tomou conta dos três filhos, mas teve o cuidado de tomar nota num papel dos serviços prestados aos filhos. É a seguinte a lista do dia:

Respondi a perguntas, começando todas com «Porquê»: 25 vezes.

Arranquei caramelo, pegado ao cabelo do filho: 3 vezes.

Sequei lágrimas: 9 vezes.

Impedi que a irmã metesse na boca do bebé os cigarros que eu atirara fora: 4 vezes.

Mudei os panos do bebé: 15 vezes.

Assoei narizes, precisados de auxilio: 11 vezes.

Fui à porta: 4 vezes — para o padeiro, merceeiro, leiteira e rapaz dos jornais. Todos disseram que preferiam voltar quando estivesse a dona da casa.

Tentativas para meter uma colher com papinha na boca do bebé: 18 vezes — Com êxito: duas vezes.

Apertei os cordões dos sapatos: 13 vezes, desde que a mãe saiu até às 3 horas. As 3 horas, tirei-lhes os sapatos e deixei-os correr descalços.

Pedi em voz amável para as crianças estarem quietas: 1 vez.

Disse-lhes em tom firme para fazerem menos barulho: 2 vezes.

Gritei desesperadamente para que as crianças não soltassem berros: 18 vezes.

Avisei as crianças para não atravessarem a rua: 16 vezes.

Vi as crianças a atravessar a rua: 32 vezes.

Os filhos perguntaram-me 10 vezes: «Quando é que a mamã vem para casa?»

Eu fiz a mim mesmo igual pergunta de 4 em 4 minutos.

Número de vezes que o Papá estará novamente em casa sozinho com os filhos:

Nem uma só vez!!!

Na ordem da natureza, muitas coisas não são susceptíveis de treino. A água, por exemplo, só pode assumir três formas diversas: vapor, gelo e líquido. Os cristais têm as suas formas, rigorosamente determinadas pelas leis da natureza. No mundo animal é duvidoso se as pulgas podem ser ensinadas; já não acontece assim com elefantes e cães. Ninguém diz a um leitão: «Que género de porco virás tu a ser?» Mas pôde perguntar-se a uma criança: Que espécie de homem virás a ser? As crianças, ou são treinadas por nós para um determinado fim e destino, ou são treinadas sem nossa interferência. Aos pais não é dada a alternativa de decidir ou não se o espírito

dos filhos ficará ocupado ou permanecerá vazio. Não pode permanecer vazio; alguma coisa há-de enchê-lo. Paixões, televisão, cinema, rua, rádio, livros humorísticos — tudo isto luta contra o perpétuo vácuo no espírito da criança.

Como os braços do polvo, também os braços da criança se estendem ou em busca de alimento ou de veneno. A grande tragédia hoje, é que, muitas vezes, os pais também não possuem ideal nem convicções para oferecerem como guia aos filhos. Dispõem de sextante mas não de estrela fixa, conhecem a técnica mas não a finalidade, possuem material mas não programas, meios, sem alvo à vista.

Quando Picasso nos dá só parte de uma face, membros distorcidos, divididos por um mundo entre duas fracções, encimados por uma figura geométrica, contemplamos a tragédia do nosso tempo — personalidades fraccionadas, sem nenhuma semelhança com a divina Imagem. Rudyard Kipling disse um dia: «Dêem-me os cinco primeiros anos da vida de uma criança; podeis guardar o resto». A Napoleão perguntaram um dia: «Quando deve começar a educação da criança?» Respondeu: «Na educação da mãe — vinte anos antes».

Para poder educar uma criança, é necessário que os pais se lembrem de três instintos básicos:

O instinto da eternidade.

O instinto do amor.

O instinto do Divino.

O *instinto da eternidade*. É difícil para uma criança conceber coisas diferentes do que são no

momento. É preciso conhecer certas experiências da vida para entender a mutabilidade. Como estão no começo da vida, são incapazes de compreender coisas como idade, morte e nascimento. No momento, são viajantes sem bagagem. Vivem no presente, que imaginam ser eterno. Eis o motivo por que a criança chora, quando a mãe sai de casa; pensa a criança que a mãe deixa a casa para sempre. Provavelmente, a tristeza nos olhos dos cães, ao verem partir o dono, deve ter a mesma origem. Conhecem mais imperfeitamente ainda a sucessão do tempo, mas vivem em estado de permanência, paredes meias com a eternidade.

Porque vivem no eterno, a sua imaginação é infinita.

As estacas, que amparam o feijão, sobem até ao céu; eles montam um pau de vassoura e imaginam cavalgar um soberbo animal, agarrados às crinas susurrantes de todos os ventos. O super-homem, o capitão da Meia-Noite e outros personagens, que voam de um a outro planeta, são reais e vivos no universo infinito da criança. Nadando à vontade no grande milagre da criação, só mais tarde os impressiona o carácter transitório, bem profundamente marcado em toda a criação.

Associado a este instinto do infinito e do eterno, existe o amor inato pela verdade. Nenhuma criança nasceu jamais céptica ou agnóstica. Não se vem a ser agnóstico ou céptico pelo pensamento, mas sim pela conduta, isto é, pela má conduta. Uma criança não pode compreender uma mentira. Tudo o que o pai diz é absolutamente verdadeiro. Pode até justificar a sua asserção, dizendo que está num livro, sem suspei-

tar que mentiras tanto podem ser ditas como impressas.

Suponhamos que os pais se esquecem completamente de educar a criança na verdade infinita e eterna, já conhecida pelo instinto. A criança começará então a viver num pequeno universo, e nada é tão pequeno como um universo materialista ou um mundo puramente humanístico, onde se debatem somente criaturas fracas, indecisas. Se a educação religiosa é abandonada à medida que a criança cresce, o mundo, em que vive, tornar-se-á cada vez mais pequeno, até que o seu pequeno ego será finalmente o único mundo que lhe resta, o pequeno ego em que vive enclausurado com o seu egoísmo e ignorância. Para lhe escapar, tem de ir a um psiquiatra.

Se a uma criança derem uma bola de borracha e lhe disserem que é a única bola que em toda a vida lhe será dada, não poderá gozar por inteiro o prazer de brincar; terá sempre medo de estragar a bola ou de que lha roubem.

Suponhamos que lhe diziam: «Um dia, dar-te-ão outra bola. Essa bola não pode estragar-se; dar-te-á constante prazer e nunca chegarás a enfadar-te com ela».

A reacção natural da criança será esta: deixará de se preocupar com a primeira bola, porque amanhã, na semana seguinte, talvez dentro de vinte, trinta, quarenta anos, outro universo será seu e conhecerá outro mundo, onde nunca deixará de haver alegria e felicidade. Ai dos pais que, por negligência, desviam as ânsias infinitas de um coração moço e, não lhes

dando educação religiosa, preparam os filhos só para
desastres, só para vidas destroçadas, incompletas!

E uma mulher, apertando o filho ao seio,

Pedi: Fala-nos das crianças.

E Ele disse:

Os vossos filhos não vos pertencem.

São os filhos e filhas

Da ânsia da verdadeira vida.

Vêm através de vós, mas não de vós.

Não vos pertencem.

Podeis dar-lhes o vosso amor,

Mas não os vossos pensamentos,

Porque eles têm os seus.

Podeis agasalhar-lhes os corpos,

Mas não as almas.

As suas almas vivem na mansão

Do amanhã, que, nem em sonhos,

Podeis visitar.

Podeis lutar para ser como eles;

Nunca tenteis porém que eles sejam como vós.

A vida não vai para trás, nem condescende

Com o dia de ontem.

Vós sois os arcos que despedis os filhos

Como dardos vivos.

O arqueiro avista o alvo

No infinito e força-vos com a Sua Omnipotência

Para que os Seus dardos possam voar, rápidos, para o
[além.]

*Deixai que a Mãe do Archeiro vos guie
Dentro da Alegria.*

*Assim como ela ama o dardo que voa
Assim ama também o arco firme (1)*

O *instinto do amor*. Toda a criança conta com amor e tem razão, pois em breve sente como o amor estava à sua espera, quando chegou ao mundo. O amor da mãe precedeu-o, pois o corpo dela era uma espécie de cibório vivo, em que ele era hóspede querido. O ar, alimento, amparo, sol e estrelas, tudo possuía, tudo lhe testemunhava amor; todos os recursos da terra vinham oferecer-se em redor do seu berço. O pai, antecipando que seria um rapaz, já comprara cigarros e um triciclo, talvez. O berço, o enxoval, os bonecos — tudo testemunhos de um amor que existia já antes dele. A criança vem até eles, mas não os cria. O amor é alguma coisa como a vida; não podemos improvisá-lo; só podemos comunicá-lo.

O fogo não pode ser obtido do carvão, a não ser que a centelha toque no carvão. Ora o amor vem de fora. Mais tarde, quando a criança se torna consciente, retém a sua capacidade de amor. Ao voltar dos jogos, a sua primeira pergunta é: «Onde está a mãe?» de maneira a poder ir contar-lhe o que lhe aconteceu. A mãe precisa de escutar todos os incidentes da sua vida. O pai tem de se identificar com os seus brinquedos, dores e alegrias. A criança então começa a ver que o olhar adquiriu visão, mas a luz já lá estava; o cérebro existe, mas rodeado por um mundo exterior; a vontade existe, mas amparada pela justiça; o intelecto existe, mas a verdade corrige-o.

(1) Do livro «*The Prophet*» por *Kahlil Gibran*.

Assim como as árvores na floresta se debatem, empurrando os ramos contra as outras árvores com o fim de descobrir a luz, assim a criança luta e abre caminho para se banhar no amor que a antecedeu.

Suponhamos agora que os pais falham e não dão amor. Um dos efeitos é que as crianças, ao crescer, podem odiar, porque são odiadas. Uma rapariguinha é arrelhiada pelo irmão mais velho. O irmão mais velho pode gostar da Australásia. Como nutre certa animosidade contra o irmão mais velho; desenvolve ternura pelos Americanos, não porque goste deles, mas porque não gosta do irmão mais velho.

Onde não existe ambiente de amor existe ódio. Crianças, cujos pais vivem em desacordo, podem vir um dia a odiar o casamento, a sociedade, as leis. Os pais, porém, que compreendem o significado do amor, dirão aos filhos: «O amor existia antes de vós terdes nascido. O amor estava à vossa espera. Agora, que já podeis compreender, desejamos dizer-vos que o nosso amor é unicamente um reflexo do amor de Deus. Nós somos espelhos, reflectindo o amor que recebemos. Como o nosso amor vos precedeu, assim o amor de Deus nos precedeu a nós: Deus foi o primeiro a amar-nos. Não queremos que descanseis debaixo dos raios do nosso amor; através destes raios desejamos ver-vos regressar à fonte do amor; não desejamos que vos contenteis meramente com as centelhas do amor humano que encontrais no lar da terra; ambicionamos que penseis na chama do Amor, que é Deus. Ireis mais tarde para um mundo, onde imperam a amargura, o ódio, a suspeita, o egoísmo e a ingratidão. Quando encontrardes gente pouco digna de amor, deveis pensar que todos eles

são amados por Deus. Se não tiverdes o amor de Deus a que vos ampareis, quando os outros vos retalharem e dilacerarem o coração, a vossa vida será triste, cheia de desilusões. Assim como vos cobriram todas as bênçãos nesta casa porque respiráveis a atmosfera do amor, assim recebereis muitas bênçãos na vida, se souberdes penetrar na área onde esplende o amor de Deus. Tal qual como ao enjeitado são recusadas muitas bênçãos, como alimento, roupa e abrigo, porque vive sem ambiente de ternura, assim a vossa vida não conhecerá grande ventura se decorrer privada desse amor que veio à terra e disse: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei».

O instinto do Divino. Cada criança atribui ao pai dois predicados: onipotência e onisciência. O pai pode fazer todas as coisas e conhece tudo. Para o filho o pai é Deus, a quem adora em segredo. É mais forte do que qualquer homem no mundo, e sabe mais do que todos os outros pais juntos. É diferente de todos os outros pais. O filho gosta da maneira como caminha, da forma como se veste, como fuma e como vem para casa depois do trabalho. Eis como o pai ocupa o lugar de Deus no lar e revela pela sua conduta a justiça de Deus, embora a criança o não entenda. Nesta identificação com o pai assentam a reverência, o orgulho e a glória do filho. «O pai e eu somos um». Neste sentido, o cristianismo do filho procura fazer todas as coisas que lhe possam agradar.

Para a criança, a mãe é a encarnação da gentileza, da doçura, do perdão, da compreensão viva. A mãe acha sempre desculpa para os erros dele, tempera a dureza da justiça paterna, descobre circunstâncias atenuantes que lhe evitam reprimendas dema-

siado severas. A mãe é o tribunal da equidade no lar. O pai é o cumprimento da lei. A mãe revela esse outro atributo da Divindade: a mercê, o amor, o perdão. Quando a mãe ameaça: «Vou dizer tudo ao teu pai», o filho, aproveitando a grande piedade, implora, pede-lhe para guardar segredo quanto aos seus erros.

Para todos os filhos, os pais são espelhos de perfeição: o pai é o mais forte, a mãe a mais bela das mulheres. De qualquer forma as duas imagens confundem-se, revelando a soberana justiça e a bondade infinita de Deus. O maior choque na juventude é perder as ilusões acerca dos pais. A criança entristece, desiludida quando o pai se zanga com a mãe, ou quando ouve praguejar o pai ou contar uma história suja ou vir para casa fora de horas. Há um sentido pessoal, de humilhação tremenda, quando o filho descobre que o pai é como qualquer outro pai, e a mãe como qualquer outra mulher. A queda do ídolo ameaça toda a essência do ser. Este desencantamento, depressão e vácuo hão-de acompanhá-lo por toda a vida, a não ser que os pais o fortaleçam com o verdadeiro significado do Divino, que têm por dever transmitir aos filhos. Neste caso, os pais podem dizer: «Nós somos a imagem imperfeita da justiça e da mercê divinas. Se conseguirdes entender a justiça de Deus, atravessareis a vida animados pelo sentimento da lei, da justiça, do dever e da honra; desde que tenhais compreendido o significado da mercê de Deus, então, no meio dos nossos desfalecimentos e pecados, não negareis as vossas culpas mas haveis de lançar-vos nos braços d'Aquele que morreu para salvar a vossa alma». Sem esta concepção da justiça e da mercê de Deus, a criança torna-se facilmente

agressiva e caprichosa. Dada esta maneira de sentir o amor pelos pais, há-de ganhar cada vez mais em profundidade, e estará preparada para vir a ser por sua vez um pai, consciente de como no seu lar representa Deus.

Não admira ter-nos prevenido Nosso Senhor de que só entraríamos no Reino do Céu com a condição de nos tornarmos como as criancinhas. Os atributos especiais das crianças, que Ele recomendou, são a humildade, o desprezo das coisas do mundo, a simplicidade, o desejo de aprender, antónimos directos da vaidade mundana e egoísta, da desconfiança e do orgulho. A criança é modelo, porque mergulha na Eternidade, no amor e no sentido do Divino. Se soubermos interpretar bem as afirmações do Salvador, Ele diz-nos que os velhos não entrarão no Reino dos Céus — velhos na acepção da vaidade illusória. Procurar-vos-ei entre as crianças, no Céu.

CAPÍTULO XVIII

O POVO RUSSO

Nosso Senhor ensina-nos a fazer a distinção entre o pecador e o pecado, e a amar o pecador, odiando o pecado. Devêmos pois distinguir entre a Rússia e o comunismo. A Rússia é um povo; o comunismo uma ideologia. O povo perdura com suas tradições e cultura; os ideologistas passam. O nazismo morreu, mas o povo alemão continua a viver.

Que Rússia e comunismo são duas coisas distintas, é evidente através das seguintes considerações: O povo russo conheceu mil anos de cristianismo e ainda não conhece quarenta anos de comunismo. A população da Rússia conta mais de duzentos milhões de habitantes, mas só seis milhões são membros do Partido comunista, isto é, cerca de três por cento da população.

Além disso o povo russo não pode ser condenado, por ter dado origem ao comunismo, porque o comunismo nasceu no mundo ocidental. O comunismo nasceu na Alemanha como ideologia e método. A filosofia do comunismo teve a sua origem na Anklärung (1), barata, ateísta e nacionalista, dos filósofos agnósticos e irracionais dos séculos dezoito e deza-

(1) «Eslarecimento» doutrina filosófica de Hegel.

nove, principalmente Hegel, Feuerbach e Marx. O próprio Lenine admitia que o método da guerra total, aplicado pelo comunismo ao mundo, fora aproveitado dos métodos do general prussiano von Clausewitz. Pelo facto de quatro milhões de soldados russos, durante a segunda guerra mundial, desertarem do exército russo para se refugiarem no ocidente, não deixaram de ser russos, escaparam porém às infiltrações comunistas. Ao povo russo de hoje, debaixo do jugo do comunismo, podemos aplicar um dos seus grandes provérbios: «Ama-me assim, negro como sou. Quando for branco toda a gente gostará de mim». Não podemos condenar a Rússia por ser ateísta. O ateísmo não é inerente ao povo russo. Um grande da literatura russa disse uma vez: «Um ateu não pode ser um russo. Um ateu deixa imediatamente de ser russo». Houve dois homens que exerceram na Rússia influência preponderante: Karl Marx e Fyodor Dostoiévski. Eram contemporâneos; morreram com dois anos de intervalo um do outro. Marx em 1883; Dostoiévski em 1881. Marx era alemão; Dostoiévski russo. Ambos eram descendentes de burgueses; o pai de Marx era um advogado; o pai de Dostoiévski era engenheiro. Ambos foram exilados; Marx saiu da Alemanha e refugiou-se na Bélgica, França e depois na Inglaterra; Dostoiévski foi deportado da Rússia para a Sibéria. Na sua juventude ambos foram influenciados por Hegel. Marx escreveu na Universidade de Iena a sua tese sobre Hegel. Ainda novo, Dostoiévski escrevia: «De Hegel depende todo o meu futuro». Quando Marx redigia o seu *Manifesto Comunista*, Dostoiévski compunha «O Pobre povo», obra dedicada igualmente às classes

inferiores, que tanto sofriam no dizer enfático do autor. Nesta obra dá a entender que um homem pode ser reduzido a tal servidão que deixe de pensar, ignorando até como é infeliz.

Ambos eram profetas dos acontecimentos futuros. Resta ainda saber se tinham razão, quanto à Rússia.

Marx — Marx foi guiado por três princípios. O seu primeiro princípio é que toda a história é determinada economicamente, dependendo como depende dos métodos da produção. Quando o método da produção se baseia na propriedade particular, sustentava Marx que se intensificava a luta entre os que possuem propriedades e os que as não possuem. A sociedade transforma-se então em campo de batalha entre exploradores e explorados. A tensão entre os dois grupos explode e dá-se a revolução, sendo inevitável o comunismo.

Defendia Marx que, sendo a revolução precedida por tensão entre as duas classes, surgiria no país mais altamente desenvolvido sob o ponto de vista industrial.

O factor histórico é que a revolução comunista deflagrou no país menos desenvolvido industrialmente, a Rússia. Aqui, a origem do comunismo não se encontra na tensão entre capital e trabalho, mas sim no facto de os Russos serem extremistas, contando que as suas aspirações de sacrifício, utopia e fraternidade estavam todas concentradas na filosofia que os enganou. A América, o país mais industrializado do mundo, é o que está mais longe de uma revolução comunista. Marx enganava-se a respeito da Rússia.

O segundo princípio de Marx diz respeito ao estado: Arguindo que no comunismo reinaria tal abundância, que a sociedade quase dispensava o controle político, chegou ao extremo de dizer na «Ideologia Germânica»: «Na sociedade comunista, onde ninguém trabalha numa esfera exclusiva de actividade, cada um pode aperfeiçoar-se no ramo que lhe agradar; a sociedade regulará a produção geral, e será pois possível ao indivíduo fazer hoje uma coisa e amanhã outra, andar à caça de amanhã, pescar à tarde, cuidar do gado ao anoitecer e exercer crítica depois do jantar, se o desejar, sem se transformar em caçador, pescador, pastor ou crítico». Com este sistema de abundância, na linguagem de Marx, «o estado acabaria por morrer».

A realidade dos factos mostra-nos que na Rússia nenhum russo é livre para andar à caça de manhã, pescar à tarde, e guardar o gado ao anoitecer. Nem sequer tem a liberdade de exercer a crítica depois de jantar. Assiste-lhe só a liberdade de ser criticado. Quanto ao estado, em vez de desfalecer, o comunismo forneceu-lhe meios para vir a ser um dos estados mais absolutamente totalitários que o mundo jamais viu. Marx enganava-se de novo quanto à Rússia. O terceiro princípio de Marx contende com a religião. De acordo com Marx, a religião é uma superestrutura, baseada nos métodos capitalistas da produção. A religião é utilizada pelo capital para prometer a abundância no céu aos trabalhadores e também para defender a propriedade com leis semelhantes a esta: «Não roubarás». No comunismo, segundo Marx, toda a gente é feliz com a produção socializada; não é preciso prometer aos trabalhadores o céu. Tornando-se

pois desnecessária, a religião desaparecerá completamente no regime comunista.

A realidade dos factos é que a Rússia tem utilizado métodos socialistas de produção, acerca de quarenta anos, e a religião desde 1917 é hoje mais forte do que nunca. Há maior percentagem de povo russo frequentando as Igrejas ortodoxas de Moscovo, do que há de membros do partido comunista na capital... Ainda uma vez, Marx enganava-se.

Dostoievski — Também Dostoievski dispunha de três princípios que aplicava à Rússia. O primeiro era que a história não era determinada económica, mas teologicamente. O que acontece a qualquer nação não depende dos seus métodos de produção, mas da sua atitude para com Deus. Não fornecia argumentos para provar como a alienação de Deus produziria o caos. Mostrava porém nos seus romances personagens deste carácter, empenhados na luta. O princípio latente na obra literária de Dostoievski é este: os que desistem de acreditar em Deus deixam também de acreditar no homem. Matai Deus e matareis o homem, destruindo o valor humano. Se não existe fraternidade em Cristo, existirá a camaradagem com o Anticristo. Logo que uma nação perde os fundamentos da lei moral, é invadida pelo caos. «Se não há Deus, todas as coisas são permitidas».

Vendo a Europa a perder a fé, quarenta anos antes da primeira guerra mundial, disse que a Europa se encontrava sobre um precipício de catástrofe moral e político, um colapso «geral e terrível, sem excepção alguma». Este formigueiro sem cristianismo já está minado. As classes inferiores erguem-se e hão-de despedaçar todas as portas. Já não existe

uma ideia universal. Tudo é inconsciência, loucura e fraqueza. Todos nós estamos vazios. Antecipando as ditaduras, profetizou depois que viria um ditador, que reduziria a farrapos a ordem moral e espiritual. Freud aproximou-se da realidade no começo de um dos seus tratados sobre psicologia com o seu moto: «Se não puder colocar os deuses lá no alto, revolucionarei todo o inferno». Dostoievski previu precisamente o que um ditador viria a fazer. Olhando para o futuro, disse: «Não ficaria surpreso se no futuro viesse a surgir um homem de face vulgar, ou antes, face cínica e trocista que, de mãos na cinta, discursasse insolentemente aos companheiros: «Vamos lá, meus amigos, reduzamos a ordem a farrapos, mandemos os logaritmos ao diabo, vivamos de acordo com a nossa própria vontade».

E o mais aborrecido é que conquistaria imediatamente inúmeros adeptos — os homens são assim constituídos.

Marx enganava-se acerca da Rússia; Dostoievski via certo. O segundo princípio de Dostoievski era este: «liberdade ilimitada conduz à tirania sem limites». Há mais de oitenta anos profetizou que a liberdade sem freio, às ordens do mundo ocidental, seria substituída pelo despotismo numa futura sociedade sintética, onde um décimo da humanidade imperaria sobre nove décimos. A história da Revolução Francesa provou como a liberdade sem limites conduzia à tirania sem limites. Dostoievski compreendeu que, quando qualquer pessoa faz a sua vontade, produz-se o caos; ora, para curar este caos existe uma organização coerciva que se chama socialismo.

Previu o dia em que as criaturas venderiam a

liberdade em troca de segurança: «Sabes que o tempo passará e a humanidade virá a proclamar pela boca dos seus sábios, que não existe o crime, não existe o pecado, não existe a fome. Por fim, deporão a liberdade aos nossos pés e dir-nos-ão: «Fazei de nós escravos, mas dai-nos de comer». E haveremos de os persuadir que só serão livres quando vierem entregar-nos a liberdade na mais absoluta submissão».

Prevê também como o descanso passará a ser organizado no estado socialista. «Nas horas de ócio, transformar-lhes-emos as vidas em jogos infantis com canções de crianças e danças inocentes. Permitir-lhes-emos que pequem e eles hão-de amar-nos como filhos, porque consentimos que pequem. Haveremos de lhes permitir ou proibir que vivam com as mulheres ou com as amantes, que tenham ou não tenham filhos — conforme tenham sido obedientes ou desobedientes, e eles hão-de submeter-se-nos, alegres, radiantes».

Dostoievski continua a descrever a sociedade do comunismo às ordens de um ditador a quem chama Shigalov, que muito bem poderá ter sido Estaline. Ao lermos a seguinte descrição, quase poderíamos acreditar terem sido escritas estas linhas no actual regime comunista da Rússia:

«Shigalov sugere um sistema de espionagem, em que cada membro da sociedade espia os outros, tendo por obrigação denunciá-los. Cada um pertence ao todo e o todo é de cada um. Todos são escravos, iguais dentro da escravidão. Os grandes intelectuais não podem deixar de ser déspotas, e sempre causarão mais danos do que bens. Serão banidos ou condenados à morte. A Cícero cortar-lhe-iam a lín-

gua; a Copérnico arrancar-lhe-iam os olhos; Shakespeare seria morto à pedrada — isto é o mundo de Shigalov. Os escravos têm de viver em regime de igualdade. Nunca existiu liberdade ou igualdade sem despotismo; no rebanho porém é forçoso que todos sejam iguais — de acordo com as leis de Shigalov».

Passando agora à descrição de igualdade no comunismo, Dostoievski descreve assim a filosofia do ditador:

«Eu voto por Shigalov. Abaixo a cultura... A única coisa de que o mundo carece é disciplina. A sede de cultura é uma sede aristocrática. No momento em que o homem tem família ou ama alguém, logo acorda nele o desejo de propriedade. Destruiremos o desejo de laços familiares; lançaremos mão do álcool, da calúnia, da espionagem. Faremos uso da corrupção indizível; abafaremos o génio logo ao nascer. Reduziremos tudo a um denominador comum: igualdade absoluta!

...Só o indispensável é necessário, seja este o moto de modo o mundo, de hoje em diante. Carece, porém, de um choque. Seremos nós, os ditadores, que trataremos de lho dar. Os escravos têm de ter ditadores. Submissão absoluta, perda completa de individualidade, mas, de trinta em trinta anos, Shigalov organizará um choque, senão começariam a comer-se uns aos outros só por precaução contra o aborrecimento. O aborrecimento é uma sensação aristocrática. Os súbditos de Shigalov não podem ter desejo algum. Desejo e sofrimento são o destino humano — esta doutrina só serve para escravos».

Dostoievski fala daqueles que hoje conhecemos com o nome de nómadas: os que perdem o amor da

pátria, o amor de Deus e o amor da moralidade não obedecem nem à justiça nem à lei, nem ao dever nem à moralidade. Esses servem os interesses dos comunistas:

«Primeiramente, organizaremos um levantamento... Penetraremos no mundo dos camponeses. Sabem que já somos tremendamente poderosos? Ao nosso partido não pertencem somente os que cometem assassinatos e incendeiam a propriedade alheia, disparam pistolas pela forma tradicional ou mordem nos coronéis... Esses só nos prejudicam. Eu não aceito os indisciplinados. É claro que são patifes... Observei-os a todos: um é um professor que mofa de Deus com as crianças e, quando nascem, já ele colabora conosco. Também é um dos nossos um advogado, que defende um assassino culto, porque tem mais conhecimentos do que as vítimas e não pode deixar de matar para obter dinheiro. Pertencem-nos os rapazes da escola, que assassinam um camponês só pela sensação do crime. São nossos o juízes que absolvem todos os criminosos. É nosso o querelante que treme num julgamento, com medo de não parecer bastante moderno. Entre oficiais e literatos temos muitos adeptos, sem eles o saberem».

Referindo-se à maneira como o comunismo alastraria sobre a terra e destruiria toda a paz, Dostoievski continua: «Precisamos contudo ainda de uma ou duas gerações de viciosos; é necessário aquele vício monstruoso, abjecto, pelo qual o homem se transforma em réptil nojento, cruel e egoísta. Eis do que nós precisamos! Faz-nos também falta «um pouco de sangue humano», para nos habituarmos a vê-lo correr... Proclamaremos a destruição. Porque

será que esta ideia nos fascina tão profundamente! Mas temos de fazer um pouco de exercício. Temos de pôr em movimento vários fogos. Temos de fazer circular legendas. Utilizaremos todos os «grupos ignóbeis». Nestes bandos escolherei homens tão audazes que não recuem diante duma espingarda; ficarão ainda gratos pela honra do officio que lhes dermos. Trataremos assim do grande levantamento. Vai haver tamanha revolução como o mundo nunca viu. A Rússia ficará envolta em trevas; a terra chorará pelos seus Deuses perdidos».

De novo, quanto ao que diz respeito à Rússia, Marx enganava-se e Dostoievski tinha razão.

O terceiro princípio de Dostoievski relaciona-se com o futuro da Rússia. Compartilhava com outros grandes escritores do seu tempo a convicção fundamental de que a Rússia seria chamada a remir a Europa do egoísmo e cepticismo; seria pois chamada a salvar o mundo. Escrevendo em 1881, falava da «sede nunca estancada, sempre presente no povo russo da grande unidade fraterna universal, em nome de Cristo. O povo russo ostenta a imagem de Cristo, e só a Ele ama».

Em 1871, anunciava que a Rússia, durante algum tempo seria como o Anticristo e que todos os demónios nela andariam à solta. Depois, pegando no Evangelho de S. Lucas, lê a passagem em que Nosso Senhor expulsa os demónios do corpo de um possesso, e os porcos correram para o mar e lá se afogaram. Aqui, Dostoievski encontra paralelismo com o povo russo e escreve em 1874:

«Como vêem, é exactamente o que acontece com a nossa Rússia; estes diabos que saem do homem

possesso e entram nos porcos, são todas as podridões, todos os loucos contágios, todas as impurezas, todos os diabos grandes e pequenos que, no decurso de anos e anos, se foram multiplicando na grande doente, a nossa amada Rússia. *Oui, cette Russie que j'aimais toujours.* Uma grande ideia, porém, uma vontade forte hão-de vir lá de cima como aconteceu ao lunático, possesso dos demónios, e todos os demónios irão abrigar-se nos porcos; pode até ser que já tivessem entrado neles, e hão-de atirar-se raivosos, danados, do alto das rochas ao mar profundo e afogar-se-ão e será bem para eles. A doente, essa, porém, prostrar-se-á aos pés de Jesus e olhará para o divino Salvador, cheia de pasmo».

CAPÍTULO XIX

CURA DO EGOISMO

A característica da criança é a ausência de qualquer intervalo entre o desejo e a sua satisfação. Logo que uma necessidade, um ímpeto se apoderam do espírito da criança, logo ela procura satisfação imediata. Esta é uma das razões por que as crianças choram com tanta facilidade. Quando essa característica se mantém na vida do adulto — muitas vezes assim sucede — podemos realmente chamar-lhe infantilidade. Observa-se isto, sobretudo em adultos que, quando sentem a necessidade de fumar um cigarro, ficam infelizes até satisfazerem o seu desejo. Quantas pessoas haverá no mundo, capazes de negarem a si próprias a satisfação de fumar um cigarro, só como prova de autodomínio, ou porque desejam oferecer o mérito do sacrifício pelo amor de Deus e pelos pecadores do mundo?

Todo o ser humano é propenso ao egoísmo. Oscar Wilde disse uma vez: «O amor por nós próprios é o começo de um romance que dura a vida inteira». O egoísmo pode manifestar-se na jactância, na vã vaidade em procurar o melhor lugar à mesa, em aborrecer os outros — porque um massador já

foi descrito como o homem que nos priva da solidão, sem jamais servir de companhia. Nunca se viu pessoa alguma que monopolizasse a conversa, sem correr o risco de a tornar monótona. Uma rapariguita, numa festa, ao ver outra convidada mesmo na sua frente pegando numa fatia de bolo, exclamou: «Que gulosa tu és; pegaste na fatia maior! Era a que eu queria para mim».

Quando os excessos começam a manifestar-se, pouca gente há capaz de tomar a resolução de contrariar os seus desejos; todavia a resolução é a única coisa mais forte ao nascer do que em qualquer outra altura. As resoluções morrem novas, como acontece aos bons. O egoísmo manifesta-se por meio do orgulho, ambição, luxúria, gulodice, inveja e preguiça. A ideia básica desta filosofia é que devemos satisfazer todas as nossas vontades a todo o momento, e, já que este mundo é a única coisa que possuímos, devemos extrair dele quantos prazeres nos for possível obter.

Devemos lembrar-nos que existe outra filosofia ao lado do egoísmo. Esta outra filosofia pode resumir-se toda no princípio: primeiro o jejum, depois a festa. A filosofia do egoísmo dá a primazia à festa, e deixa para o dia seguinte as renúncias e os lamentos. A filosofia do autodomínio crê no autodomínio, isto é, crê que cada um pode e deve ser capitão e senhor do próprio destino, se tiver vontade firme. A filosofia do egoísmo significa que só os outros devem ser mandados. Formas externas de escravidão, tais como maus hábitos, propensão excessiva para as bebidas, acabam por fazer prisioneiro o eu, pois não existe unidade interna para opor ao exército

invasor. Logo que a tentação se apresenta, a personalidade sucumbe.

A melhor definição da filosofia da autodisciplina e do autodomínio é-nos dada por Nosso Senhor, a quando duma visita feita pelos Gregos. Os Gregos não se dedicavam à filosofia do prazer como acontece com a nossa civilização ocidental; em todo o caso não podiam compreender sacrificio ou amor, capazes de sofrimento em busca de um lucro maior, todo espiritual; o seu sistema desconhecia os dois extremos. Aproximaram-se primeiramente de Filipe, talvez por este vir de uma cidade que havia sido influenciada pela civilização grega, talvez também porque o seu nome era grego. Diziam os Gregos qual o seu desejo de ver Nosso Senhor. Por sua vez, Filipe comunicou este desejo a André, detentor também de um nome grego. Houve então uma conferência entre os dois Apóstolos com nomes gregos. Não sabemos qual o motivo por que os Gregos ousaram pretender ver Nosso Senhor. Pode ser porque Ele dissera que o templo seria casa de oração «para todas as nações». Resolução tão revolucionária deve ter agitado os Gregos, que escutaram um dia estas palavras de Alexandre: «Deus é pai comum de todas as nações». Não sabemos precisamente por que motivo queriam encontrar-se com Nosso Senhor, mas é-nos lícito supor que vinham solicitar a resposta que Ele lhes deu.

Provavelmente, disseram-Lhe que anteviam para Ele cólera, crescendo cada vez mais, ira e decerto a morte à Sua espera. Pode ser que Lhe dissessem: «Se ficardes aqui, morrereis e a vossa vida como Mestre em breve terminará». Vinde para a nossa grande cidade de Atenas, a cidade dos homens sábios. Só

uma vez matámos um dos nossos mestres, Sócrates, e nunca mais deixámos de lamentar essa morte. Se vierdes connosco é bem natural que organizareis um estado como o de Sólon ou abrireis uma escola de Peripatéticos, como fez Platão, tão grande é a vossa ciência, ou então podereis fazer reviver e criar dramas à moda de Ésquilo. Todos os conhecimentos, toda a filosofia, tudo o que é intelectualidade no mundo veio de nós. Vinde connosco. Sentai-vos no Aerópago e viveremos a ouvir-vos».

Eis decerto o teor das palavras dos Gregos, pois Nosso Senhor respondeu-lhes assim: «Para o Filho do Homem chegou o momento de concluir a obra da sua glória. Acreditai-me, quando vos digo: um grão de trigo tem de se sepultar na terra e morrer, ou nunca será mais do que um grão de trigo; mas, se morrer, dará rico fruto. Aquele que ama a sua vida perdê-la-á, aquele que desprezar a própria vida neste mundo salvá-la-á, e viverá eternamente». Nosso Senhor disse aos Gregos: «Vós não desejais que eu permaneça aqui; quereis que salve a vida. E eu digo-vos que há duas coisas que podeis fazer a uma semente. Podeis comê-la ou podeis semeá-la. Se a comerdes, dar-vos-á um prazer momentâneo. Se a semeardes, sofre, é crucificada, é enterrada na terra; mas multiplica-se e ressurge numa vida nova. Deixai que vos diga que me considero a semente. Não vim ao mundo para viver; vim para morrer. A morte para o vosso Sócrates foi um obstáculo; interrompeu os seus ensinamentos. Para mim, porém, a morte é o alvo da minha vida; é o alvo que procuro. Sou o Único que jamais viveu a vida de trás para diante. Vim para morrer como a semente; assim como vós

admirais o homem que dá a vida voluntariamente para salvar um outro homem de morrer afogado, também eu vim para morrer, de maneira a poder salvar a humanidade. Eu não sou um homem como os outros; sou Deus e homem. Não sou um Mestre. É por isso que me convidais para que eu vá a Atenas ensinar. Mas eu sou essencialmente o Salvador, o Redentor. É possível que tenhais escutado o Sermão da Montanha e agora desejásseis ouvir pregar em Atenas esta sabedoria. Não sabeis que existe íntimo e absoluto parentesco entre a montanha das Bem-aventuranças e o Monte do Calvário?»

«Que venha alguém a um mundo freudiano e diga: «Bem-aventurados os limpos de coração», e será crucificado. Que venha alguém ao mundo atômico e diga: «Bem-aventurados os mansos», e trespassar-lhe-ão mãos e pés com cravos agudos. Que venha alguém ao mundo endoidecido à busca do prazer, e diga: «Bem-aventurados os que sofrem perseguições», e coroa-lo-ão de espinhos. Não vos vanglorieis que me pouparíeis a vida se eu fosse para Atenas; dentro de um ano, a minha sentença de morte estará escrita em grego sobre a minha cruz. A morte não será porém a morte. Ninguém pode tirar-me a vida. Sou eu que me despojo da vida. Enquanto viver, a minha existência é semente por plantar, valiosa em mim, mas quando, como semente for plantado no terreno do Calvário, então desenvolver-me-ei em novas vidas, em aumento sempre constante. Este aumento não virá a despeito, mas sim em virtude da minha morte, que será seguida pela Ressurreição. Esta é a minha glória».

Razão da lei do sacrificio. Nem todas as tendên-

cias dentro de nós são boas, de forma a poderem levar-nos a excessos. As três tendências básicas dentro de nós dizem respeito ao espírito, ao corpo e às coisas. O instinto que pede aumento de conhecimentos pode transformar-se em orgulho e a liberdade em licença. O instinto da carne e da propagação pode transformar-se em sensualidade invulgar. O instinto, ávido de posse, pode vir a ser avareza e exagero de gula. Se deixarmos à solta estes ímpetos, sem disciplina, serão como o potro por treinar ou cão que não foi habituado à casa.

Há ainda outra razão para disciplina: é que existe em nós uma dupla lei de gravidade: uma, a lei espiritual impele-nos para Deus, nosso Criador; a outra, resultado da herança do pecado, é a lei que nos empurra para baixo, para a Matéria. Todas as pessoas se transformam, de acordo com o que amam. Se a criatura ama o espírito, espiritualiza-se. Se ama a carne, materializa-se. As duas leis da gravitação podem ser comparadas a uma encosta. Se o homem sobe por meio do seu esforço e autodomínio, obedece à primeira lei. A segunda é o precipício, onde se cai fatalmente sem energias defensivas.

No egoísmo, o ego é centro de tensão, preocupação e satisfação, enquanto que aos outros se oferece a circunferência. De forma a podermos desenraizar o eu, e colocá-lo na circunferência, de forma a levarmos uma vida consagrada toda ao sacrifício, os outros têm de ser localizados no centro. Para isto, porém, é necessário domesticar os impulsos errantes, matar em nós toda a tendência para o que é baixo, por vezes disciplinar até as mais legítimas satisfações. A vida pode então atingir um ponto em que,

em vez de serem os outros o centro, é Deus que começa a sê-lo. Nesta altura, o ser humano começa a ser utilizado pelo Omnipotente como instrumento Seu. Assim como um lápis escreve seja o que for que a pessoa dita, assim a pessoa inteiramente consagrada a Deus é instrumento do poder divino. Se o lápis se voltasse contra a mão que o segura, a sua eficácia correria perigo. As obras máximas na terra são executadas por aqueles que totalmente se entregam à vontade de Deus, em sacrifício absoluto, de forma que nos seus pensamentos, palavras e acções só o poder divino se manifesta.

O desejo de erguer-se a alguma coisa de superior acaba por dar a morte a tudo que é inferior. Se as cordas de um violino pudessem ser conscientes, no momento em que o violinista as repuxa, gritariam de dor e agonia em protesto vibrante. Então o violinista teria de lhes assegurar que só submetendo-as a esta disciplina momentânea poderiam executar as mais belas melodias escondidas dentro delas. Se a um bloco de mármore fosse concedida consciência, gritaria de angústia ao ver aproximar-se o escultor com martelo e cinzel. Escondida dentro de cada bloco de mármore existe uma imagem, mas, precisamente como é impossível fazer surgir essa imagem sem retalhar, matar e sacrificar, assim é impossível ver aparecer a Divina Imagem, oculta em cada um de nós, sem ser à custa de cortes e mortificações. Tal como uma árvore dá melhor fruto depois de podada, assim a criatura produz mais e melhor se nela vier esculpir-se a cruz. O solo no outono e no inverno fica coberto de folhas podres, hastes e raízes, mas tudo isto produz o que é conhecido como húmus, ou antes

matéria que vivifica a terra. Graças a esta morte, salpicando o chão, novas folhas, novas raízes, novas hastes surgem, cada vez em maior abundância. Como Francisco Thompson disse:

*«Nada começa e nada acaba
Sem seu preço de sofrimento.
Todos nós nascemos da dor alheia,
E morremos na angústia só nossa».*

Pode bem ser que o comunismo seja a morte ou o adubo ou a fecundação neste inverno de tristeza, de forma a poder surgir a primavera de uma civilização melhor. Muita gente vive abaixo do normal; se soubessem, se fossem assaz fortes para viver segundo a lei do sacrifício, começariam a exercer um autodomínio e, tornando-se senhores, capitães do próprio destino, achariam aquela paz que ultrapassa todo o entendimento. A lei do carácter exige que, se não tivermos uma Sexta-Feira Santa nas nossas vidas, nunca celebraremos o Domingo de Páscoa; sem a coroa de espinhos não pode haver halo de luz; sem corpo mortificado, não haverá corpo glorioso.

A tragédia do nosso tempo é o divórcio, visível em todas as suas obras e pompas. O maior divórcio é o que existe entre Cristo e a Cruz. O mundo ocidental divorciou Cristo da Cruz, e o comunismo pegou na cruz. Tem agora a cruz sem o Cristo.

Porque o cristianismo ocidental aceitou Cristo sem a cruz, pôs em equação o cristianismo com a doçura.

Não deseja ver as mãos trespassadas de chagas, pregando o sacrifício; só quer ver as mãos lírias,

cor de neve, de um Mestre. Como Bernard Shaw disse um dia: «A cruz vista ao crepúsculo, barra o caminho». Shaw tinha razão: Barra o caminho. Veda o caminho à guerra, ao egoísmo e à crueldade. O nosso cristianismo ocidental deseja um sofá, e não uma cruz; um soporífico, não um desafio; enfim, deseja um cristianismo sem lágrimas. Trata-se pois de uma religião que não acorda oposição, porque não pode sentir-se hostilidade contra uma actínea ou contra uma cobertura de penas. Tão diluído anda este cristianismo, que é fácil fazer um pouco de Freud, um pouco de filosofia, salpicando a boa camaradagem com o sal do espírito de Kiwanis ⁽¹⁾. Um Cristo sem a cruz é cristianismo sem sacrifício e sem autodisciplina; é romantismo, sentimentalismo, uma mão-cheia de sensaborias com fraca resistência para o mal, absolutamente desprovidas daquela indignação moral, que pega no azorrague e expulsa compradores e vendedores dos templos. Não admira que na torrente de uma falsa amplitude de visão, o mundo ocidental tenha identificado Cristo com Budá, pois Budá também não conhecia a cruz.

Quando o cristianismo ocidental divorciou Cristo da cruz, o comunismo recolheu a cruz, mas rejeitou o Cristo. A cruz sem Cristo não passa de um sinal de contradição, um perfeito símbolo da filosofia da dialéctica, própria para a luta de classes, tese e antítese, guerra e discórdia.

(1) Associação internacional de clubes de homens de negócio, organizada em Detroit em 1915 com o fim de difundir os princípios de honestidade comercial, boa camaradagem, etc. (N. T.).

Os nazistas tinham já negado a cruz e construíram uma cruz dupla. Apoderando-se da cruz sem Cristo, os comunistas já não podem pregar o sacrifício, porque o sacrifício é impossível sem amor. Possuindo só ódio nos corações, a cruz transforma-se em violência; a violência toma a forma de perseguição, exílio, Sibéria, amolecimento de cérebros, assassinato, subterrâneos do Kremlin, armadilhas da Polícia Secreta, guerra e quintas-colunas. Em todo o caso instalaram no mundo, por eles conquistado, a renúncia, não em nome do amor mas por causa de um estado totalitário. Um dia, um capitão chinês disse a um missionário prisioneiro, que lhe lembrava que ele não tinha comido ainda e eram cinco horas: «Não quero comer o arroz do povo, até ter feito o trabalho do povo». Há alguma coisa de admirável nesta entrega tão abnegada a uma causa, mas que termina na frustração: a cruz sem Cristo não passa de uma barra vertical — a vida — cortada pela barra horizontal — a morte.

De um ponto de vista religioso, não se pode admitir nem o cristianismo sentimental ocidental nem o comunismo. O problema é este: encontrará Cristo a Sua cruz ou encontrará a cruz o Cristo? Logo que o mundo renuncia ao sacrifício da imolação e da disciplina, descobre que sacrifício e imolação voltam de novo debaixo de outro nome, isto é, voltam por meio da violência e do ódio dos comunistas. Se o nosso mundo ocidental recuperasse a autodisciplina no lar, ou seja a integridade na vida da família, na educação e na vida pessoal, prepararia a paz, que só pode ser alcançada por meio da guerra. A paz não é alguma coisa que nos seja dada; a paz é alguma coisa que

nós fabricamos. Bem-aventurados os pacíficos. A paz é o produto da guerra — guerra não contra os outros, mas contra o pecado, o egoísmo e o egotismo; o salário da guerra é a cruz, não a que luta cá fora como a espada de S. Pedro, que corta as orelhas dos outros, mas uma espada virada para dentro, para cortar o egoísmo que destrói a fraternidade humana com um único Pai e a Redenção por meio de Seu divino Filho. Deus odeia a paz naqueles que destinou para a guerra, e nós todos estamos destinados à guerra contra tudo o que é vil e podre em nós mesmos.

CAPÍTULO XX

PAIXÕES HUMANAS

Nos tempos antigos laborava-se em dois erros, relativamente a paixões: um, o dos estóicos, consistia em crer que toda a paixão era má; o outro, o dos epicuristas, consistia em acreditarem que as paixões eram a única coisa de bom no homem, por isso deviam ser sempre satisfeitas.

Estes erros foram-se repetindo nos tempos modernos.

Estóicos modernos são os que acreditam que não devemos evidenciar emoção ou entusiasmo por coisa alguma. Uma paixão é qualquer de que devemos envergonhar-nos, como de uma sogra pobre, depois do contrato nupcial se ter desfeito. Se alguma paixão pudesse ser permitida, então só a feita de ira e dor. Foi assim que a geração vitoriana viveu — como se todos fossem crianças, empenhadas em suprimir as explosões de riso.

Modernos epicuristas são os que acreditam ser a paixão o que há de melhor e mais alto no homem, tendo direito à mais ampla satisfação. Alegam que o motivo por que o homem é nevrótico ou leva uma vida infeliz, ou falha nos negócios, ou não consegue vencer no jogo do golfe ou no base-ball é porque nunca

soube firmar a sua personalidade, nem satisfazer as suas paixões. Este grupo acredita que um dos motivos por que a geração passada se viu envolvida em problemas sociais, foi porque as paixões sexuais tinham de ser reprimidas; defendem a tese de que, expostos à luz, terminariam todos os problemas do sexo. Na realidade, na nossa geração ventilamos os problemas sexuais tantas vezes quantos são os buracos do queijo suíço, mas não podemos acabar com o divórcio, delinquência juvenil ou problemas do sexo.

Para que se possa compreender claramente a matéria das paixões, é necessário esclarecer imediatamente que a paixão sexual não é a única que o homem conhece. Aquilo a que modernamente se chama «sexo» é em geral amor, e amor é só uma das onze paixões.

As onze paixões são: amor e ódio, alegria e dor, medo e audácia, desejo e aversão, e finalmente ira. Não há tratado na moderna psicologia sobre a matéria da paixão, que possa ser comparado ao que escreveu S. Tomás d'Aquino no século treze, e que se encontra na *Summa Theológica* 1-2, 24 Art. I et seq.

São erróneos pois os dois pontos de vista. Nem por um lado devem ser repelidas as paixões como indignas do homem, nem por outro lado devem ser colocadas sobre um trono. A verdade está no terceiro ponto de vista: devem ser aceites como parte integral da criatura. O homem é composto de corpo e alma, matéria e espírito, sentidos e razão. Admitindo que o homem tem corpo, tem paixões e emoções como um animal. Admitindo que tem alma, tem aspirações infinitas, e estas paixões manifestam-se na criatura por forma diferente da que se manifestam no animal.

A razão por que as paixões são diversas no homem e no animal, é que tudo muda de natureza quando em composição diferente. Por exemplo: encontram-se na água hidrogénio e oxigénio; também se encontram no ácido sulfúrico, mas na água actuam diferentemente da forma como actuam no ácido sulfúrico. As cores na paleta do pintor não são iguais às cores num retrato, porque aqui as cores misturam-se para produzir um único efeito. O sexo não é o mesmo num homem e num porco. No homem, o sexo está ligado à alma, ao intelecto e à vontade, dotados de aspirações infinitas. Por isso na criatura pode manter-se a insatisfação, embora a paixão tenha encontrado plena satisfação. Anseios de natureza finita não alcançam o Amor infinito, a que o homem aspira. Eis uma das razões por que os animais com vida sexual promiscua não precisam nunca de ir a um animal psiquiatra — mas o homem promiscuo precisa de procurar médico.

Além disso, as paixões no animal são automáticas. Dado o estímulo, surge a resposta; no homem não são automáticas, mas sujeitas a controle, tal qual como o som de um aparelho de televisão pode ser controlado pela vontade do homem. A um animal entra-lhe qualquer coisa num olho e o olho chora, quando a matéria estranha é extraída. Mas há esta diferença: um homem, se quiser, pode introduzir o dedo num dos olhos; um animal nunca poderia introduzir a pata deliberadamente num olho. Não existe o conhecimento consciente por detrás do instinto ou paixão de um animal. A emoção no animal lembra o projectil guiado — a inteligência vem de fora, isto é, de Deus, que lhe concedeu os instintos. No homem,

pelo contrário, existem conhecimento e desejo, associados à emoção. As suas emoções podem pois ser comparadas a um piloto dentro de um aeroplano. O conhecimento não é resultante das emoções, tal qual como ouvir não pertence aos olhos. A emoção porém não opera nem funciona, a não ser que o conhecimento se apresente.

Toda a emoção ou paixão humana é precedida por algum conhecimento, desejo ou objectivo. Ideias são motores, no sentido de porem a funcionar as emoções. O objecto que desperta a emoção pode ser mental ou físico, imaginário ou real, passado, presente ou futuro. Tomemos, por exemplo, a emoção da ira. Uma manhã, um marido ia sair para o trabalho e a mulher disse-lhe: «João, desejo que vás à cozinha e dês uma reprimenda à Hilda». O marido respondeu: «Como! Pensei que estavas muito contente com ela». A mulher retorquiu: «E estou, mas hoje é o dia de bater os tapetes, e ela limpa-os muito melhor quando está zangada».

Nenhuma rapariga começa a fazer o bragal, sem alimentar no espírito uma ideia da espécie de homem com quem gostaria de se casar. A emoção da esperança pode volver-se em emoção de desespero, quando o bragal prova ter-se tornado inútil.

Ninguém pode sentir a emoção da dor ou mágoa, sem o conhecimento de um dano, desgraça ou morte que acabam de ferir um parente ou amigo. As lágrimas correm do conhecimento da dor, mas não são as lágrimas que provocam o conhecimento do dano sofrido ou da morte.

Muitas vezes surge a emoção do desespero ou do medo, quando um membro da família não chega a

casa à hora marcada. A esposa pode pensar que o marido se demora, retido por outra mulher, ou que tenha caído por qualquer alcapão, ou como muitas vezes acontece nas óperas baratas, que sofra de amnésia e tenha esquecido a sua identidade. Há considerável diferença entre as reacções emotivas de um marido e de uma esposa, quando um ou outro chegam fora de horas. Se a mulher chega atrasada e o marido lhe diz quanto se afligiu, a mulher sente-se lisonjeada. Se o marido chega tarde a casa e a mulher lhe confessa a sua preocupação, o marido fica furioso. Quando o filho não aparece, a mãe invariavelmente sente uma emoção não só de pavor, mas também de ira. Diz a si própria «que lhe há-de curtir a pele e ele há-de arrepender-se do que fez». Todavia, quando o filho chega são e salvo a casa, a emoção do pavor e da ira transmuda-se em alegria, porque surgiu um conhecimento diverso.

O conhecimento e o desejo, como é conhecido, actuam sempre como tubo condutor, por onde a emoção se expande. Eis porque um novo objecto, ao apresentar-se ao espírito, detém a corrente da paixão. Por isso basta criar um novo interesse na criança, para que deixe de chorar. Em breve, a criança que chorava começa a sorrir.

Carácter e emoções — As emoções ou servem o carácter, quando normais, ou o prejudicam, criando anormalidades e tensões nervosas. Um carácter normal, saudável, é aquele em que as emoções estão subordinadas à razão, à consciência, ao ideal moral, à eternidade, a Deus.

Tensões ou anormalidades sobrevêm sempre, quando as emoções se revestem de uma expressão,

em absoluto antagonismo com a razão, a consciência, o ideal moral e a Lei divina.

Desenvolvimento de um carácter normal — Um ser humano normal é aquele em que todas as emoções estão subordinadas à razão justa, à consciência e à lei de Deus. Nenhuma emoção deve possuir-nos em absoluto, até que a razão evolua e a vontade permita o seu amplo desenvolvimento. Num lar normal, o dono da casa pode permitir ao seu cão que suba as escadas e entre no corredor, mas não permitirá o mesmo a todos os cães da vizinhança, porque seria irracional. A mãe consente que o filho entre na sala, quando acaba de brincar, mas, se as solas dos sapatos estão sujas, manda-o limpar os pés, antes de ser admitido. A razão justa diz ao homem que deve ter luz suficiente para poder ler, mas a razão justa não recomenda que os olhos fixem a luz ultra-violeta; a razão justa sugere a aplicação do ouvido adentro da área das harmonias, mas não adentro da área de uma explosão. A razão justa sugere que se deve comer o suficiente para ter saúde, mas não que se coma alimento que chegue para dez pessoas. A razão sugere igualmente que se aqueçam as mãos ao lume, mas nunca que se meta as mãos no fogo; a razão sugere beber água, mas não que nos afoguemos nela. A justa razão sugere à criança que engula o remédio prescrito, mas a justa razão revolta-se contra a ideia da criança engolir um alfinete. Uma estação de Rádio no ocidente recebeu um dia uma carta de um lavrador, pedindo-lhe para tocar no piano algumas notas da escala de sons, e o motivo expunha-o nestas palavras: «Tenho um violino velho e desafinado; todo o prazer que me resta na vida é tocar violino». O velho

afirmava assim existirem regras fixas, às quais precisava de se sujeitar. A razão justa, a consciência e a lei de Deus são as regras fixas para todas as emoções.

Suponhamos que certo número de pessoas circulavam com os ouvidos tapados. Tornar-se-ia necessário que o resto da humanidade, gente racional, discutisse com elas e as convencesse a desistir de tão louco propósito. Esta supressão de emoção seria pois basicamente um erro. A razão diz-nos que os ouvidos foram feitos para ouvir. Destapai os ouvidos! Se grande número de pessoas começasse a pôr vendas nos olhos, os detentores da razão diriam: «Não cegueis os olhos! Sabeis muito bem que Deus vos concedeu olhos para ver». Os que tinham razão seriam acusados, é claro, de se oporem à liberdade de olhar ou não olhar, mas a justa razão há-de suscitar sempre inimigos.

Vivemos na necessidade de criar carácter, e o carácter só se obtém, subordinando as complexidades da vida emotiva a uma unidade, constituída pela moral e pela razão. Enquanto as emoções se submeterem à bondade, à verdade e à lei moral, será o império do carácter, da felicidade e do autodomínio. Há muita gente que proclama os direitos do sexo. Está bem se por sexo se entende a propagação da espécie humana, de acordo com a justa razão e a lei moral. A asserção porém é um erro se se pretende afirmar não ser o sexo capaz de excessos e desordens. Não há mal algum em comer, mas assim como não é permitido fazer barulho ao beber, chupar ossos de galinha, e engorgitar ruidosamente a sopa, também não são permitidas as desordens sexuais. Sem a razão justa, as emoções são como rios sem margens.

Defende-se igualmente que todos os instintos têm razão de existir e que se torna justo obedecer-lhes.

Não devemos todavia esquecer que os instintos no homem estão sujeitos à razão, e devem portanto ser guiados moral e racionalmente. Um homem tem o instinto da caça, tal qual como a raposa, mas aos maridos não é permitido dar caça às sogras.

Argumenta-se também que se os novos conhecessem os terríveis efeitos dos excessos sexuais e lhes explicassem as consequência fatais, não chegariam nunca a cometer abusos, precisamente como se torna desnecessário preveni-los para não entrarem numa casa, onde há o sinal de quarentena, devido a lá existir varíola. O argumento é falaz, sobretudo porque só se pretende atender à higiene e não ao carácter; em segundo lugar, não nos permite acreditar que todo o indivíduo escaparia assim aos efeitos do vício. Há ainda, porém, alguma coisa de mais importante: esquecem que a gente nova não sente a necessidade imperiosa de forçar uma porta, onde está visível o sinal de quarentena, mas todos sentem o aguilhão sexual, exigindo a renúncia considerável auto-domínio.

Anormalidade de carácter — Anormalidades, tensões nervosas, ansiedades discordantes, sensação de desgraça, todo este quadro resulta da infracção da ordem humana da natureza, quando às emoções é concedida livre expansão sem o comando da razão ou da vontade.

Imaginemos uma pobre criatura no alto das escadas — a encarnação da vontade e da razão — e vem um bandido de máscara, chamado «o direito

do eu» e dá-lhe um tiro. A razão por que o bandido usa máscara é que, por detrás daquela máscara existe realmente o desejo da grosseria, da imoralidade, da vileza moral. Quando se põe de lado a razão moral e a lei de Deus, então a natureza humana é como navio sem piloto, ou piloto indiferente em absoluto ao destino do navio, que há-de afundar-se nas ondas. É como orquestra sem regente, em que cada músico siga partitura diversa; é como cavalo sem rédeas, ou automóvel cujo carburador está demasiado cheio de gás e não possa funcionar. Perdeu-se a unificação do carácter e agora, repuxado em direcções antagónicas, perde o rumo.

Quando o diabo tomara conta daquele mancebo da Escritura, Nosso Senhor perguntou-lhe como se chamava e ele respondeu: «O meu nome é legião, porque somos muitos». Já então existia contradição entre «o meu» e «o nosso» pois «Legião» significava multiplicidade, dado o facto da sua vida já não estar unida, como personalidade, à imagem de Deus.

Assassina-se a razão muito mais vezes do que se reconhece geralmente. Cerca de quinze por cento da população é constituída por seres que pensam; cerca de vinte e cinco por cento é constituída por criaturas que julgam pensar, e cerca de sessenta por cento são os que se contentam em olhar para livros de imagens. Quando todos os ideais forem sacrificados, abandonadas todas as normas e ignorada a justa razão, então têm as emoções primazia na vida. Este perigo pode ser muito grave nos que se entregam excessivamente à leitura de romances, e passam a vida a olhar para os dramas na televisão. Não aludimos aqui aos que procuram um recreio normal ou aos

que gostam de ver princípios abstractos, desenvolvidos em dramas.

O que desejamos é chamar a atenção para o perigo do exclusivismo desta espécie de vida. Quando lemos um romance ou olhamos para os dramas na televisão, as emoções acordam em nós — e pomonos a amar o herói, alegramo-nos com certa vitória, entristecemos-nos com a crueldade, sentimos aversão pela injustiça, ou temos medo perante o perigo. Em cada um destes casos, o objecto sobre o qual a emoção incide é irreal, mítico, fictício, destinado a desaparecer, logo que termina o drama ou a novela. Resulta do excesso da vida emotiva deste género tornarem-se as paixões como molas na porta de um biombo, forçadas por crianças em grande brincadeira. Com o tempo perdem as molas a elasticidade. Acontece o mesmo com as emoções. Tanta vez puseram à prova as emoções que, mais tarde, precisamente como a porta do biombo deixa de fechar, depois de muitas vezes aberta, também o carácter não reage como devia em determinada ocorrência. Quando se apresenta um objecto de genuína beleza, ou um amor nobre, ou quando se torna evidente uma injustiça que devia provocar íntima repulsa, ou quando em qualquer parte do mundo surge uma tragédia, digna de excitar a mais viva simpatia, em vez de reagirem, vivas, activas, as emoções desfalecem, inertes, apáticas.

Eis uma razão por que existe tanta torpeza e falsa tolerância em face do crime público, da tirania, da delinquência juvenil e da corrupção da sociedade.

Perdeu-se a capacidade de indignação moral. As criaturas irritam-se só, quando lhes ofendem o ego, mas não quando a verdade é ultrajada. A des-

peito de todos os cruzados e campeões da justiça social, não existe quem empunhe um chicote para expulsar dos templos compradores e vendedores. As emoções gastaram-se como sucederia a uma locomotiva a funcionar, parada sobre os carris. Já não há quem se apaixone por uma grande ideia. As emoções evaporam-se em onda de vaga sensibilidade, e nunca são utilizadas em cruzada ardente. Ora as emoções de que nunca deriva uma acção gastam os ângulos da consciência e lançam um véu sobre as visões morais. O poeta diz assim:

*«O propósito fugidio nada vem a ser,
Se a acção o não acompanha logc».*

Não é necessário para ninguém ir viver na loja subterrânea da própria habitação, isto é, no meio de emoções inferiores. Embora a loja seja importante, não constitui a casa inteira. Se vivermos na parte do nosso ser, a que bem podemos chamar animal, perdemos a parte mais alta em nós, a luz da razão, a nobreza da vontade. Contam os naturalistas que a toupeira tinha olhos para ver, mas perdeu-os, porque preferiu escavar o chão; também nós podemos perder as mais altas qualidades do nosso ser, se nos concentrarmos unicamente em paixões e emoções. «Tirai-lhe o talento» — é a ordem do Senhor aos que não utilizam os dons mais preciosos.

É sempre possível ao morador das lojas subir até à parte mais alta da existência, se utilizar as escadas. A porta fica no lado emotivo; está dentro das nossas possibilidades abri-la. Madalena, a mulher que só soubera abandonar-se às emoções sexuais, en-

controu a porta da razão e da Fé, e transformou-se em apóstola. O bom ladrão, que só conhecera a emoção da avareza e da cupidez, abriu a porta e encontrou as riquezas do Reino do Céu.

Pedro, o que sucumbiu à emoção do medo, abriu a porta e transformou-se no Rochedo de valentia e de fé.

Dizem-nos enfaticamente que devemos ajustar-nos ao meio e à sociedade em que vivemos. Não; o que importa é a ordem interior, a subordinação do corpo à alma, dos sentidos à razão e da razão à Fé.

Actualmente, nota-se o pronunciado declínio da paixão e do entusiasmo, devido à falta de amor pela verdade. Há pouco talento oratório no mundo de hoje, simplesmente porque há pouca paixão pelas causas e ninguém organiza cruzadas em prol da justiça e da verdade. Existem só leitores; faltam os oradores. Até os que se votam à religião parece terem arrefecido, até ao entorpecimento, esquecendo que Nosso Senhor disse: «Eu vim lançar fogo sobre a terra». A palavra «Paixão» é maior do que todas as emoções; refere-se unicamente à grande paixão dominante do Amor, exposta na cruz, em Sexta-Feira Santa, a que mais tarde alastrou através do Império Romano. Essa paixão continua à espera dos que desejam conhecer a mais alta forma do Amor, a mais nobre forma da verdade. Um passo para escapar à mediocridade, e estamos salvos!

CAPITULO XXI

O MAIOR JULGAMENTO DA HISTÓRIA

Alguns dos julgamentos mais célebres da história foram: o de Sócrates, acusado de blasfemar contra os deuses atenienses; o julgamento de Aaron Burr, que se arrastou por oito meses; o julgamento mais famoso em França foi provavelmente o de Alfred Dreyfus, degredado para a Ilha do Diabo; na Inglaterra, o julgamento mais retumbante foi o de Maria Stuart, seguido de execução com permissão da prima, a rainha Isabel de Inglaterra; o julgamento mais célebre da Irlanda foi o de Robert Emmett.

Todavia, todos estes julgamentos somem-se e reduzem-se a nada, comparados com o grande julgamento presidido por Pôncio Pilatos, em que o acusado não era só o Homem, mas o Filho de Deus, humanado. Neste julgamento, todos os actores são figuras representativas; representam espécies mais do que indivíduos. A Cruz não quer dizer qualquer coisa que *aconteceu*; a crucificação é alguma coisa que está a *acontecer*. Podemos assistir a este acto em qualquer lugar e a qualquer hora na raça humana, pois é a luta épica das forças do bem e do mal.

O julgamento realizou-se em Jerusalém, mas podia ter-se realizado em Atenas ou em Roma, porque

nele participaram todas as almas do mundo. O lugar da execução chamou-se Calvário, mas podia ter sido Peiping, Moscovo, Broadway, Praça da Concórdia ou Chicago. As três forças dominantes no julgamento foram:

- 1.º — O poder político do Estado.
- 2.º — O povo ou as massas — tu e eu.
- 3.º — O divino no humano.

Neste julgamento os participantes do crime são inumeráveis: não vemos nele incluídos só os ébrios e os jogadores, com todos os pequenos pecados da carne; vemos nele envolvidos também os que não podem tolerar qualquer poder além do deles, não admitindo guia para a consciência.

O plano histórico é familiar a todos. A Palestina foi conquistada por Pompeu e submetida à autoridade de Roma no ano 66 antes de Cristo. A Judeia tornou-se província romana no ano 6.º A. C. sob um procurador ou governador.

Pôncio Pilatos era o sexto funcionário nomeado pela autoridade imperial de César. Seu pai, um general romano às ordens de Agripa, distinguiu-se na guerra, recebendo o *pilum* ou dardo, condecoração com que em Roma o valor era premiado. Foi então que a família adoptou o nome de Pilatos. O filho, Lúcio Pôncio Pilatos distinguiu-se como soldado na Germânia. Ao voltar a Roma, encontrara Cláudia, a filha mais nova de Júlia, a filha de César Augusto. Júlia fora uma mulher dissoluta, exilada devido aos seus crimes públicos.

Quando Pilatos a viu, Cláudia tinha cerca de

dezasseis anos. Casando com ela entrava pois na família real. No dia do casamento, Tibério deu-lhe ordem para se apresentar como Governador da Judeia. A terra dos Judeus estava ocupada, da mesma forma como a Polónia está hoje ocupada pelos Sovietes. Como resultado desta conquista, não só tinham perdido o direito de cunhar dinheiro, mas também o de condenar alguém à morte. Este poder só pertencia às autoridades romanas.

Pilatos não gozava de popularidade entre o povo subjugado, não só porque confiscara alguns bens do tesouro do templo para mandar construir para si próprio luxuosos balneários, não só porque introduzira no templo as águias e as outras insígnias das Legiões de Cesareia, mas também porque ameaçava de massacre o povo, sempre que este resistia à sua autoridade.

Nosso Senhor já tinha sido sujeito a um julgamento teológico, em que fora condenado pela acusação de blasfemo, por ter afirmado ser o Filho de Deus vivo.

São quatro ou cinco horas da manhã. Nosso Senhor, de corda ao pescoço, criminoso já sentenciado, está em frente da fortaleza de Pilatos. Na lei é costume que o tribunal superior se encarregue de rever a acusação do tribunal inferior; mas desta vez trata-se de uma acusação completamente nova contra Jesus Cristo. Se lhe viessem dizer que era réu de blasfémia, Pilatos teria rido, porque acreditava nos seus deuses e todos os dias lhes queimava incenso. Que lhe importava a divindade dos outros povos? Modificaram pois a acusação de blasfémia, de que fora acusado por ser religioso em excesso, para a

de traição, de que o acusavam, por se entregar a demasias de política. Ainda cheio de sono — tinham ido chamá-lo à cama — Pilatos aparece na varanda, nesta manhã de primavera e, depois de ter notado a inefável grandeza da vítima, formula a pergunta breve e legal:

— *De que acusais este homem?*

Já não se tratava de o acusar de excessos religiosos, mas sim da sua interferência em negócios nacionais. Durante a noite tinham-no achado demasiadamente divino; agora, achavam-no demasiado humano. Em resposta à pergunta de Pilatos, de encontro à balaustrada do seu templo é lançado o grito ameaçador destas três acusações:

— *Descobrimos que este homem anda a subverter a lealdade do nosso povo, proíbe o pagamento do tributo a César e apelida-se a si próprio Cristo Rei.*

São mentira as três acusações. Não pervertia a nação; abria, sim, os olhos dos cegos à claridade solar de Deus, purificava os ouvidos para que distinguissem a música da voz humana, e curava os corações, paralisados há muito por meio do pecado e da culpa. Não se recusara a pagar tributo, pois Ele próprio providenciara sobre a maneira como Pedro poderia pagá-lo e, precisamente uma semana antes, tinha dito:

«*Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*».

Todavia, no espírito de Pilatos a terceira acusação revestia-se de maior gravidade. Conta-nos Tácito que Pilatos julgara cinquenta e dois casos de traição,

durante o seu reinado. Como representante de Tibério César, Pilatos sabia muito bem ser merecedor do mais severo castigo todo aquele que se erguesse como rei contra César.

Pilatos, desejoso de ouvir mais alguma coisa com respeito à última acusação, trouxe Nosso Senhor para a sala do julgamento. Foi aí que Pilatos se encontrou com o seu Juiz. Basta-lhe fitar os olhos do Salvador e Pilatos rende-se como prisioneiro. Pilatos contempla aquele homem pálido, solitário, de mãos atadas e dolorosos vestígios de insulto na Face e nas vestes e, meio céptico, formula a pergunta:

— *És tu um rei?*

Nosso Senhor respondeu:

— *O meu Reino não pertence a este mundo. Se o meu Reino pertencesse a este mundo, os meus servos viriam combater, para que eu não caísse nas mãos dos Judeus. Mas o meu Reino não é a terra.*

De pé, Cristo neste momento é o representante de todos os missionários que hão-de comparecer nos tribunais comunistas, acusados de perverter a nação por haverem pregado o Evangelho. Atrás de Cristo enfileiram-se todos os que serão chamados a tribunais em Moscovo, Peiping e Varsóvia, acusados de perverterem a nação, porque recusam aceitar o ateísmo de um Marx. Nosso Senhor dizia que o Seu Reino não era deste mundo, mas sim antagónico ao espírito do mundo. Não fora criado por forças históricas; não provinha dos homens, mas d'Aquele que se revelara Deus entre os homens. Não fora imposto pela força; o seu propósito era restaurar a imagem perdida de Deus. É reino, em que os súbditos não elegem o Rei, mas é o Rei que elege os súbditos. Nosso Senhor asse-

gurou a Pilatos que não era rival de César, e o Seu Reino não vinha substituir a autoridade imperial. Não existia pois nem sedição, nem insurreição, nem actividade barata comunista. Se Ele quisesse vencer a policia de Washington ou de Londres ou de Moscovo, ensinaria os Seus apóstolos a organizar exércitos e nunca teria dito a Pedro para embainhar a espada.

Pilatos parecia tranquilo: Compreendera que nenhuma rivalidade existia para com César e que o Seu Reino era espiritual, ao perguntar:

— «*Tu és então rei?*»

Jesus respondeu:

— *Por tua vontade me chamas rei... para o que eu nasci e para o que vim ao mundo, foi para dar testemunho da verdade. Todos os que pertencem à verdade, escutam a minha voz.*

Pilatos não gostava da ideia da verdade absoluta. Para ele tudo era relativo e dependia do seu ponto de vista. Tendo lido os pragmatistas de sua época e exaurido as teorias dos Schillers, dos James e Deweys romanos, fez esta pergunta em tom de desprezo:

— *O que é a verdade?*

E virou-lhe as costas. A verdade envolve tremendas responsabilidades. Muitos há que prefeririam dilatar as fronteiras da verdade a fazer qualquer uso das verdades já conhecidas. Pilatos sabia que teria de viver de outra maneira, se existisse alguma coisa, semelhante à verdade.

Acabara o julgamento. Pilatos apareceu à varanda e dirigiu-se à multidão:

«Não descubro crime neste homem.»

Um juiz, que não aceita a verdade, tem de basear tudo na conveniência. Por esta razão, neste momento começa Pilatos a usar do primeiro dos seus subterfúgios para escapar ao dever de dar testemunho da verdade. Mal anunciara o prisioneiro livre de culpa, logo o povo continuou a vociferar, acusando-o de insurreição:

— *«Ele levanta a sedição entre o povo. Ele tem percorrido toda a Judeia, começando na Galileia e terminando aqui.»*

O subtil ouvido de Pilatos apanhou a palavra «Galileia» e, ansioso de descartar-se do caso, num golpe político magistral, propôs desembaraçar-se do incômodo prisioneiro, salvando-se de uma decisão desagradável, ao mesmo tempo que se mostrava cortês com o tetrarca Galileu Herodes, com quem não mantinha laços de amizade. Do ponto de vista legal não era viável a desculpa, pois não tinha jurisdição que o autorizasse a pleitear, tanto mais que a insurreição começara na Galileia. Mandar o prisioneiro, donde fora preso para o lugar de origem, era como jogar o prisioneiro como uma bola entre dois juizes.

Acontecia estar Herodes em Jerusalém para a festa, e por isso era fácil despachar o prisioneiro para o velho palácio, onde Herodes tinha a sua residência real. Herodes era filho de Herodes o Grande, o que mandara matar os meninos de Belém até aos três

anos, tentando assim assassinar Nosso Senhor. Foi este Herodes que, divorciado da primeira mulher, tomara como segunda esposa a mulher de seu irmão Filipe. Foi ainda o mesmo Herodes que, por sugestão de uma rapariga que soubera dançar, dera ordem para tirarem a vida a S. João Baptista. O Evangelho diz-nos:

Herodes regozijou-se altamente ao ver Jesus.

Durante longo tempo, ansiara por vê-Lo, porque ouvira falar d'Ele e esperava assistir a algum milagre. Para algumas pessoas a religião é passatempo momentâneo para o intolerável fardo da vida. Entre dois instantes de fastio sentem a necessidade do bem. Os espíritos embotados apresentam dificuldades intelectuais aos homens, verdadeiramente religiosos, mas nunca manifestam sequer o desejo de regeneração moral. Herodes é representante daquele tipo de homem que considera a religião assunto de discussão.

A despeito de todas as perguntas, Nosso Senhor nada respondeu a Herodes. Tentou salvar Judas e Pilatos; diante de Herodes não pronunciou sequer uma palavra. Porque recusou Ele falar a Herodes? Porque falava Ele a Judas, o traidor, a Madalena, a mulher perdida, mais tarde ao ladrão, e diante do rei guardou silêncio? *Porque a consciência de Herodes estava morta.* Desejava milagres sòmente para satisfazer a curiosidade, mas não para submeter a sua vontade. A sua alma já estava tão embotada para apelos, ele que fora prevenido por S. João Baptista, que outro apelo só viria aumentar a sua culpa. Surdo estava ele para tudo o que viesse de Deus. Era

alguém, morto no corpo e na alma, devorado pelos vermes da luxúria e do pecado. Oferecia a sua alma ao arrepio da sensação, mas não desejava salvar-se. Nero tinha como guia a consciência de Séneca, mas isso não o impediu de cair na luxúria e no pecado. Alexandre tinha como mestre Aristóteles, mas tal facto não temperou o seu imperialismo. Herodes, o Grande, tinha os Anciãos, os sábios, e cometeu todavia carnificinas. Herodes, o filho, tinha João Baptista, o que não foi obstáculo a que mofasse da religião. Herodes é o representante dos que, possuindo conhecimentos acerca da religião, recusam proceder de acordo com seus mandamentos.

O silêncio do Senhor ecoou mais fortemente aos ouvidos de Herodes do que tinham ecoado as censuras de João Baptista. Tal silêncio é a voz do trovão, pois é o castigo imposto por Deus à alma que não é sincera ou que busca a verdade, não para a seguir mas para a rejeitar.

Herodes agora, recorrendo à mofa, reveste Cristo das roupagens de um louco e torna a mandá-lo a Pilatos. A troça parecia dar-lhe superioridade intelectual, pois a toga cândida, colocada sobre os ombros de Nosso Senhor, tinha por fim apresentá-lo como candidato irrisório à realeza e à divindade — os candidatos à eleição em Roma ostentavam vestes brancas; é daí que deriva o nome «candidato». Era um bom gracejo; podia confiar que Pilatos saberia descobrir o lado humorístico da charada, «e naquele dia Pilatos e Herodes tornaram-se amigos».

Jesus voltara a Pilatos, e o juiz pragmático que negara a Verdade convoca agora o povo e diz-lhe:
— Trouxestes-me este homem como alguém que

desviava o povo do pagamento dos seus tributos. Examinei-o na vossa presença e não encontrei substância que justifique as vossas acusações; o mesmo aconteceu a Herodes, quando lho mandei. É claro que nada fez que mereça a morte.

No seu papel de político, Pilatos lembrou-se que no grande dia de festa anual dos Hebreus era costume o Governador entregar um prisioneiro ao povo.

Pilatos tinha na mão Cristo. O problema era como libertar-se dele. Politicamente, era uma grande ideia; moralmente, era perversa. Permitiria que o povo escolhesse o prisioneiro que deveria ser libertado. Involuntariamente, Pilatos junta os dois prisioneiros, que representam as forças antagónicas do mundo. Pilatos apresenta-se-nos, favorecendo as forças democráticas do mundo — pois oferece aquilo que pensava seria «uma eleição livre». Nesta altura, estava acordado o povo, embora só se encontrassem ali, naquela manhã, os chefes. Logo que a notícia circulou entre o povo, de que ia haver votação, os demagogos começaram a agitar a plebe, pedindo-lhe a liberdade de Barrabás. Quando o povo chegou, nada sabiam acerca da prisão e do julgamento da manhã porque tudo isto acontecera de noite e de manhã cedo. Mas neste momento estavam acordados. Há sempre gentalha, grupos desordenados de gente sem raciocínio e sem cérebro, aquela gente de que os comunistas se servem para executarem obra suja, enquanto o povo dorme. Por meio das actividades subversivas, o povo transforma-se na massa, na plebe. A diferença entre o povo e as massas é que o povo deixa-se guiar pela consciência e pelo sentimento do bem e do mal; as massas são governadas por in-

fluências estranhas, vindas de fora, em geral opostas aos processos genuinamente democráticos. Quando uma democracia perde o senso moral, pode votar até contra os interesses da democracia. Pilatos dá um passo à frente e pergunta:

— *A quem devo libertar? A Barrabás ou a Jesus, esse, a quem chamam Cristo?*

Era exactamente a mesma pergunta que se faz na China aos fiéis. «Qual dos dois devemos libertar? Mao-tse-tung ou Cristo?» A mesma pergunta ecoa através de toda a Europa oriental: «Qual dos dois devemos libertar? Bulganine ou Cristo?»

Pilatos mal podia acreditar nos próprios ouvidos, quando ouviu a multidão vociferar, clamando que lhes entregasse Barrabás. No desejo de salvar Nosso Senhor, Pilatos disse:

— *Que quereis então que faça ao vosso rei?*

E eles gritaram de novo:

— *Crucifica-o; crucifica-o!*

Pela terceira vez, Pilatos declara a sua inocência, ao proclamar:

— *Que mal vos fez Ele? Não encontro mal algum n'Ele que mereça a morte. Vou mandar que O açoitem e pô-lo-ei em liberdade.*

Pilatos então entrega Nosso Senhor para ser

açoitado, para que sofra o horrível flagelo, a que se refere Horácio, do qual é moderno representante o «knout» russo.

De mãos atadas, amarrado a uma coluna, flagelam-lhe o corpo com longas tiras de couro, a que estão presos bocados denteados de osso e chumbo. No desejo de uma troça estulta, cerca a frente de Nosso Senhor a imperial coroa de louros, mas essa coroa é feita de espinhos; nas suas mãos, atadas, trémulas, colocam à guisa de ceptro uma cana; dos ombros feridos, donde escorre sangue, arrancam as vestes brancas, gracioso motejo de Herodes, e lançam-lhe um velho manto escarlate. Depois, com fingida solenidade, passam diante dele e ajoelham, saudando-O irònicamente como se fora um rei. Não troçaram só da sua estirpe de rei, mas também da sua qualidade de profeta: vendaram-lhe os olhos e desafiavam-no para que dissesse quem lhe tinha batido. O profeta Isaías, contemplando o futuro setecentos anos antes, disse «que se lhe podiam contar os ossos do corpo».

Pilatos espera que visão tão dolorosa acorde forçosamente a piedade da plebe. Cristo é levado: de baixo da coroa de tortura alastram grandes manchas de sangue; na face há marcas das pancadas por entre os escarros; nos olhos espelha-se-lhe o cansaço da agonia mortal; o sangue escorre e tinge de vermelho o chão de mármore do Pretório. Nesse instante, Pilatos sente-se tão impressionado com o aspecto divino d'Aquele que não teve a coragem de mandar em liberdade, que, involuntariamente, da sua boca sai a exclamação que nunca mais desde esse instante deixou de fazer pulsar de emoção milhares de corações:

Eis o Homem!

Ele dizia realmente: «Eis Korea!» Na pessoa de Cristo erguia-se toda a humanidade, flagelada na Sibéria, na China, na Coreia do norte, no Vietnam do Norte, nos campos de concentração ou nos subterrâneos do Kremlin. Na pessoa de Cristo vemos todos aqueles que, no mundo, conheçam Cristo ou não, sofreram entretanto pela divina verdade — e todos, todos defrontam nesse momento a plebe.

Quando se encontrava no lugar do julgamento, a mulher mandou-o chamar, dizendo-lhe: Nada tenhas que ver com este Justo; por causa d'Ele sofreu muito num sonho, há pouco.

Cláudia é a única mulher romana no Evangelho, e é uma mulher de alta estirpe. O seu sonho era o epítome dos sonhos e anseios do mundo pagão, a esperança de há tanto, tanto tempo, de um homem justo — um salvador. Era a reminiscência de Sófocles:

Não espereis que esta maldição tenha fim, até que surja um Deus, capaz de aceitar sobre a cabeça os vossos ignominiosos crimes, a coroa de espinhos.

Conjuntamente com este sonho havia a acusação que Pilatos ouvira, de que Jesus se dizia filho de Deus. Porque era um céptico, era como todos os cépticos, supersticioso: começava agora a admitir a possibilidade de aquele estranho Homem poder ser

um mensageiro dos deuses. Começavam a nadar-lhe na memória todas as histórias de deuses, que tinham descido à terra sob aparência humana. Por isso leva Cristo aos seus aposentos e pergunta-lhe outra vez:

— *Donde vens Tu?*

A questão da origem não devia interessar a Pilatos, cujo dever não era averiguar donde Ele vinha, mas o que tinha ou não tinha feito.

Pilatos continuou:

— *Não sabes que tenho o poder de te crucificar ou por-te em liberdade?*

Jesus respondeu:

— *Nenhum poder terias sobre mim, se te não fosse concedido do alto.*

A pergunta de Pilatos é idêntica à de todos os outros ditadores, que presumem ter o poder final e absoluto de governar. Nosso Senhor dá ao arrogante romano a lição que ele e todos os da sua tribo precisam de receber em todas as idades e em todos os países — que o poder só Deus o concede, por isso deve assentar sobre bases legítimas, e no seu exercício há-de ser orientado pela vontade divina, tendo sempre como finalidade os propósitos de Deus.

Pilatos dá uns passos em direcção ao povo. Lembra-lhe que, se não sentenciar Cristo à morte, não é amigo de César. Pilatos sabia que um apelo custar-lhe-ia a sua posição. Sabia que, se enviasse uma delegação a Tibério, seria acusado de traidor.

Ou Jesus Cristo seria crucificado ou ele. Pilatos grita alto:

— *Que mal vos fez Ele?*

Depois, mandando vir uma bacia com água:

Lavou as mãos em frente da multidão, dizendo:
«Não tomo parte na morte deste inocente».

Desde esse dia reza-se no Credo:

Sofreu sob Pôncio Pilatos.

Não se trata somente de recordar um acontecimento histórico, mas sim de profetizar o que há-de acontecer através das sucessivas idades da História: Cristo vivo no Seu Corpo Místico será, através dos séculos, periodicamente condenado à morte, será crucificado e perseguido sob o poder onnipotente do estado.

Este julgamento formula a grande interrogação do nosso mundo moderno, e particularmente a interrogação do nosso século de totalitarismo: até que ponto pode chegar o poder do mundo? A Ressurreição encarregou-se de dar a resposta: O poder termina por se destruir a si próprio, porque quem derriba o inimigo perde o seu dia.

A Cruz faz a pergunta: Porque é que Deus permite que o mal e o pecado crucifiquem a Justiça? A Ressurreição responde: O pecado, depois de cometidos os excessos, fica exausto. O pecado é vencido pelo amor, que é muito mais forte do que a culpa ou a morte.

Deste julgamento e Ressurreição surge a lição de como a perversidade e o caos dos momentos pecaminosos podem ser decididamente vencidos. A base da nossa esperança não está no poder humano, mas no poder de Deus, que infligiu ao mal da terra um golpe mortal — a ferida de uma sepultura aberta e a cicatriz de um sepulcro vazio.

Dois elementos — liberdade da parte da vontade do homem e perfeito amor da parte de Deus — e surge a tragédia histórica. Deus entrou neste mundo para sofrer, pois a Cruz é consequência inevitável da rebeldia do pecado contra o perfeito Amor. O pecado gastou-se a si próprio na Crucificação; foi o último arranco mortal do pecado; não podia fazer mais nada, admitindo que vivesse um milhão de anos. A pior coisa que o pecado pode fazer não é torturar mulheres, bombardear cidades e matar crianças. A pior coisa que o mal pode fazer é assassinar a bondade. Havendo sido derrotado no momento do seu máximo poderio pela Ressurreição, o mal nunca mais poderá ser vitorioso. Nenhum falso Deus, imune à dor e à angústia, pode consolar-nos nestes dias trágicos. Nenhuma falsa deidade, que nunca sentiu o beijo do traidor ou os golpes da injustiça, pode inspirar-nos a menor esperança. Só o Filho de Deus vivo, que se ergueu de entre os mortos, pode assegurar-nos o triunfo do bem sobre o mal.

Se a Ressurreição não se seguisse a este grave acto de injustiça, então todos nós poderíamos dizer: se é isto que acontece a um justo, para que hei-de levar uma vida direita? Que motivo haverá para que sejamos virtuosos, se a máxima injustiça

nunca foi castigada, e a mais nobre de todas as vidas continua por vingar? Que devo eu pensar de um Deus, capaz de olhar insensível para o espectáculo da inocência condenada, sem arrancar os pregos do madeiro e entregar-lhe um ceptro? Que nem sequer mandou um dos seus anjos arrancar a coroa de espinhos, substituindo-a por uma grinalda? Que devo eu pensar da natureza humana, se esta flor branca de vida imaculada é calcada pelas botas ferradas dos executores romanos e destinada a apodrecer na terra como todas as flores pisadas? Flor de tão estranha doçura exalaria cheiro pestilento; não odiaríamos então somente Deus, no seu desprezo pela verdade e pelo amor, mas também todas as criaturas por terem tomado parte na sua morte? Se este é o fim da bondade, para quê ser bom? Se é isto o que acontece à injustiça, que reine a anarquia.

Mas, se Ele não é unicamente Homem, mas Deus, é pois essencialmente o Redentor; pode tomar nas mãos o que de pior o mundo tem para oferecer e, pelo poder de Deus, vencer, subir mais alto do que todo o mal. É assim que Ele ensina ao nobre exército de sofredores no mundo como hão-de suportar tudo o que de pior a vida tem para lhes oferecer; é assim que Ele ensina a considerar todas as provações como:

«A sombra de Sua mão estendida ternamente».

Até à vitória final da Páscoa final do mundo!

CAPÍTULO XXII

A RELIGIAO NA RÚSSIA

1.º Mudou a atitude comunista para com a religião?

2.º Aumenta a religião na Rússia, a despeito da atitude comunista?

Mudou a atitude comunista para com a religião?

A resposta surge, nitidamente negativa. De acordo com a teoria marxista, a religião é uma superestrutura, baseada na propriedade privada. Religião, arte e filosofia dependem dos métodos económicos de produção. Quando os métodos são capitalistas ou baseados no direito à propriedade, a religião é necessária para manter a exploração capitalista. Faz isto a religião, prometendo «o bolo no céu» aos trabalhadores e, em segundo lugar, defendendo a economia capitalista. Foi por isto que Marx declarou que «a religião é o ópio do povo»; Lenine explicou que a religião é um «reflexo do capitalismo e da exploração». Segue-se que, se a religião é baseada na propriedade privada, tal como os ramos da árvore são sustentados pela raiz, destruída essa raiz, caem; também, destruída a propriedade, acabará a religião. Logo que a propriedade privativa ou capitalismo deixe de existir, passando toda a propriedade para

as mãos do estado, a religião deixará de ser necessária, pois não haverá capitalismo, nem exploração, nem necessidade de prometer aos trabalhadores alguma coisa que os compense das falhas do sistema capitalista.

Íntimamente aliada a esta teoria, encontra-se a posição comunista mais fundamental, a que sabe que não possuirá o homem, a não ser depois do aniquilamento da alma e espírito. Se o homem possui alma ou espírito, então mantém relações com Deus, independentemente do estado. Então, é animado por uma consciência que não é a consciência do estado, e de uma moralidade, que não é a moralidade do estado. Ora, o estado não poderá possuir totalmente o homem — isto é, em corpo e alma — se não acabar com o espírito e a religião. O ateísmo está ligado intrinsecamente ao comunismo.

Experiência — A perseguição religiosa na Rússia começou por um decreto de 23 de Janeiro de 1918. A Igreja russa contava cerca de cem milhões de fiéis, divididos em cinquenta e quatro mil paróquias e vinte e seis mil igrejas, não paroquiais. Eram estas servidas por cinquenta e sete mil padres ortodoxos, conjuntamente com vinte mil monges e setenta mil religiosos. Estes números referem-se unicamente à Igreja ortodoxa e não às outras religiões. Estabeleceu-se uma sociedade militante de antideístas com o fim de desenvolver forte propaganda ateísta, organizando simultaneamente a perseguição religiosa.

Em 1936 fizeram concessões à religião, principalmente porém tendo em vista ganhar os favores do mundo ocidental. Nesse ano publicaram os Sovietes a sua Constituição, em que o artigo 124 ga-

rantia liberdade de culto, sem referência alguma à forma como o culto seria executado, pois as igrejas continuavam confiscadas pelo estado. A Constituição estabelecia diferença entre culto e propaganda, não admitindo propaganda religiosa, reservando porém toda a propaganda exclusivamente ao ateísmo.

As autoridades comunistas foram forçadas a dispensar outra concessão ao culto religioso, devido a dois factos.

1.º A deserção de quatro milhões de soldados para o mundo ocidental, durante a segunda guerra mundial.

2.º O pedido das autoridades ortodoxas, advogando a necessidade da defesa da Rússia.

Últimamente o mundo ocidental tem sucumbido por tal forma à propaganda comunista, que a sua atitude para com a religião ressent-se de tal facto.

Nos jornais americanos de 11 de Novembro apparecia uma declaração do secretário geral Nikita Khrushchev, relativa à religião. A única referência feita pela imprensa americana acerca da nova directriz do Secretariado-Geral, reza assim: «Khrushchev notou que observações insultuosas contra o clero e os crentes só podiam servir para reforçar e intensificar os preconceitos religiosos entre o povo.

Criou-se no povo americano a impressão de que a attitude comunista para com a religião tinha mudado, pois a nova ordem era não incomodar os crentes. Contudo, quem lesse a comunicação por inteiro compreenderia que o motivo de não perseguir os

crentes assentava no desejo de não deixar desenvolver o sentimento religioso. Entretanto, os comunistas devem ter lido Tertuliano, que dizia: «O sangue dos mártires é a semente do cristianismo». A leitura completa do Decreto de Khrushchev revela um subterfúgio de propaganda anti-religiosa, mas não a diminuição do desejo de perseguir.

Pelo estudo dos artigos oficiais, insertos em publicações comunistas anteriores ao decreto da Secretaria-Geral, podemos bem justificar a ideia acima exposta. Trata-se de dois artigos: um apareceu no «Pravda», a 24 de Julho de 1954; o outro apareceu no «Comunista» de Setembro de 1954, n.º 13, com a assinatura de S. Khoudiakov.

O artigo do Pravda, a 24 de Julho de 1954, fazia as seguintes observações:

1.º Lembrar ao povo soviète as palavras de Lenine que o comunismo não podia ser indiferente à religião.

2.º Com este fundamento, é necessário intensificar o ensino do ateísmo em todas as escolas, começando nas escolas primárias e continuando nas escolas de ensino superior.

3.º O partido comunista não pode resignar-se às deploráveis condições, em que se encontra agora a propaganda ateísta.

O artigo conclui dizendo que o ateísmo deve tomar proporções de um movimento de «todas as massas, tendo por obrigação intensificar-se».

Convidava também os membros do partido

comunista a tomarem mais viva consciência das responsabilidades «do ateísmo».

O artigo, inserto no «Comunista», forma igualmente pano de fundo importante ao decreto de Khrushchev.

O autor admite que, durante a guerra, a religião se tornara popular, devido aos sofrimentos do povo.

«Intensificaram-se os preconceitos religiosos durante as calamidades e sofrimentos da guerra, enquanto declinava a propaganda ateísta. Por toda a parte os grupos religiosos procuram por várias formas envenenar as consciências com a religião, arranjando adeptos entre a gente nova e as mulheres».

Vem então a mais surpreendente afirmativa, isto é, o repúdio da teoria marxista da religião. De acordo com Marx, a religião baseia-se no capitalismo; desaparecido o capitalismo, desaparece a religião. Ora este autor afirma: «quão falsa era a ideia de que a religião morreria de si própria. Os preconceitos religiosos não desaparecem automaticamente; só podem ser eliminados por uma luta desesperada».

Os comunistas afirmaram que a religião desaparecia logo que deixasse de haver propriedade privada; não há propriedade privada na Rússia desde 1917, e a religião aumenta mais e mais. Neste ponto, é evidente que os comunistas abandonaram o mestre. Ora, se Marx se enganou neste ponto, podia também enganar-se nos outros.

Os artigos supracitados eram o pano de fundo do decreto do Comité Central do partido, assinado pelo secretário geral Nikita Khrushchev. O decreto determina ainda que «haverá correcção dos erros

cometidos na propaganda anti-religiosa, mas que tal não significa, de forma alguma, um enfraquecimento da propaganda a favor do ateísmo». Depois de traçar os delineamentos da propaganda ateísta, o decreto indica a forma em que deve ser feita, por meio de brochuras, através da doutrinação nas escolas, nas casas de campo, na indústria, literatura e arte; conclui com a observação de que «o comité central do partido comunista crê no desaparecimento da religião, contando em absoluto com este facto».

Em vez, pois, de fazer concessões à religião, este decreto intensifica o programa do ateísmo da parte do estado, e compreende-se até que ponto o partido comunista se sente contrariado com o aumento da religião. Na imprensa soviética, artigos afirmam constantemente, com profunda irritabilidade dos Sovietes, o aumento progressivo dos sentimentos religiosos, e como o partido está decidido a eliminá-los. Entre outras manifestações da atitude anti-religiosa, podemos mencionar as seguintes:

A velha publicação da luta contra Deus, intitulada «Os sem-Deus» foi substituída por um novo periódico, com o nome de «Religião e Vida», devotado inteiramente à propaganda anti-religiosa.

Os críticos de arte pedem mais filmes anti-religiosos.

Abriu um novo *stúdio* em Kiev, encarregado de produzir somente filmes anti-religiosos.

A rádio *Volga*, destinada às tropas soviéticas na Europa oriental, punha de sobreaviso acerca do aumento da religião no exército, e preconizava a intensificação da propaganda anti-religiosa.

O jornal oficial da armada soviética *Krasnaya*

Zvesda queixava-se de como muitos marinheiros em liberdade se tinham acostumado a ir à igreja consultar sacerdotes acerca dos seus problemas, «mantendo crenças incompatíveis com a moralidade soviética».

Um dos representantes da União Soviética nos Estados Unidos assevera que 4 ou 5 por cento dos rapazes frequentam a igreja. Acrescentava: «Vigiamos-os de perto, porque o comunismo nunca teve de se incomodar com os que não vão à igreja».

A *Gazeta Literária Russa* queixava-se de um jovem engenheiro que fizera um sermão ao povo de joelhos, de cabeça curva. O jornal comunista pensava que a religião ia demasiado longe, pois o engenheiro convidara o povo a «rezar pelos inimigos».

A revista «*Crocodilo*» lamentava-se de que os cidadãos na região de Semipalatinsk eram incapazes de arranjar autocarros, tal era a afluência oficial ao cemitério, no dia dos fiéis defuntos.

O jornal *Komsomolskaya Pravda*, destinado à juventude comunista, informava nas suas colunas que rapazes e mulheres se submetiam cada vez mais à influência da religião, até mesmo jovens, membros do Novo Partido Comunista. Por essa altura foi publicada uma carta de um pai, anunciando ao Comité regional do Partido Comunista que sua filha Vera, de vinte e um anos, estudante numa escola de rádio comunista e membro do Jovem Partido Comunista, estava a preparar-se para entrar num convento.

Em Abril de 1954, o mesmo jornal evidenciava a preocupação do Partido Comunista, devido ao aumento de religião, queixando-se de que gente nova,

treinada no ateísmo, frequentava igrejas, recebia os sacramentos, assistia às cerimónias religiosas e falava até abertamente de aparições. Apareceu também impresso o protesto de que os membros da Jovem Liga Comunista não liam literatura ateísta. Ninguém tocara em cinquenta brochuras, guardadas na estante.

Outro artigo declarava: «Na aldeia de Sviatisty existe uma igreja ortodoxa. O padre é ajudado por um conselho de paroquianos, enquanto que no clube comunista só há um ou dois membros. Na igreja existe um coro excelente; no clube só há uma guitarra quebrada».

O mesmo jornal continua a dizer: «Os padres parece terem mais êxito em ganhar adeptos do que a Jovem Liga Comunista, porque os padres pregam sermões com paixão e convicção, sem ser preciso recorrer a notas», o que não era costume entre os oradores comunistas, que tinham de seguir as diretrizes comunistas.

A *Gazeta Literária* de 14 de Outubro de 1954 denunciava um fisiologista e especialista em doenças nervosas, membro da Academia das Ciências Médicas em Leninegrado, que se recusara a fazer conferências sobre a incompatibilidade da religião e da ciência, dizendo: «Não posso fazê-lo em consciência, porque sou um crente e não há incompatibilidade entre religião e ciência».

O último decreto do partido comunista de 10 de Novembro de 1954 desiste dos ataques aos crentes, porque só serviam para intensificar a religião. Khrushchev diz-nos que haverá intensificação do ateísmo num nível ideológico.

Em frente desta decisão, há duas observações a fazer:

1.º Khrushchev e o Partido Comunista cometeram grande erro, limitando a propaganda ateísta a um nível ideológico. Logo que o ateísmo tente confrontar a religião com a razão, o ateísmo perderá. Khrushchev sair-se-ia muito mais airoso se se contentasse com o método de Voltaire, que se gabava de destruir o cristianismo, levando o povo a troçar. A razão está do lado da religião e não do ateísmo. O ateísmo é demasiado negativo: andar pelo mundo a protestar contra o amor equivale a protestar contra Deus. Amor da Família, amor da nação, amor da esposa pelo marido nunca podem ser arrancados aos corações humanos, tal qual como acontece com o amor de Deus.

2.º A segunda observação é que Khrushchev, limitando o ateísmo a um nível ideológico, repudia Lenine que, na «Religião», trabalho publicado em Nova Iorque em 1935, a página 14 dizia: «A luta contra a religião não deve limitar-se nem reduzir-se a discursos ideológicos». Parece que os comunistas já não lêem Marx; deixaram até de ler o seu Lenine.

O aumento da religião na Rússia. A despeito do facto de no passado terem sido assassinados por sua fé centenas de fiéis, a despeito de tantos padres terem sido exilados e mortos, e igrejas fechadas, hoje a religião aumenta constantemente na Rússia. No momento actual, há 55 igrejas abertas em Moscovo, 14 em Leninegrado e 5 em Kaza. Na Rússia há para cima de 7.000 padres russos ortodoxos, em acção.

Para estudos avançados teológicos funcionam duas academias religiosas e oito seminários. O curso dura oito anos. O seminário de Moscovo conta com mais de 200 estudantes; o seminário de Leninegrado tem 329 alunos, 19 professores e uma livraria com 100.000 obras teológicas, que tinham escapado escondidas, durante os dias de perseguição. Uma das grandes catedrais medievais — a Catedral da Assunção em Vladmir — está a ser restaurada. Existem agora na Rússia, pelo menos seis conventos; um deles está instalado no mosteiro medieval de Kiev, onde há também um museu de arte pagã. Nos serviços do domingo de Páscoa, mais importantes na Rússia do que os do Natal, pelo menos quatro por cento da população de Moscovo assiste aos serviços religiosos, que duram três horas.

A religião aumenta sempre, porque não se fundamenta nos métodos económicos da produção, mas sim nas necessidades básicas do coração humano e nos ditames mais saudáveis da razão humana. O comunismo não pode dar resposta a todas as interrogações; só pode fazê-lo uma religião que ergue uma Cruz. Artur Koestler conta-nos que numa conferência de escritores comunistas, depois de se terem ouvido muitos discursos, relativos à nova civilização comunista, André Malraux perguntou: «E que me dizem acerca do homem que morreu atropelado por um automóvel na rua? «Seguiu-se um longo silêncio, e então um comunista respondeu que o sistema de transportes do comunismo seria tão perfeito que ninguém correria risco de ser atropelado. Todavia, aquilo significava que o comunismo pode entoar palavras de louvor ao homem, morto na luta pela revo-

lução? Tais vidas não têm significado algum no universo comunista. O que a religião está a provar é a eterna verdade: a religião não é uma sobrevivência; civilizações são sobrevivências no sentido da sua influência poder continuar por algum tempo, embora a civilização desapareça. Nenhuma civilização material se manteve jamais através dos séculos. Babilónia, Cartago, Roma, Atenas conheceram a sua primavera e verão, seguidos pelo inverno do descontentamento e pela morte; o cristianismo, porém, é alguma coisa que morre para renascer constantemente. A cada instante ouve-se tocar o sino para a sua execução — que nunca vem a ser realidade. Acontece assim, porque o cristianismo se fundou no facto de Alguém ser crucificado e fazer o seu caminho, ressurgindo de um túmulo. A pedra rejeitada pelo construtor foi feita pedra de ângulo pelos tempos fora.

O que pode acontecer na Rússia pode contar-se sob a forma de uma velha lenda árabe. Uma noite, um camelo chegou à tenda de um árabe, introduziu a cabeça lá dentro e perguntou ao árabe se se importava que metesse a cabeça debaixo da tenda, durante a noite. O árabe consentiu. Então o camelo perguntou se podia pôr a pata direita dentro da tenda. O árabe anuiu. Depois, o camelo pediu para lá meter também a pata esquerda. O árabe deu o seu consentimento por um aceno de cabeça. Em seguida, o camelo rogou: «Não te importas que meta cá dentro a minha corcova?». Quando o árabe consentiu, o camelo disse-lhe: «Agora, vai tu embora». Qualquer coisa de semelhante pode também acontecer na Rússia, quando o comunismo for con-

vidado a sair, através do único processo revolucionário que não deixa ódio no coração do homem.

Em linguagem histórica, pode dar-se a repetição da experiência de Juliano, o apóstata, que tentou fazer reviver os instintos bárbaros em Roma, perseguindo os cristãos. Como perdera a fé, a consciência não lhe consentia descanso, embora não permitisse que ninguém, diante dele, defendesse os direitos da consciência. Juliano percorreu o império para estudar os efeitos da perseguição e da sua propaganda pagã. Chegou a Antioquia e visitou as hospedarias, tabernas e casas, de forma a auscultar o progresso das suas ideias. Encontrou Agatão, seu conhecido dos dias de cristianismo. Juliano disse-lhe: «Que aconteceu a esse carpinteiro da Galileia? Ainda se diverte com as suas extravagâncias?»

Agatão respondeu-lhe: «Sim, está a construir um caixão para tí e para o império romano».

Seis meses mais tarde, Juliano morria de uma pequena ferida. Circularam boatos de que morrera, exclamando: «Ó Galileu, tu venceste!» Se disse estas palavras ou não, não sabemos. Permanece contudo o facto: esse Galileu tinha vencido.

Vence sempre — até na Rússia!

CAPÍTULO XXIII

CASTIGO CORPORAL OU NÃO?

Um erro em qualquer assunto é o excesso ou falta do que é bom. Com respeito ao treino da juventude, observamos o erro do mundo ocidental e o erro do mundo comunista. O erro do mundo ocidental consiste em treinar a juventude no amor sem a disciplina; o erro do comunismo consiste em treinar a juventude na disciplina sem o amor.

O erro ocidental consiste em identificar liberdade com licença e disciplina com restrição. O falso ideal consiste na anulação da vigilância do professor, na anulação do castigo, na anulação da obediência, na anulação da força propulsora de um ideal, na anulação das delimitações da lei, na anulação do trabalho em casa, na adulteração do lar e na liberdade de não trabalhar. A «emancipação» identifica-se assim com a ausência de todas as leis; o progresso, em vez de se entender como esforço em busca de ideal, é interpretado como movimento; não importa para onde é que a juventude caminha; a única coisa importante é estar a caminho, agitar-se. Os novos, sujeitos a tal sistema, lembram maçãs verdes, separadas da árvore sem raízes na terra e sem ramos a erguerem-se para o céu. Por um lado, estão des-

providos de tradição; por outro, faltam-lhes os ideais supremos.

O comunismo vai até ao outro extremo: é a disciplina sem liberdade e sem amor. Antes de tomar de assalto um país, o comunismo encoraja o erro ocidental da liberdade sem lei, ensinando o desprezo pela autoridade paterna e pelas leis morais: incita até à imoralidade e luxúria, de maneira a transformar mais rapidamente a liberdade em licença.

Todavia, logo que os comunistas tomam um país, a sua atitude muda por completo: A juventude passa a ser submetida a uma disciplina de ferro. A juventude tem de renunciar ao livre arbítrio, à liberdade, às suas opiniões e à personalidade, para se estabelecer uma sociedade revolucionária. Agora sacrifício, renúncia, disciplina e ascetismo constituem parte integrante no padrão do treino comunista. Aos rapazes exige-se-lhes que renunciem à família, aos amigos, ao direito de pensar, até ao direito de existir. Num livrinho para a mocidade comunista, lê-se: «Se procuras a perfeição individual estás em erro. Só existe um mandamento. Obedece ao partido». A juventude é forçada a fazer «retiros» de doutrinação, onde lhes exigem a promessa de não usar sapatos, de trabalhar oito a doze horas por dia, sete dias por semana, tomar só uma refeição diária, se for preciso, de maneira a estabelecer uma sociedade revolucionária.

O erro do mundo ocidental — amor sem disciplina — produz o amolecimento da vontade. O erro comunista de disciplina sem amor produz o endurecimento da sensibilidade. A virtude ou antes o princípio certo, a melhor forma de educar a juventude reside na liberdade, através da disciplina. Assim

como um jardim só é cultivado arrancando-lhe as ervas daninhas, assim como um potro só está apto para o serviço, depois de treinado pelo picador, assim como a energia eléctrica só deve ser utilizada para fins industriais e não para bombardear cidades, assim a juventude, por meio da disciplina aprende a compreender a liberdade gloriosa da designação: filhos de Deus.

A liberdade através da disciplina exige duas coisas:

- 1.º — Amor
- 2.º — Disciplina

1.º *Amor*. Para educar uma criança não é necessário recorrer a uma série de regras ou a um código, que só podem imprimir correcção na atitude externa. O amor é o único meio de inspiração; ora o amor é impossível, isolado da criatura. Acima do amor pelos seres humanos está o amor pela divina Perfeição, encarnada no Deus-homem, em Jesus Cristo, Nosso Senhor. Evita-se então o mal, não porque é infracção de uma lei, mas porque ninguém suporta ferir Alguém a quem se tem amor e que nos ama.

É muito mais fácil treinar um jovem no amor de Deus, feito Homem para nos salvar, do que treiná-lo no amor de um príncipe que se transformou em aldeão para pagar as dívidas. É tão fácil para uma criança compreender como as orações circulam através do universo, como explicar-lhe que, fazendo girar um botão num rádio, tomamos contacto com uma pessoa invisível.

Não existe uma criança, educada sob a inspira-

ção do Amor de Deus, que, vendo-se forçada a ir a um dentista, não ofereça as suas dores em união com os sofrimentos de Jesus Cristo, pregado à Cruz. O jovem pode dizer dentro do seu coração: «Assim como Ele sofreu por mim, também quero ter paciência no meio das minhas dores».

Uma criança compreenderá facilmente a inspiração da mãe que lhe diz para não odiar os companheiros, que acabam de lhe fazer mal, porque Nosso Senhor perdoou aos que O crucificaram. Um rapazinho pode ter paciência com o irmãozinho que o importuna ao lembrar-se do Salvador, inspirando-se na sua divina paciência com os apóstolos ignorantes. Para uma criança, a quem ensinam a agradecer a Deus as Suas Bênçãos, sobretudo o dom da fé, não é difícil inculcar-lhe como segunda natureza a gratidão e a alegria de agradecer.

Sobretudo, sob a inspiração da Cruz, uma criança aprenderá a conhecer o espírito de sacrifício e o desejo de renúncia. Através do amor que Cristo lhe consagra, será fácil convencê-la a mandar algum dinheiro das suas economias para ajudar leprosos ou crianças pobres nas terras onde lutam os missionários; não será difícil até que renuncie a divertimentos e a gulodices em benefício dos que sofrem. Estas pequenas mortificações dos sentidos da vista e do gosto hão-de constituir-lhe a melhor escola da melhor disciplina para a vida futura, em que será forçosamente chamada a negar a si próprio excessos da carne e excessos de álcool.

2.º *Disciplina.* Falamos aqui de disciplina, como símbolo do castigo corporal. A punição corporal impressiona fisicamente e desenvolve o carácter,

desde que o castigo seja forte e aplicado com a necessária frequência. Há alguns anos foi distribuída aos reitores e directores das escolas uma circular, enviada pelo Ministério da Educação de Nova Iorque, exprimindo o desejo dos professores, numa época em que o castigo físico não é lícito:

«Há cem anos, ensinava-se com regra e ordem.

«Batíamos e ensinávamos» era o mote da escola.

No fim de cada *curriculum* estava enfaticamente marcado o desolado caminho, percorrido pelos novos, até ao conhecimento.

Hoje, porém, se o professor se aventura a uma suave reprimenda, logo os psicólogos escrevem indignados, e vinte pais instauram-lhe um processo.

A psiquiatria e a direcção-geral proibiram todo o castigo, mas, por vezes, os mestres desejam ter vivido há cem anos».

Em boa disposição, poderíamos especular se a delinquência juvenil não teria aumentado em razão directa e em proporção com as máquinas eléctricas de fazer a barba, e as garagens. As máquinas acabaram com as navalhas de barba; as garagens acabaram com os telheiros. Não pode negar-se o facto de que o amolecimento das teorias da educação moderna para a mocidade e a falta de disciplina são linhas que correm paralelas ao aumento da delinquência juvenil. Não desejamos advogar o castigo

físico, excepto como símbolo disciplinar. É interessante, contudo, ouvir os argumentos contra a punição física.

1.º «Se eu bater no meu filho, ele não gostará de mim».

2.º É sinal de opressão.

3.º É manifesto espírito de autoridade.

Modernamente, a maior parte dos psicólogos infantis opõem-se ao castigo corporal. Um psicólogo infantil foi definido como alguém incapaz de bater numa criança — excepto em autodefesa.

Aos que alegam: «Se eu bater no meu filho, ele não gostará de mim», podemos realmente responder: «Se não souber disciplinar o seu filho, ele nunca lhe terá amor». Uma criança atinge facilmente o ponto em que não sente pelos pais respeito algum. Suponhamos que dizemos a uma criança: «Não metas os dedos naquele frasco de tinta». A criança mete o dedo no frasco de tinta. A mãe limpa-lhe a tinta dos dedos e exclama: «Disse-te para não meteres os dedos naquele frasco de tinta. Não o faças outra vez». A criança pensa: «Terei de esperar um minuto; agora, ela está zangada. Mas vou experimentar outra vez. Muito bem! Parece-me que já se passou bastante tempo. Vamos lá». A criança diz: «Eu meto o dedo!» A mãe grita: «Disse-te que não fizesses isso». Ela espera desta vez mais trinta segundos, repete o acto da imersão e a mãe não faz caso da sua desobediência. Desde esse momento, a mãe deixa de exercer a menor autoridade sobre o filho. Ele tornou-se patrão, ela serva. As mães que têm medo da

disciplina, pensam ser a dor mais importante do que o mal. Quando as crianças crescem, não detestarão os pais porque as disciplinaram, quando procediam mal, mas sim porque não as ensinaram a distinguir entre o bem e o mal. Vale mais que a criança chore, quando é nova, do que chorem os pais quando ela for homem.

A segunda razão contra o castigo corporal é ser sinal de opressão. Mas, todo o professor oprime intelectualmente o aluno; todo o professor de música oprime o rapaz, que começa as suas lições de trombeta; todo o médico oprime a criança, a quem faz a vacina contra a poliomielite.

O professor de boxe certamente que oprime o jovem a quem dá lições. O motivo por que cada filho ama o pai é porque crê que o seu pai é mais forte do que todos os pais da vizinhança. A qualidade opressiva do pai consiste em acordar a admiração no ânimo do filho. Porque se deve objectar pois ao direito do pai de castigar, quando for necessário, o seu próprio filho, é claro, sem excessos de disciplina, nem desproporção com a ofensa, e sempre como último recurso, sem que nesse castigo entre irritação pessoal? As crianças de boa índole raramente carecem de disciplina-castigo corporal. Não devemos porém esquecer que nenhum de nós respiraria hoje, se ao nascer, não nos tivessem aplicado umas boas pancadas.

A terceira objecção ao castigo é ser sinal de autoridade. Esta objecção esquece completamente que os pais têm de exercer autoridade sobre os filhos, autoridade conferida por Deus. O direito de educar pertence em primeiro lugar aos pais; o estado

recebe a licença dos pais. Ao Congresso é dada a autoridade de promulgar leis para bem da nação; à polícia cabe a autoridade de dirigir o tráfico. Muitas vezes os educadores que se vangloriam da sua oposição a toda a autoridade são aqueles que se curvam profundamente diante dessa autoridade anónima: «eles». Por exemplo: «Este ano eles usam verde», ou «eles dizem que a crença em Deus é medieval». Vale mais reconhecer uma autoridade pessoal, como Cristo, do que esta autoridade anónima, que nunca se pode identificar. A autoridade real não existe para seu proveito próprio, mas para o bem dos subordinados. A autoridade do piloto dentro do aeroplano não consiste em divertir-se a executar curvas após curvas, mas sim em proteger a segurança dos passageiros. A autoridade do fabricante de um automóvel, que dá suas instruções sobre a forma como o automóvel deve ser conduzido, não consiste em lisonjear o próprio eu, mas sim em agradar aos clientes. Nos pais, a autoridade anda ligada indissolúvelmente ao amor. Assim acontecia com Nosso Senhor que só conferiu autoridade a Pedro para olhar pelas suas ovelhas e pelo seu rebanho, depois de Pedro ter afirmado três vezes o seu amor pelo divino Mestre.

Nem só as crianças cometem erros. Neste ponto, constituímo-nos advogados dos filhos e exprimimos três recomendações, que eles gostariam de fazer aos pais.

1.º *Evitai estar sempre a dar ordens.* Todos os pais se defrontam com o problema quando hão-de dar mimo aos filhos e quando chega o momento da severidade. Alguns pais dão constantemente ordens irritantes, como «não atires com a porta», «não andes

sempre curvo», «senta-te direito», «tira os pés do radiador», «tira os dedos do vaso», «não grites», «mete os pés para dentro». Passado algum tempo, as crianças já não sabem diferenciar as ordens importantes das que o não são, e desistem de obedecer. Quando uma criança ouve muitas ordens, é fácil resolver-se a cansar a paciência do «homem das ordens». Os pais autoritários são aqueles que só sabem censurar, e só dão fé dos erros cometidos pelos filhos, são os que nunca elogiam os filhos, quando procedem bem. «Vai ver o que faz o João, e diz-lhe que o não faça».

Dar ordens exige tanta abnegação da parte de quem as dá, como obediência do que as cumpre. Se alguém ordena, não é com o fim de exercer a sua autoridade ou subjugar uma criança. Os pais não são o poder que não se deve desafiar; são defensores de um valor moral através do amor. Muitas vezes aconselhar vale mais do que mandar; uma discussão pode ter mais influência do que uma ordem. Os pais devem saber quando lhes compete desistir de mandar, pois o seu alvo não é desenvolver modelos de comportamento externo, mas sim favorecer a liberdade interior, ligada à responsabilidade.

2.º *Pais que se recusam a ouvir.* A segunda queixa dos filhos é o desinteresse dos pais e mães pelos seus desportos, jogos, gostos e desgostos. Os filhos não gostam dos pais que só falam para eles e não com eles. Todas as mães gostam de ouvir o primeiro balbuciar do filho mas mais tarde falham, não mostrando o menor interesse pelos «problemas de dona de casa» da filhinha com as bonecas. Muitas vezes, o filho aproxima-se do pai para este lhe arranjar

um avião modelo, e o pai responde: «Deixa-me em paz; estou a ouvir um programa de televisão».

Porque os pais não têm tempo para aquilo que consideram «ninharias» nos filhos, mais tarde sofrem o castigo do seu desinteresse, sentindo como os filhos não confiam neles. Devemos rir com as crianças, mas nunca rir delas.

Quem faz troça de um rapazinho ou de uma rapariguinha e lhes ridiculariza os inocentes afectos, esquece que na vida precisamos mais de quem nos ampare do que de quem nos censure. A pequenita, que traz à mãe dentes de leão como testemunho de afecto, não deve ser repreendida; a mãe deve colocá-los dentro de uma jarra, com todo o carinho. Os presentes que oferecemos a Deus, por vezes não são mais preciosos do que os dentes de leão e Deus aceita-os. Os pais que se queixam: «os filhos, hoje, não querem ouvir-nos», são muitas vezes pais que não sabem escutar os filhos. Por vezes, naturalmente, as perguntas dos filhos cansam. Aquilo a que os pais chamam «perguntas tolas» são muitas vezes perguntas a que os pais não sabem responder. Uma vez, uma pequenita perguntou à mãe: «Mãe, quanto valho eu para ti?». A mãe respondeu: «Um milhão de dólares». A rapariguinha disse: «Não podias dar-me por conta algum dinheiro?».

3.º *Pais que não fazem distinção entre o que é mau e irritante, entre o que é falso e o que enerva.* Por exemplo, tocar tambor ou trombeta, fazer barulho às duas da manhã, disparar espingardas, usar calão, assobiar, tudo isso pode ser irritante para os pais, mas não se trata em todo o caso de coisas maldosas.

É natural nas crianças procederem de maneira

a irritar os grandes. Irreflectidas, barulhentas, trocistas, sempre desejam brincar. Muitas destas coisas, naturais nas crianças, irritam os pais que não possuem autodomínio. Educar os filhos no sentido do bem e do mal, ensinando-os a exercer o livre arbítrio em nome do bem, seria preferível em vez de ralhar-lhes constantemente porque neles estua, plena, a vida. Há direitos e deveres, tanto da parte dos pais como dos filhos. Um filho, cômscio unicamente dos seus direitos, apresentou à mãe a seguinte conta, pedindo-lhe para a pagar:

Fui à loja sete vezes	21\$00
Cuidei do bebé quatro vezes	12\$00
Tomei um banho extra	3\$00
Limpei o quarto	6\$90
Lavei bem as orelhas quando a tia Ema veio ver-nos	2\$70
	<hr/>
Total	45\$60

A mãe prometeu pensar no caso. No dia seguinte, entregou esta conta ao filho:

Alimentação e casa durante 12 anos	144.000\$00
Fraldas	840\$00
Vestuário durante 12 anos ...	18.000\$00
Lavar e compor roupa	8.400\$00
Contas do médico (bexigas lou- cas, trasorelho)	4.200\$00
Enfermagem (durante este pe- ríodo)	6.000\$00

Indemnizações pagas por janelas quebradas dos vizinhos	438\$00
Honorários pagos ao veterinário do cão, prenda do dia em que fizeste dez anos	1.140\$00
Livros, lápis, caixas de construção	1.470\$00
Vários objectos	16.140\$00
	<hr/>
Total ...	200.628\$00

Quando o rapaz viu a conta, disse: «Muito bem, Mamã, que queres que eu faça hoje?».

Filhos: Educai os pais a terem confiança em vós.

Pais: Cada filho é um pergaminho em branco. Vós escreveis os primeiros capítulos da sua existência; o filho completa depois o que os pais começaram.

Moços: A vossa mocidade é a única seta que possúis na aljava. Fazei todos os esforços para que o alvo seja o mais nobre que há na vida. Tentai conquistar a perfeição na Vida, a Verdade e o Amor, isto é, Deus.

CAPÍTULO XXIV

A CANTIGA RUSSA DA COEXISTÊNCIA

A coexistência é própria dos reinos inanimados; as pedras existem; viver é próprio do reino vegetal; as couves vivem. Sentir é próprio do reino animal; os gatos sentem. Amar é próprio do género humano: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei».

A coexistência é para aqueles que são incompatíveis, como homem e mulher sempre em brigas. Os tigres e os leões coexistem num jardim zoológico, mas seguem trilhos diversos.

Porque a coexistência é infra-humana e abaixo das normas pelas quais as nações deveriam viver em harmonia, torna-se necessário pôr à prova a sinceridade das propostas de coexistência.

A prova que Nosso Senhor nos propõe é que devemos julgar a árvore pelos frutos. Uvas não podem colher-se nos espinhos, nem figos nos cardos. Quando os Sovietes afirmam o seu amor pela paz entre protestos de carácter pacífico, procurando o testemunho das nações satélites, é razoável observar-lhes o passado e pormo-nos a estudar se cumpriram as promessas de «coexistência pacífica», ou se utilizaram essa coexistência para saque das nações e prostituição do povo, tiranizando os grupos

da minoria e confiscando máquinas de produção de diversos países.

COEXISTÊNCIA

Promessa de Coexistência

1933 Convênio de Litvinoff. Litvinoff promete ao presidente Roosevelt que a Rússia não organizará partidos ou grupos comunistas, nem utilizará cidadãos americanos para fomentar a revolta contra o governo americano.

1926 Pacto lituano de não agressão com os Sovietes.

1928 A União Soviética assina o pacto de paz Kellog-Briand, repudiando guerras.

1929 Os Sovietes renunciam à guerra no protocolo com a Polónia.

1932 Os Sovietes assinam o pacto de não agressão com a Finlândia.

Violação de Tratados

1934 A Rússia soviética organiza células comunistas na América com o fim de obter a preponderância na autoridade.

1940 Os Sovietes anexam a Lituânia.

1929 Os Sovietes invadem a Manchúria para tomarem de novo posse do caminho de ferro oriental da China.

1939 Os Sovietes atacam a Polónia oriental.

1939 Os Sovietes invadem a Finlândia.

1939 Os Sovietes assinam o pacto de não agressão com a Estónia.

1932 Os Sovietes assinam o pacto de não agressão com a Letónia.

1932 Os Sovietes assinam o pacto polaco de não agressão.

1935 Aliança checo-soviética.

1937 Pacto chinês-soviético de não agressão.

1939 Aliança entre a Estónia e os Sovietes.

1939 Aliança entre a Letónia e os Sovietes.

1939 Aliança dos Sovietes com a Lituânia.

1945 Aliança polaco-soviética.

1940 Os Sovietes anexam a Estónia.

1940 Os Sovietes anexam a Letónia.

1939 Os Sovietes apoderam-se da Polónia.

1939 Os Sovietes recusam-se a ajudar a Checoeslováquia contra Hitler.

1949 Os Sovietes saqueiam as indústrias da Manchúria.

1940 Os Sovietes anexam a Estónia.

1940 Os Sovietes anexam a Letónia.

1940 Os Sovietes anexam a Lituânia.

1947 Os Sovietes apoderam-se da Polónia.

1945 Os Sovietes reconhecem o governo nacionalista da China.

1950 Os Sovietes reconhecem o governo popular comunista da China, e pedem para este um lugar nas Nações Unidas.

No seu discurso sobre coexistência, pronunciado no quinquagésimo Congresso do partido comunista a 2 de Dezembro de 1927, Estaline disse:

«Não podemos esquecer as palavras de Lenine de quanto depende do facto de nós conseguirmos protelar a guerra com os países capitalistas — que é inevitável — mas que pode ser retardada por três processos:

- 1.º Até que a revolução proletária amadureça na Europa ou...
- 2.º Até que as revoluções coloniais atinjam ponto culminante, ou enfim...
- 3.º Até que os capitalistas se digladiem entre si sobre a divisão das colónias.

Eis porque se torna tarefa obrigatória a manutenção de relações pacíficas com os países capitalistas. A base das nossas relações com os países capitalistas consiste em admitir a coexistência de dois sistemas opostos».

À luz destes e doutros factos, que poderíamos ajuntar, é óbvio como aquilo a que os Sovietes chamam «coexistência pacífica» não passa de arranjo temporário, manobra táctica, acomodação aos pro-

blemas históricos do momento, de maneira a poder levar a efeito a revolução mundial. Lenine afirma que todas as formas de mentira, extorsão e ludíbrio eram permitidas desde que auxiliassem a revolução comunista. Estaline declarou ainda que a coexistência como fenómeno permanente não era reconhecida pela filosofia comunista, pois os dois sistemas de comunismo e aquilo a que se chamava capitalismo não podiam existir.

A América tem tendência a acreditar em frases de efeito, como, por exemplo «coexistência pacífica» e tal facto torna-a como a mulher que acredita pensar a amiga realmente que ela conserva aspecto tão juvenil como lhe afirma. Os factos históricos provam que a coexistência no espírito dos Sovietes termina sempre na uni-existência. O lobo prometeu coexistência ao cordeiro, mas quando o lobo devorou o cordeiro havia somente uni-existência. Quando alguém faz ressoar este aviso perante as intenções soviéticas, dado o facto de os Sovietes nunca terem cumprido a sua palavra no passado, os ingénus gritam: «O que lá vai, lá vai; não vale a pena chorar, depois do leite entornado». Não nos parece facto tão trivial como o de «entornar leite» a subjugação de 37 povos (entre cem existentes no mundo) à tirania comunista; admitindo porém tratar-se duma trivialidade, vejamos ao menos quem seria que quebrou a caneca.

A base da coexistência. O que implica coexistência? Não implica amor, nem honestidade, nem justiça ou cooperação; portanto não implica paz. Paz é a tranquilidade da ordem; ora ordem pressupõe justiça. Tal qual como um casamento sem amor é coexis-

tência, assim entre as nações coexistência é o convênio sem paz. A base da coexistência é o medo, antagonismo mútuo, em que um tolera o outro porque não ousa correr o risco de morrer. Coexistência é aquilo a que podemos chamar «paz gélida». Na ordem conjugal, pode ser comparada ao marido e mulher que vivem em estado de mútuo antagonismo. A mulher segura na mão uma preciosa jarra de Ming, pronta a atirá-la à cabeça do marido; por sua vez, o marido ergue no ar o seu precioso taco de golfe, pronto a descarregá-lo sobre a cabeça inimiga. Todavia, ambos se abstêm momentaneamente do conflito armado, porque nenhum deles deseja arriscar objectos de tanto apreço.

Outro exemplo desta base de coexistência: imaginemos que isto aconteceu nas Nações Unidas: O sobrinho Khrushchev e seu tio Sam decidem coexistir no mesmo quarto. Ambos vão deitar-se muito tarde, porque cada um deles tem medo de ir para a cama, enquanto o outro estiver a pé. Finalmente, retiram-se no mesmo momento, e o tio Sam diz: «Boa noite, sobrinho Khrushchev». O sobrinho Khrushchev responde: «Boa noite, tio Sam». Ambos se viram para o lado oposto, metem a mão debaixo dos respectivos travesseiros e puxam pelas pistolas, para verem se estão carregadas.

A coexistência é inspirada pelo medo, principalmente pelo medo de cada uma das partes não sobreviver. Existe porém uma pequena diferença na qualidade do medo de cada um deles.

Tendo desenvolvido a bomba atômica e tendo tornado públicos os seus efeitos, a América sabe como o uso indiscriminado da bomba pode eventual-

mente terminar por destruir toda a vida em muitas partes do planeta.

Existe o receio de não sobreviver, tanto entre os Sovietes como entre nós. Resta agora saber se este receio tem alguma coisa que ver com o seu plano, assim chamado de «coexistência pacífica».

Em Março de 1954 apareceu um artigo no órgão do partido da Academia de Ciências da República Soviética, intitulado «Problemas da filosofia». O autor era I. A. Seleznyev. Este artigo explica por que motivo a União Soviética considera aceitar a coexistência como elemento na política estrangeira, em contraste com Marx, cuja filosofia não admite coexistência.

A posição marxista defende ser imanente na natureza e na história a lei de tensão progressiva entre os que possuem propriedades e os que as não possuem, ou na linguagem comunista — entre capitalismo e proletariado. Esta tensão aumenta até ao ponto em que se dá a revolução comunista — «a expropriação dos expropriadores e a transferência da propriedade para as mãos do Estado socialista».

Agora, Marx é lançado pela borda fora, porque os comunistas reconhecem que a lei não deu os resultados previstos. No duplo significado do artigo, Marx é rejeitado por estas palavras: «As contradições que surgiram entre o capitalismo, prestes a ser justicado, e o crescente comunismo não carecem necessariamente de ser resolvidos pela luta armada entre eles».

O autor corrige ainda Marx, dizendo que a União Soviética não deve esperar o rápido colapso do capitalismo; o comunismo no mundo ocidental não

deve ter nascimento fácil; a lei marxista não deu o resultado esperado; por isso, tinha de haver «coexistência durante períodos históricos, mais ou menos longos».

O segundo artigo apareceu no «Comunista» em Outubro de 1954 com o título de «Coexistência pacífica de dois sistemas». O autor é A. Leontyev, um dos advogados da polícia soviética no estrangeiro. De novo surge a repetição da ideia, defendida por Marx — o capitalismo havia de desintegrar-se por si próprio, devido às suas intrínsecas contradições.

O que é novo neste artigo, contudo, é o autor corrigir Marx. Marx foi buscar a Hegel a ideia de que os máximos conflitos e violências na sociedade podem produzir as máximas alterações nos negócios humanos. Marx assim o diz no seu tratado sobre «A pobreza da filosofia»: «A parte má da história é a que produz o progresso, provocando a luta». Por outras palavras, o progresso em direcção ao comunismo atinge-se muito melhor pela violência, por meio da revolução comunista. Aparece agora uma ideia nova. A era atómica veio alterar o pensamento comunista, sem ser preciso exprimi-lo em muitas palavras. O artigo sublinha a conclusão — «a era atómica é capaz de desencadear violência destrutiva de alcance tão ilimitado que, comparada a esta fúria tremenda, a violência comunista torna-se trivial e insignificante». Noutras palavras, imaginava-se outrora que a violência comunista era a violência mais espantosa no mundo, capaz de produzir o estado comunista: acontece agora que a época atómica produz capacidade de mais estranha violência destrutiva do que a violência comunista. E, o que é pior: «o inimigo»

é detentor desta violência atômica, tal qual como os Sovietes. Por isso, os Sovietes não podem correr o risco de perder o que já ganharam; eis o motivo por que o autor no decurso do artigo recomenda por três vezes:

«Coexistência por longos períodos de tempo». Durante estes períodos de coexistência, espera continuar a minar sem guerra, até conquistar finalmente o mundo como já fez com a China, parte da Coreia e a Indochina. Noutras palavras, é por medo de pôr em perigo tudo o que já ganhou que o comunismo procura a coexistência, durante a qual continuará a obra da revolução por atrito, mais do que por meio de conflito armado.

As guerras hoje assumem aspecto total. Provavelmente, a última guerra entre homens educados foi a guerra civil. Hoje, a guerra é luta pela sobrevivência. Através das irradiações atômicas, podem surgir perturbações no planeta, e até é possível que as gerações futuras fiquem defeituosas física e mentalmente. No fim de uma guerra atômica, não haverá conferência de paz; apanharemos unicamente os bocados que restem da destruição. A guerra, até agora era um meio para um fim. A guerra atômica será um fim! Eis o motivo por que se advoga a coexistência.

Pode um tal medo ser base para a paz? Winston Churchill fornece-nos uma esperança de estranho optimismo, ao dizer-nos: «Quando o progresso das armas destrutivas der a cada um a possibilidade de matar, ninguém terá vontade de matar».

É loucura acreditar que os tremendos instrumentos de destruição induzirão o homem a esquecer

a guerra. Lembremo-nos que, por ocasião da dinamite ser inventada, defendia-se a ideia de que a guerra acabava de ser abolida. Quando Maxim inventou o canhão, disse-se que desde esse instante a guerra se tornava impossível. Muitas vezes, a rapidez da destruição, consequência da explosão atômica, faz nascer em algumas nações a esperança de que a guerra será rápida, questão de pouco tempo. Quando a arte bélica passar a um plano tradicional, menos mortal, se a paixão se desencadear a bomba atômica será então utilizada como último e desesperado trunfo no jogo. Não devemos contudo esquecer que existe uma única força, com eficácia para evitar o uso de uma arma destrutiva, tal como a bomba atômica. Esta força é a força moral, a força espiritual. Dado o declínio da moralidade entre as nações, não podemos contar com restrições desta ordem. Por exemplo, em 1935 a Inglaterra era muito sensível quanto ao uso de aviões para lançamento de bombas nas fronteiras do Médio Oriente e da Índia. Lord Londonderry disse na Câmara dos Lordes em 22 de Maio de 1935 que só com grande renitência se admitia o bombardeamento numa frente limitada.

Em Setembro de 1939, os governos inglês e francês anunciavam que só seriam bombardeados objetivos estritamente militares no verdadeiro sentido da palavra. Em Fevereiro de 1940 dizia o Sr. Chamberlain na Câmara dos Comuns: «Vão os outros aos extremos que quiserem, o governo não recorrerá a ataques infames a mulheres e civis, só no propósito de mero terrorismo».

Dois anos após o discurso do Sr. Chamberlain, em Fevereiro de 1942, o comando do bombardea-

mento britânico recebia estas directrizes do Gabinete de guerra:

«Focar operações com o fim de destruir o moral da população civil e, em particular, dos trabalhadores industriais». Escolheram Lubeck, em seguida Rostock e depois Colónia e outras cidades, à medida que ia aumentando o aviltamento dos padrões morais. Lembremo-nos também que a União Soviética não trabalha com limites morais, como o resto do mundo. Marx declarou que o individuo não é nada em si; só importa a classe. A filosofia tão agressiva da União Soviética, operando fora do âmbito dos dez Mandamentos, poderia muito rapidamente provocar represálias no mundo ocidental, que teriam muito pouco de comum com a lei moral que deve orientá-la, como se supõe. Se reduzirmos o número das bolas de neve entre rapazes, empenhados numa luta de projecteis, não será assim que reduziremos a agressividade dos dois bandos.

Nada os impedirá de lutar, a não ser que seja chamada a intervir alguma força moral.

Onde reside pois a esperança de paz? Presume-se geralmente que a paz é qualquer coisa elaborada pelos governos e em particular pelas Nações Unidas. Pensa-se tratar-se de alguma coisa como deitar óleo numa pirâmide, constituindo o alto da pirâmide as Nações Unidas e a base o povo.

Tudo o que temos a fazer é gozar a paz, criada pelas nações reunidas em assembleia, deixando que a paz se derrame sobre os indivíduos.

Na realidade a paz não deriva lá de cima, no sentido de ser preparada pelas Nações Unidas. A paz lembra mais uma árvore do que uma pirâmide. As

raízes da árvore são constituídas pelo povo, que tem de albergar a justiça nos corações; os ramos da árvore, apontando para o céu, representam o conhecimento e dependência das nações do Deus da justiça, Manancial da Lei e da Equidade.

Esta espécie de paz relaciona-se também com o medo. Lembremo-nos, porém, que há duas espécies de medo: servil e filial.

Medo servil é o receio de um escravo por um tirano, ou o receio que os Estados Unidos sentem pelos Sovietes e os Sovietes pelos Estados Unidos.

Medo filial é o receio de um filho devotado por um bom pai, ou de um amigo por outro amigo. É pois uma espécie de reverência ou um recuo instintivo do ser perante a possibilidade de fazer mal a alguém, a quem amamos.

Esta espécie de medo é salutar, pois reconhece Deus como garantia segura de uma Lei moral.

Se, em vez de recearmos miasmas e comunistas, receássemos a decadência da nossa lei moral; se restaurássemos a santidade do lar e do casamento, se educássemos as crianças na disciplina e no amor a Deus, e empregássemos mais zelo em defender a lei moral, teríamos então menos medo do inimigo, pois, se Deus estiver connosco, quem poderá prevalecer contra nós?

CAPÍTULO XXV

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

Só existe um sol para alumiar o mundo, e à sua volta giram os planetas que constituem a constelação solar. Dentro da ordem política há dois grandes «sóis» que procuram iluminar e guiar o mundo, tentando cada um angariar satélites para o servir. Um desses corpos políticos luminosos é constituído pelos Estados Unidos; o outro é a Rússia.

Para a sua própria protecção, os Estados Unidos ergueram pelo mundo fora uma barricada de dinheiro entregue à guisa de ajuda, fornecendo armas como medida de protecção.

Os Sovietes ergueram como propaganda e dissenção uma barricada de dinheiro, com o objectivo de conquista espalharam armas de fogo, e as armas psicológicas do medo, do terror, por entre campos de concentração, alçapões de Polícia secreta, masmorras e morte.

Há contudo duas grandes diferenças entre estes dois sistemas mundiais: A primeira diferença consiste em a Rússia estar na ofensiva e os Estados Unidos na defensiva. A ofensiva da Rússia não é só devida ao facto de querer conquistar pela força das armas, mas também porque os Sovietes têm

uma filosofia definida da vida. Sabem o que querem; sabem o que desejam realizar, e esta unanimidade de devoção a uma ideologia dá-lhes uma força, inspirada no espírito das religiões inferiores, inimigas das alegrias da ressurreição.

Todavia, os Estados Unidos estão na defensiva, não só porque em seus corações não querem fomentar a guerra, mas também porque lhes falta a unidade de propósito que decerto os animaria, se se vissem como defensores não de métodos políticos, mas sim da grande herança espiritual das tradições hebraico-cristãs.

A segunda diferença é esta: A Rússia escolheu ir para o Oriente para desenvolver nos seus satélites o desejo da conquista mundial; a América escolheu principalmente a Europa para sua defesa. A política soviética consiste em conquistar a Europa, depois de ter conquistado a Ásia. Lenine disse: «O caminho mais curto para Paris passa através de Peiping». Os Sovietes estão a combater até à última gota de sangue chinês e coreano, com o fim de ganhar eventualmente toda a Ásia e toda a África.

Pelo contrário, os Estados Unidos concentraram a sua defesa principalmente na Europa, através do plano Marshall e da NATO. Esta defesa não foi ditada pela certeza de como a Europa era detentora da herança cristã da liberdade e do valor da personalidade, mas sim pela proximidade geográfica.

Força e fraqueza do comunismo no Oriente. A força do comunismo reside no facto de explorar os dois pontos mais fracos em todas as filosofias orientais; a falta de respeito pelo valor da personalidade humana e a falta de respeito pela liberdade humana.

O Oriente acredita num vago e indeterminado fundo, como um oceano de que procedem todas as pessoas e para onde têm de voltar. Tal qual como a gota de água, tirada do oceano, continua a ser H₂O sem qualquer qualidade particular, assim todas as pessoas, de acordo com o pensamento oriental, nascem para o mundo como pequena determinação da vasta massa, mas sem personalidade distinta nem valor próprio. Nascem deste vago espírito do universo, para onde voltam quando morrem. Por vezes, este vago espírito é até chamado «inconsciência» como para marcar bem enfaticamente que a consciência, um dos atributos da personalidade, se perde no vasto tonel do impessoalismo.

Na base da filosofia comunista encontramos o valor da massa e a insignificância do indivíduo ou da pessoa. Karl Marx disse que «o indivíduo em si e por si não tem valor, a não ser como membro da massa revolucionária». O comunismo constrói formigueiros; ora as formigas não são pessoas; para os Sovietes, uma pessoa é como bago de uva que continua a existir, dada a condição do seu valor pessoal, individual, lhe ser extraído, de forma a só existir no vinho do Estado.

O desrespeito do comunismo e o seu desprezo pela personalidade encontram solo fértil no Oriente onde só contam a totalidade e tudo o que é impessoal. Pode existir um mundo de diferenças entre o Nirvana e o estado totalitário do comunismo, mas há pouca ou nenhuma diferença no desrespeito pela personalidade humana, que torna possíveis as duas coisas.

A segunda ideia predominante no Oriente é a falta de respeito pela liberdade humana. Isto é de-

vido ao facto de que toda a criatura, de acordo com o pensamento oriental, é mais ou menos orientada por um destino absoluto, pelo Karma, pelos processos cíclicos da natureza, e até na religião, as pessoas são impulsionadas pela vontade de Deus, de forma a tornar praticamente impossível o progresso humano. O progresso no Oriente consiste na resignação passiva, porque o individuo é somente um raio do grande sol, surgindo de manhã e regressando à noite ao ponto de partida no grande giro do universo. Este processo de ignorar a liberdade humana e o livre arbítrio, cooperando com a vontade de Deus, é terreno fértil em que o comunismo pode crescer; bem como o Oriente é determinado pelo destino, assim o comunismo ensina que a história é determinada pela economia e pelos métodos de produção. O comunismo substitui o destino, o Karma, a vontade absoluta de Deus pelo partido e pelo ditador. Assim como a mente oriental encontra a sua falsa paz na submissão passiva a uma vaga determinação, assim também o comunismo oferece paz, dizendo não haver liberdade, excepto no Estado, no ditador e no partido.

A fraqueza do comunismo. A fraqueza do comunismo consiste na sua teoria e na sua prática — na sua teoria, porque promete alguma coisa que não pode dar: promete paz e prosperidade, e após trinta e oito anos o camponês russo é um dos mais pobres do mundo.

Contudo, a sua maior fraqueza reside na prática. O comunismo advoga querer salvar os pobres. Na teoria, trata da pobreza mas, concretamente, nada faz. Uma das razões para esse procedimento é que ama «as massas», mas não o pobre. Centralizou as

suas energias na adoração duma abstracção tal qual como o fez a revolução francesa, adorando a «humanidade»; ora a humanidade não existe nem existem as massas; há só a pessoa individual. Muitas vezes, aqueles que adoram a humanidade ou as massas são intolerantes para certas pessoas, em particular para os que os incomodam, ou porque respiram ruidosamente ou porque são enfadonhos ou impertinentes. É então que o humanitarista e o adorador das massas dizem: «Amo a humanidade, mas não este homem ou esta mulher». Em todo o caso, toda a criatura no mundo possui uma alma imortal, e é tão preciosa aos olhos de Deus como a alma de Hildebrand ou Shakespeare.

O comunismo nada pode fazer pelo problema do sofrimento. Pode na verdade glorificar um membro do partido, preso e condenado por governo democrático; pode embalsamar os seus heróis, como fez a Lenine, mas não pode aliviar o sofrimento dos que não morrem por uma ideologia, mas sim, vítimas dum mundo pecador. Os Sovietes gastaram milhões de dólares nos Estados Unidos na pseudodefesa dos pobres, mas onde está um hospital, construído nos Estados Unidos, ou na China ou na Coreia ou na China do Norte para os que não são membros do partido! Todavia, se alguém ama os pobres é extremamente importante provar-lhes por meio de cuidados esse amor, sobretudo quando, em teoria, essa gente se orgulha de ser defensora e advogada das classes menos favorecidas.

A pobreza do mundo. Esta fraqueza torna-se mais evidente quando se estuda a horrível pobreza que existe no mundo oriental, pobreza que o comu-

nismo sempre tem ignorado. Consideremos em primeiro lugar os rendimentos. Os rendimentos por cabeça, isto é, os rendimentos de cada homem, mulher e criança nos Estados Unidos eram de 1.750 dólares. Na China, antes da revolução comunista, era de 26 dólares. Agora, é ainda menor. No Paquistão é de 51 dólares; na Índia, 56 dólares; na Colónia do Quênia, África, é de 42 dólares; no Japão é de 170 dólares.

Um terço da população do mundo ganha menos do que um dólar por semana, ou seja, a equivalência nos Estados Unidos a quatro pacotes de cigarros. Dois terços no mundo ganham quatro dólares por semana ou a equivalência de oito «cocktails».

Dois terços da gente no mundo vão para a cama todas as noites com fome, enquanto que um terço do povo nos Estados Unidos sofre de superalimentação.

Na Índia, a média de vida é de 26 anos; nos Estados Unidos de 58 anos. Quarenta por cento das crianças na Índia morrem antes dos quatro anos de idade; só metade das crianças na Índia sobrevive até à idade dos vinte anos. Nos Estados Unidos há um médico para cada 750 pessoas. No Paquistão há um médico para 34.000 pessoas; na Indonésia, para cada 65.000 há um médico; na Indochina um para cada 60.000; na Nova Guiné um para cada 40.000.

Como se pode servir o mundo oriental, aliviando-lhe a pobreza? Será ajudar exigir garantia pelo auxílio económico a paízes empobrecidos? Será ajudar, quando em troca da assistência material se erguem bases militares no Este e noutros pontos? Será ajudar, garantir a direcção técnica no desenvolvimento da agricultura e da indústria? Nada disto, embora

leve os países do Oriente a tornarem-se satélites dos benfeitores, poderá jamais captar o mundo oriental. O amor não dá para receber em troca; o amor não ajuda para ser ajudado. O amor dá os seus afectos, embora encontre o ódio. Basicamente a pobreza não é um problema económico, mas problema espiritual. A pobreza é devida à falta de amor. O amor não explora; o amor compartilha e sacrifica-se. Os comunistas ateístas não amam o Oriente, porque se servem dele para subjugar e empobrecer o povo. Os anticomunistas também o não amam, quando exploram o Oriente para salvarem da invasão o mundo ocidental, ou quando erguem os corpos enfraquecidos e famintos do Oriente, enquanto os Sovietes disparam contra nós, ou os mandam para as trincheiras da frente para protecção dos que ficam nas trincheiras, à retaguarda. Os únicos que amam o Oriente são aqueles que o servem por amor de Deus, na esperança de fazer deles verdadeiros filhos de Deus. O mundo ocidental tem de ajudar o mundo oriental só por amor, se quiser salvá-lo.

A inspiração do nosso amor deve desdobrar-se em três formas. Nós, os do mundo ocidental, amaremos o mundo oriental, não porque são pobres e carecem de nós, mas porque nós somos pobres e carecemos deles. Porque é que o mundo oriental precisa de nós? Só para obter um tecto sobre as cabeças, roupa para o corpo, indústrias para o desenvolvimento económico, televisão para seu gozo, remédios para as feridas, cura para seus males e pão para os estômagos. E nós, porque precisamos deles? Para nos libertarmos do nosso tremendo egoísmo, para termos menos necessidade de recorrer a psicaná-

lises, para que possamos compreender as bênçãos divinas, para darmos parte da nossa riqueza, como prova de que somos dignos depositários dos presentes de Deus, para remissão de nossas faltas e pecados, para obter a graça para os nossos corações e a bênção do Céu, para ver Cristo no índio, no muçulmano, no chinês e no africano: «Tive fome e deste-me de comer».

Sem nós, faltar-lhes-ia o pão do corpo, mas sem eles faltar-nos-ia o leite da ternura humana e a alegria de servir. Se desaparecêssemos do mundo, eles perderiam vantagens materiais; se eles desaparecessem, perder-se-iam vantagens espirituais.

Uma segunda razão para os amarmos é porque nem todos nós dispensamos à nossa volta amor. Nós somos como rios; quanto mais terreno cobrimos, menos profunda é a água do nosso affecto. Devemos pois salvar o nosso amor para aqueles abaixo de nós, de preferência àqueles que estão acima de nós. Os que estão acima de nós dispensam a nossa ternura, porque têm outros que lha concedem largamente.

A tragédia do mundo é haver tanta gente sem ser amada. As rosas são sempre belas e cheiram maravilhosamente, e por isso todos querem possuí-las. A roseira brava, porém, tem folhas cheirosas e quando chove, sobretudo, evola-se dessas folhas um doce perfume. Os simples e pobres no mundo lembram estas folhas; há qualquer coisa de fragrante neles, especialmente quando os seus dias são sombrios e a chuva cai nas suas vidas. Qualquer pessoa pode amar uma rosa opulenta; mas é preciso um grande coração para amar flores bravas. É para esta finalidade que trabalhamos. Todas as importâncias

resultantes destas conferências e livros destinam-se a ajudar os pobres do mundo. Nem um cêntimo será reservado a despesas particulares.

O amor vigilante tudo entrega para ajudar:

3.400 dispensários
1.900 orfanatos
1.200 hospitais
280 asilos para velhos
225 leprosarias
51.000 escolas.

No ano passado, olhámos por sessenta e oito milhões de doentes, velhos, órfãos, crianças e vítimas da lepra; noventa por cento destes infelizes não eram cristãos. O serviço foi feito por meio de cem mil trabalhadores técnicos, professores, médicos, enfermeiras — nenhuma destas pessoas recebe um ceutil de salário. Se queremos levar ao Oriente o amor de Deus, temos de começar por pô-lo em prática, nós próprios. Em Assan, na Índia, estamos a criar escolas agrícolas; na Nova Guiné, escolas comerciais e armazéns cooperativos, para os nativos. No Saará estamos a abrir poços para os muçulmanos; na Tunísia, após cinquenta e sete anos de tentativas de cruzamentos de gado, desenvolvemos finalmente uma raça de gado, capaz de suportar o clima quente e que não será susceptível de contrair as epidemias, vulgares nesta região.

O povo da América não sabe quanto carece dos pobres do Oriente; os pobres do Oriente não sabem como são ricos... ricos em orações e bênçãos para aqueles de entre nós que lhes dão o pão do amor.

ÍNDICE

	Fôgs.
CAPÍTULO I—Os efeitos psicológicos da bomba de hidrogénio	7
II— Como é possível perder a popularidade	17
III— A glória do Soldado	25
IV— Anjos	35
V— Lição n.º 1 de Ciências Económicas	46
VI— Nações Unidas	57
VII— O significado do amor	66
VIII— O que é o alcoolismo	75
IX— Cura do alcoolismo	85
X— Macbeth	95
XI— Os meus quatro escritores	106
XII— Leis do casamento	122
XIII— Falhou o Cristianismo?	130
XIV— Delinquentes juvenis	138
XV— Liberdade	149
XVI— Será a asserção do eu sempre um erro?	161
XVII— A educação das crianças	171
XVIII— O povo russo	182
XIX— Cura do egoísmo	193
XX— Paixões humanas	204
XXI— O maior julgamento da história	216
XXII— A religião na Rússia	238
XXIII— Castigo corporal ou não?	245
XXIV— A cantiga Russa da coexistência	257
XXV— O mundo em que vivemos	269

**ESTE LIVRO ACABOU DE SE IMPRIMIR
AOS 22 DE DEZEMBRO DE 1956, NA
TIPOGRAFIA MODESTA, A R. DOS CAL-
DEIREIROS, 43 — PORTO**